

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Mulheres no Púlpito: as pastoras luteranas e o pastorado
(década de 1970 a 1990)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História Cultural, sob orientação da Prof. Dra. Joana Maria Pedro e co-orientação do Prof. Dr. João klug.

**Josilene da Silva
Florianópolis
2004**

A mãe disse para a filha:
_ Se o homem é a cabeça, a mulher é o pescoço e
vira a cabeça para onde quiser!
(Trecho do filme *Casamento Grego*)

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
AGRADECIMENTOS.....	8
SIGLAS.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
1 As fontes.....	15
1.1 A realização das entrevistas.....	15
1.1.1 As pastoras.....	15
1.1.2 Os membros.....	16
1.2 Os jornais.....	16
1.3 Os trabalhos acadêmicos escritos pelas estudantes de Teologia na EST: TCCs e Dissertações.....	16
I Capítulo: Os usos da Bíblia: tensão e ambigüidade no debate travado entre os luteranos sobre a situação das mulheres (década de 70 a 2000).....	18
1.1 A situação das mulheres em debate: rompendo as fronteiras do gênero	24
1.2 A autoridade dos homens sobre as mulheres: “instituição divina”.....	28
2 A presença das mulheres na EST.....	33
2.1 O Grupo de Mulheres na EST.....	40
2.2 A implantação da disciplina Teologia Feminista na EST: entre a perspectiva da mulher e o gênero.....	42
II Capítulo: Experiências de mulheres: as pastoras luteranas narrando sobre suas trajetórias	47

	4
1 A escolha da profissão	49
2 A reação dos pais	52
3 O período na faculdade, no estágio e nas comunidades	54
3.1 O pastorado voluntário	61
3.2 Não ao confronto	64
4 A pastora solteira	68
5 A pastora e a oratória	69
6 A pastora, a esposa do pastor, a mãe e a dona-de-casa	71
6.1 O cuidado da casa	72
III Capítulo: As pastoras luteranas e o pastorado	74
1 A criação do Grupo de Mulheres e a opção pelo feminismo da igualdade: um primeiro momento na formação das pastoras.....	82
1.1 As diferencialistas	83
1.1.1 A pastora como complemento do pastor	84
1.2 Entre o diferencialismo e o igualitarismo	86
1.2.1 O uso do estereótipo feminino pela pastora	87
1.3 Da igualdade ao gênero.....	88
2 A adoção da cadeira de Teologia Feminista na década de 90: uma nova forma de pensar o pastorado.....	92
2.1 O gênero na fala das pastoras.....	93
2.2 As diferencialistas	94
3 A Teologia Feminista na EST e a negação do feminismo.....	98
4 As identificações das pastoras com as linhas teológicas da IECLB: entre a Teologia da Libertação, o Tradicionalismo e o Pietismo.....	102
4.1 A opção pela Teologia da Libertação	102

5 Paulo, libertador das mulheres ou não? As pastoras luteranas discutindo os escritos do Apóstolo Paulo	106
5.1 Paulo: o libertador das mulheres	107
5.2 Paulo: o não libertador das mulheres	110
6 A pastora na visão dos membros luteranos	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
FONTES	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
ANEXO	128

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo dar historicidade ao processo de formação das pastoras luteranas no período de 1970 a 1990. Uma das principais questões é perceber o diálogo das estudantes da Escola Superior de Teologia (EST), localizada em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, com as teorias feministas que foram surgindo a partir de meados da década de 70, momento em que esta faculdade começa a aceitar mulheres no estudo teológico. Uma outra questão é observar como estas estudantes de Teologia, a partir de sua presença nesta faculdade, foram se construindo como pastoras.

Palavras-chave: história, feminismo, identidade.

ABSTRACT

This dissertation intends to historicize the formation process of the Lutheran shepherdes in the period between 1970 and 1990. One of the main questions is to perceive the dialogue of the Superior School of Theology (EST) students, located in São Leopoldo, Rio Grande do Sul, with the feminists theories which had been appearing from the middle of 1970s decade, moment where this college started to accept women in the theological study. One another question is to observe how these students of Theology, from its presence in this college, they had been constructing themselves as shepherdes.

Keywords – history, feminism, identity.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação foi um grande desafio na minha vida, um desafio que só foi vencido com o apoio e o incentivo de várias pessoas.

Gostaria de agradecer especialmente à Prof.^a Dr.^a Joana Maria Pedro, que com muito carinho, paciência e dedicação me orientou, repartindo o seu conhecimento. Do mesmo modo, agradeço ao meu co-orientador, Prof. Dr. João Klug, que também sempre esteve disposto a me ajudar no que fosse preciso.

De grande importância também foi o incentivo que recebi de meus amigos, Lenita Raad, Janine Petersen e Aujôr de Souza Júnior. Estes amigos se tornaram especiais para mim, pois deles recebi motivação, além de ter compartilhado momentos alegres e difíceis nestes longos anos de vida acadêmica.

Gostaria de deixar meu agradecimento à Maristela Moreira de Carvalho que, com muita atenção, ajudou-me não só na correção ortográfica, mas também pela troca de idéias.

À minha amada mãe, Maria Esmeraldina Schmitz da Silva que, mesmo não tendo estudo, sempre me incentivou a estudar, apesar das dificuldades. Ao meu irmão Jade e sua esposa Cleusa, gostaria de também deixar minha sincera gratidão, pois a ajuda destes foi fundamental para a realização deste trabalho.

Ao meu noivo Alysson Kopsch, um agradecimento especial por ter sido sempre um alento nas horas de angústia. Aos seus pais, Wilson e Célia Kopsch, por terem sempre me incentivado.

Ao auxílio financeiro fornecido pela CAPES – CNPq, que foi muito importante para a realização deste trabalho. Meu muito obrigado pelo apoio desta instituição.

SIGLAS

EST – Escola Superior de Teologia

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

PPHP – Período Prático de Habilitação Pastoral

FACTEOL - Faculdade de Teologia

OASE – Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo trazer uma nova reflexão sobre o processo de formação das pastoras luteranas, processo este iniciado a partir da década de 70, já que foi este o momento em que as mulheres luteranas passaram a estudar Teologia e a serem ordenadas. Salientamos, nesta dissertação, que a formação das pastoras na Escola Superior de Teologia (EST), passou por diferentes momentos, sendo possível observar três gerações distintas. Utilizamos, por isso, o conceito de geração, contudo é importante destacar que o uso deste conceito não tem o objetivo de delimitar uma linha temporal inflexível. Na verdade, o que pretendemos destacar é o fato do processo de formação das pastoras ter passado por três momentos que foram influenciados pelo tipo de teoria feminista utilizada pela EST para refletir a situação das mulheres na Igreja.

O interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu a partir do momento em que soubemos da existência de pastoras na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Para nós, isto foi uma novidade, pois na Igreja da qual participamos até os 18 anos não era possível uma mulher tornar-se pastora. No período em que congregamos na Igreja Batista, não imaginávamos a possibilidade das mulheres ocuparem o espaço do pastorado. Sempre aprendemos que as mulheres poderiam tornar-se grandes missionárias e evangelizadoras, mas não era possível que se tornassem pastoras. Em 1998, começamos a participar da IECLB e entrar em contato com esta nova forma de expressão religiosa. Embora a Igreja Batista também fosse uma Igreja histórica tradicional, como a IECLB, pudemos perceber que ambas possuíam diferenças significativas, uma delas era a possibilidade que mulheres da IECLB tinham de exercerem o pastorado.

A partir deste momento, quando nos deparamos com esta questão, começamos a indagar sobre como as mulheres luteranas entraram no pastorado e como foi construída a sua formação na EST, instituição de ensino ligada à IECLB. Esta indagação também surgiu, devido a influência de uma série de leituras sobre as relações de gênero, realizadas durante um trabalho de pesquisa da qual participamos, pesquisa esta coordenada pela Prof.^a Dr.^a Joana Maria Pedro, intitulada “A Medicalização da Contracepção: conhecimento e autonomia (1960-1980)”. A partir das indagações surgidas através deste trabalho, procuramos ler sobre religião e gênero, momento em que percebemos o quanto este tema ainda não havia sido bem explorado, não existindo muitos trabalhos sobre o assunto. Foram encontrados, contudo,

alguns trabalhos importantes que analisam, especificamente, o processo de formação das pastoras luteranas e estes são referências fundamentais para quem estuda este tema. Dentre estes podemos destacar o trabalho de Fátima Weiss de Jesus¹, o qual teve o objetivo focalizar, a partir de um olhar de gênero, o processo de inclusão das mulheres no ministério pastoral na IECLB, buscando perceber também, através da fala de pastoras e teólogas, como elas construíram toda a sua trajetória. Num momento anterior a este trabalho, a teóloga Maristela Livia Freiberg² realizou sua pesquisa sobre este mesmo processo, mas não a partir de um olhar de gênero, diferenciando-se de Fátima Weiss de Jesus. Freiberg, em seu trabalho, trouxe muitas fontes, documentos sobre as primeiras pastoras que estudaram na EST, o que para nós tornou-se fundamental, pois ela foi a primeira a juntar um número de documentos importantes para pensarmos sobre o processo de formação das pastoras luteranas.

Antes de continuarmos nossa discussão, é fundamental conhecermos um pouco sobre a hierarquia da IECLB e a função desempenhada por seus pastores e pastoras. Segue em anexo um organograma³ da IECLB que contribui para o esclarecimento da sua estrutura institucional. Cabe aos pastores e às pastoras responsabilidade especial pelos cultos e os ofícios, bem como pelo aconselhamento e a disciplina fraternal. Seu trabalho é coordenado com os demais ministros e os presbíteros.

Na presente dissertação, optamos por utilizar a categoria geração, como já salientamos, para estabelecer uma periodização na formação dessas pastoras, embora haja algumas restrições no seu uso, em especial por parte de alguns historiadores. Lucien Febvre, por exemplo, discordava da utilização desta categoria e, em 1929, sugeriu que a abandonasse.⁴ Entretanto, nas últimas décadas, os historiadores têm mostrado a pertinência na utilização desta categoria como periodização e hoje ninguém tem contestado a sua fecundidade para a história.⁵ A geração é uma construção do historiador, que classifica e rotula as diferentes gerações. Ela é uma peça fundamental para pensarmos a divisão do tempo. Este limite deve ser marcado por um fato inaugural, mas deve ser elástico, distanciando-se de uma visão aritmética do tempo.⁶

¹ JESUS, Fátima Weiss de. As mulheres sem tranças: uma etnografia do ministério pastoral feminino na IECLB. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2003. 106 p.

² FREIBERG, Maristela Livia. Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1997.

³ ANEXO. p.128

⁴ SIRINELI, Jean – François. A geração. In: (Org) FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998., p.p. 131-137. p 132.

⁵ Idem. p. 137.

⁶ Ibidem. p. 134.

A existência destas três gerações reflete a preocupação das estudantes de Teologia em buscar uma base teórico-metodológica para pensar as mulheres no campo religioso, pois, num primeiro momento, na década de 70, as estudantes buscaram uma aproximação com as discussões realizadas, na época, pelas feministas. O feminismo que imperava neste momento era o que afirmava a diferença entre homens e mulheres. Num segundo momento, percebemos que muitas estudantes se identificaram com o feminismo da igualdade, que surgiu a partir da década de 80, trazendo uma nova percepção das mulheres tanto na sociedade quanto no espaço eclesiástico. A partir da década de 90, a EST passou por um terceiro momento no que diz respeito à formação das pastoras, pois o gênero, que surgiu nesta época como uma nova categoria, passou a ser utilizado nas discussões realizadas pelas estudantes de Teologia.

A IECLB, a partir da década de 70, passou a formar mulheres para atuar no pastorado. Este processo de mudança foi contemporâneo do ressurgimento do Movimento Feminista que, desde os anos 60 na Europa e nos Estados Unidos, e a partir de meados dos anos 70 no Brasil, passou a organizar-se com novas reivindicações. A maneira como as discussões ocorreram dentro da Igreja Luterana – discussões estas mais ligadas à Teologia da Libertação e à forma como as mulheres luteranas organizaram-se, reivindicando espaços no campo religioso - refletiu os confrontos e ambigüidades deste feminismo retomado a partir da década de 60.

É importante destacarmos que o espaço do pastorado como um campo de disputas entre religiosos, com o objetivo de construir saberes sobre a religião e sua prática, ou seja, produzir o que Bourdieu⁷ chama de capital religioso, que legitime determinado saber sobre esta prática. Desta forma, podemos perceber as pastoras neste campo de disputas, onde buscam a construção de um novo olhar sobre as mulheres na Bíblia, procurando também legitimar sua presença no pastorado da IECLB.

Foi através da História Cultural que este trabalho pôde ser problematizado desta maneira. Sabemos que foi a partir da década de 70 que o olhar sobre a História passou por mais um “abalo”, sofrendo uma série de transformações. A História Cultural emergiu trazendo uma nova forma da história trabalhar a cultura, ou seja, trata-se de pensar a cultura como “um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens (e mulheres) para explicar o mundo”.⁸ Ainda, a cultura passou a ser vista como “forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às

⁷ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva. 1988.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 15.

palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto, já com um significado e uma apreciação valorativa”.⁹

O conceito de representação tornou-se uma categoria central da História Cultural. Segundo Roger Chartier:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.¹⁰

É este o nosso objetivo: através da História Cultural, mostrar como a diferente relação dos homens e mulheres com o espaço religioso é uma construção histórica que surgiu num contexto em que se delegou aos homens o trânsito livre neste espaço e a responsabilidade pelas funções que exigem o exercício de autoridade, poder e decisão. As mulheres foram afastadas deste tipo de função, tornando-se cada vez mais responsáveis pela assistência social dentro da igreja, sendo as ouvintes mais devotas e presentes nos cultos.¹¹

Para a realização desta pesquisa, utilizamos também a categoria de análise de gênero. A utilização desta categoria possui uma historicidade que está intimamente ligada à trajetória do Movimento Feminista. Citando Kristeva, Joana Maria Pedro, mostra as transformações que se sucederam através de três gerações do feminismo que influenciou a historiografia. Na década de 70, a primeira geração de feministas da historiografia era formada por historiadoras (es) que reivindicaram uma história que percebesse as mulheres como sujeitos históricos.¹² Uma segunda geração baseou-se na ideia da diferença, onde os historiadores (as) buscaram encontrar uma cultura própria das mulheres e, conseqüentemente, escrever uma história própria sobre as mesmas. Esta geração criou a categoria mulheres.¹³ Por sua vez, a terceira geração do Movimento Feminista é constituída por aquelas (es) historiadoras (es) que começaram a utilizar o gênero como categoria de análise histórica, uma categoria que, Segundo Joana Maria Pedro, leva os historiadores a pensarem, entre outras coisas, “que a organização social das relações entre os gêneros é instável, e depende de múltiplas

⁹ Idem. p.15.

¹⁰ Ibidem. p. 39.

¹¹ CHARTIER, Roger. Introdução. In: A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa [Portugal]: Difel, 1990. p.17.

¹² PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. In: Revista Catarinense de História. n. 2, 1994. pp- 35-43, 38-39.

¹³ Idem. p. 39.

determinações e relações de poder. Perceber estas relações, e a conseqüente construção dos gêneros pode nos apontar como funcionam, e a possibilidade de mudá-los.”¹⁴

A ênfase sobre a diferenciação dos gêneros teve grande importância no desenvolvimento metodológico da História Cultural. Segundo Lynn Hunt¹⁵, Joan W. Scott, ao trazer a idéia de que a relação de gênero é um primeiro campo onde o poder é articulado, contribui para pensar como o poder permeia as relações de gênero e como o gênero é construído também a partir do discurso.

Neste trabalho de gênero, iremos abordar a memória das pastoras sobre suas trajetórias. Marina Maluf nos orienta sobre como trabalhar a memória. Primeiramente, esta autora aponta a necessidade de pensarmos o fundamento da recordação que, segundo ela, é dado por um sentimento de realidade. O narrador, quando narra sobre o seu passado, tende a acreditar que está trazendo a verdade absoluta sobre este passado.¹⁶ Maluf ainda salienta que o ato de lembrar não significa que o narrador possa trazer seu passado puro e intocado, mas, pelo contrário, o ato de lembrar é reconstruir o passado pela vida atual, ou seja, pelo lugar social que aquele que lembra ocupa. Segundo a autora, “nada é esquecido ou lembrado no trabalho de recriação do passado que não diga respeito a uma necessidade presente daquele que registra. Se lembramos, é porque a situação presente nos induz a lembrar”.¹⁷ Maluf também afirma que o lugar de onde o relato é narrado deve ser analisado, pois

não há lugar no mundo que não esteja mergulhado na linguagem e na cultura, de qualquer lugar que se fale (...) não há como erradicar o ponto de vista, a incerteza, a contradição e a parcialidade da narrativa. Toda palavra reflete uma perspectiva particular esculpida por fatores sócios-culturais, políticos e sociais.¹⁸

Deste modo, entendemos que as entrevistadas, ao narrarem sobre suas trajetórias, estão construindo-se na narrativa, pois não é possível reviver o que viveram, e nem voltar a um passado intocado. Estas mulheres lançam um olhar sobre seu passado, que não deixa de ser uma elaboração feita a partir do presente, sendo também uma perspectiva particular. Não podemos deixar de perceber esta narrativa como um ponto de vista que pode ser contraditório e incerto. Por isso, existe a necessidade do entrevistador interpretar os depoimentos à luz de um sólido referencial teórico.

¹⁴ Ibidem p. 39.

¹⁵ HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 24.

¹⁶ MALUF, Marina. Ruídos da memória. São Paulo: Siciliano. 1995. p. 30.

¹⁷ Idem. p. 31.

¹⁸ Ibidem. p. 34.

1 As fontes

1.1 A realização das entrevistas

1.1.1 As pastoras

Para a realização desta pesquisa, tornou-se fundamental utilizarmos a História Oral como uma maneira de conhecer o percurso das pastoras. As autoras Marieta Moraes Ferreira e Janaína Amado nos orienta sobre as técnicas específicas para a realização das entrevistas, transcrições e de procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa. A História Oral nos permite apenas formular questões, enquanto que as respostas cabem ao historiador oferecer através de suas análises.¹⁹ A leitura do livro “Manual de História Oral”, de Verena Alberti, também foi significativa para a compreensão das etapas de preparação, realização e tratamento das entrevistas.²⁰

Durante a elaboração desta dissertação, foram entrevistadas dez pastoras, sendo que nove exercem o pastorado em comunidades luteranas em Santa Catarina. Wanda Deifelt é pastora e professora da disciplina Teologia Feminista na EST, em São Leopoldo, RS.

A localização destas pastoras não foi difícil. A IECLB publica anualmente um prontuário com os nomes de todas as (os) pastoras (es) que atuam no Brasil e no exterior. Portanto, esta primeira etapa não foi complicada, embora tenha havido algumas dificuldades no acesso a estas pastoras, pois muitas se encontravam em várias regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Dessa forma, estive em Pomerode, Timbó, Indaial, Joinville e Blumenau, em Santa Catarina, além de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. A região de Blumenau é a que mais concentra pastoras no Estado. Somente nesta região entrevistei três delas.

A realização das entrevistas foi feita a partir de um questionário por nós elaborado, sendo realizada num local onde nos encontrávamos a sós. No entanto, ao longo da pesquisa, este roteiro de entrevistas passou por algumas modificações que se tornaram convenientes.

O interesse em saber sobre suas trajetórias fez com que as pastoras nos recepcionassem bem. Recebemos atenção desde a marcação das entrevistas, feita por telefone como também durante as entrevistas. Percebemos que elas desejavam falar sobre suas experiências como pastoras e suas trajetórias. Elas “se orgulham” de exercer este ministério dentro da Igreja e sabem que, por muito tempo, este espaço, lhes foi negado. Neste sentido,

¹⁹ FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: Usos e Abusos da História Oral. Op.Cit, p. xii.

²⁰ ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

observamos que nossa conversa foi bastante “aberta”, ou seja, mostraram-se bastante interessadas em colaborar com a pesquisa que estava sendo realizada.

1.1.2 Os membros

Também entrevistamos cinco membros da IECLB, dentre os quais três participam da comunidade de Indaial, enquanto os demais congregam na Paróquia de Pomerode. No decorrer da pesquisa, achamos ser necessário observar também a maneira como os membros de algumas paróquias viram a entrada das mulheres no pastorado de suas comunidades e como eles começaram a perceber o trabalho da pastora. Para isso, entrevistamos pessoas com idade próxima ou superior a 50 anos de idade.

A realização das entrevistas com membros das igrejas, e que se inseriram neste perfil, foi mais complicada. Entramos em contato, primeiramente, com muitas senhoras que acabaram ficando receosas em nos encontrar. Diante desta situação, não nos restou outra alternativa, a não ser ir até suas casas. Por isso, fizemos uma seleção daqueles endereços que me eram mais familiares.

1.2 Os jornais

Para a realização desta pesquisa também utilizamos jornais importantes que circularam no meio luterano nas décadas de 60, 70 e 80, como o Jornal Evangélico e A voz do Evangelho. Maria Helena Capelato nos orienta acerca da utilização do jornal como uma fonte histórica, pois, segundo afirma, através da análise dos jornais é possível conhecer uma época. Ainda, através da análise dos discursos dos jornais, é possível depreender visões de mundo representativo e muitas vezes divergentes.²¹

1.3 Os trabalhos acadêmicos escritos pelas estudantes de Teologia na EST: TCCs e Dissertações

Também utilizamos como fonte os trabalhos acadêmicos escritos, a partir da década de 70, por estudantes de Teologia na EST. Através da análise destes trabalhos, foi possível constatar algumas mudanças na perspectiva da teoria feminista utilizadas por estas estudantes.

²¹ CAPELATO, Maria Helena R. Imprensa e História do Brasil: Imprensa oficial e imprensa contestadora. O jornal como documento. O papel do jornal na História. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 34.

Foi a partir da década de 80 que surgiu um número crescente de trabalhos acadêmicos como TCCs e Dissertações que problematizaram as mulheres na Igreja. Sobre isso iremos discutir melhor no final do primeiro capítulo, quando abordamos as diferentes teorias feministas utilizadas por estas estudantes.

O objetivo do primeiro capítulo será observar a maneira como os (as) luteranos (as) fizeram uso dos escritos bíblicos no debate sobre a situação das mulheres na sociedade e na Igreja, debate este travado nas décadas de 70, 80 e 90, no interior da IECLB. Assim também queremos perceber como as estudantes de Teologia da EST, neste mesmo período, buscaram uma aproximação com a Teologia Feminista, sendo esta uma nova forma de pensar as mulheres no campo religioso.

O segundo capítulo tem o objetivo de observar de que maneira as pastoras narram sobre suas experiências e trajetórias no pastorado. Observamos que essas pastoras se constroem de duas maneiras através de suas narrativas. Um grupo enfatizou a experiência de sua trajetória como um momento difícil, especialmente por serem mulheres. Esta experiência é narrada como um momento em que precisaram lutar pela conquista do espaço do pastorado. Este grupo de mulheres é formado, principalmente, pelas pastoras formadas na década de 70 e 80. Por outro lado, outras pastoras enfatizam que, embora tenham passado por dificuldades no exercício de seu trabalho, pelo fato de serem mulheres, procuram não entrar em confronto com a comunidade. Para estas, há necessidade de utilizar atributos considerados femininos - como o “carinho”, a “sensibilidade” e a “docilidade” - para conquistar a confiança dos membros e evitar possíveis conflitos. Este grupo é formado, basicamente, pelas pastoras formadas recentemente.

O terceiro e último capítulo tem por objetivo mostrar como as pastoras luteranas têm pensado e construído a sua prática pastoral. Observamos que elas têm pensado o pastorado de maneira muito própria e independente da formação que receberam na EST. A formação das estudantes de Teologia nesta faculdade passou por algumas transformações desde a década de 70, sendo possível observar três gerações. Estas transformações ocorreram, principalmente, em relação ao tipo de teoria feminista utilizada pela faculdade para pensar as mulheres na sociedade e no espaço religioso. É nosso objetivo mostrar, através da análise das entrevistas realizadas com pastoras formadas da década de 70 até 2002, as ambigüidades de seus discursos e de suas identificações. Além disso, neste capítulo também queremos observar de que maneira alguns membros luteranos percebem o pastorado exercido por mulheres.

CAPÍTULO I

Os usos da Bíblia: tensão e ambigüidade no debate travado entre os luteranos sobre a situação das mulheres (década de 70 a 2000)

Não pode haver judeu, nem grego, nem escravo, nem liberto, nem homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus (Gálatas 3: 28).

O homem sendo o ‘cabeça’ é o controlador e a autoridade sobre a mulher (I Coríntios 11: 3).

Os versículos supracitados possibilitaram aos luteranos diferentes interpretações, pois o primeiro é utilizado para afirmar que homens e mulheres são iguais para Cristo, enquanto o segundo é percebido como sugestão de que os homens são superiores às mulheres. O autor Roger Chartier faz algumas considerações sobre o texto bíblico, considerações que podem nos ajudar a entender o surgimento de diferentes interpretações. Ele afirma que a fragmentação do texto bíblico, separado em unidades – capítulos e versículos – pode propiciar uma leitura na qual seitas, grupos religiosos e indivíduos acabam legitimando, conforme sua conveniência, alguns desses fragmentos, podendo torná-los rapidamente aforismos independentes.²² Ou seja, a leitura não contextualizada de um mesmo texto pode gerar interpretações divergentes.

Em relação ao uso da Bíblia pelos luteranos, e à maneira muitas vezes divergente como a leram neste período, é necessário discutirmos o conceito de leitura. Segundo Jean Marie Goulemot, o ato de ler sempre produz sentido e essa prática é feita de um lugar cultural.²³ Conforme argumenta o autor, a leitura não é simplesmente encontrar o sentido desejado por quem escreve, o que implicaria coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido. Ler é constituir, e não reconstituir um sentido.²⁴

Goulemot descreve que “cada época constrói seus modelos e seus códigos narrativos” e diz que em cada período encontramos códigos diferentes, segundo os grupos culturais e que “essas narrativas diferentes coabitam no mesmo espaço cultural e social.”²⁵ A leitura é vista

²² CHARTIER, Roger. Comunidade de leitores. In: A ordem dos livros: leitores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2 ed. Brasília: Editora da UnB, 1998. p. 19.

²³ GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. Práticas de Leituras. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 107.

²⁴ Idem. p. 108.

²⁵ Ibidem.p. 113.

por este autor como uma estratégia de afrontamento e de manipulação. Salienta, também, que, a cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, tornando-se outro.²⁶

A utilização deste conceito sobre a leitura nos ajuda a entender as ambigüidades encontradas nos discursos de alguns luteranos a partir da década de 70, possibilitando falar que estas leituras são estratégias e têm o objetivo de produzir um sentido, seja proporcionar e justificar a entrada das mulheres em espaços antes ditos masculinos, ou reafirmar que o lugar das mulheres está restrito ao âmbito privado.

As citações bíblicas escritas pelo apóstolo Paulo foram muito utilizadas por segmentos da Igreja Luterana, já no início da década de 70, quando se iniciou uma discussão, no interior da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), sobre a situação das mulheres na sociedade. Esta igreja acompanhou, através de seus meios de comunicação, como o Jornal Evangélico²⁷, e outros materiais bibliográficos, como Roteiros de Trabalhos da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE)²⁸, as discussões que a sociedade brasileira estava realizando sobre a questão das mulheres neste período. Observamos que o debate travado por diferentes segmentos de luteranos se apresentou de forma ambígua, pois uns defendiam a mudança dos papéis que as mulheres exerciam na sociedade, enquanto outros procuraram manter, através de seus discursos, os papéis de mãe, esposa e dona-de-casa, como se estas fossem naturalmente funções exclusivas das mulheres. É interessante salientar que a divergência nos discursos destes luteranos pode ser vista como o reflexo da maneira como eles interpretaram a Bíblia naquele momento.

Não podemos deixar de citar que nesta época, década de 70, não somente as mulheres luteranas estavam buscando discutir a situação das mulheres dentro da igreja, mas esta era uma discussão que estava sendo feita por várias mulheres em diferentes áreas.

A passagem bíblica de Gálatas 3: 28, onde Paulo afirma que “não pode haver judeu, nem grego, nem escravo, nem liberto, nem homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus”, foi bastante utilizada por um grupo de luteranos que pretendia rever a imposição de funções específicas para cada sexo na sociedade. Este grupo de luteranos era formado especialmente pelas estudantes de Teologia. Estes membros luteranos buscavam não somente argumentos bíblicos, mas também procuraram discutir temas levantados pelo Movimento Feminista, como, por exemplo, mulher, trabalho, sexualidade, entre outros.

²⁶ Ibidem. 116.

²⁷ Este foi um dos jornais luteranos mais importantes que surgiu e circulou na década de 70, existindo ainda hoje.

²⁸ Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas. Este roteiro de trabalho é uma publicação que existe desde a década de 50 e tem por objetivo levar aos grupos de mulheres luteranas um guia de discussões para se realizar em grupo.

Houve luteranos, entretanto, que se utilizaram de inúmeras passagens bíblicas – como, por exemplo, a de I Coríntios 11:3, que afirma que o homem é o “cabeça” da mulher - para mostrar que as mulheres, por escolha divina, têm seu papel socialmente definido, tendo que submeter-se à autoridade masculina. Este grupo seria formado por luteranos que estavam ligadas a EST, como alguns professores e alunos na EST, inclusive luteranos que exerciam algum tipo de poder dentro desta Faculdade e na IECLB.

Estas duas formas discursivas presentes nestas duas décadas, ou seja, a que procura a mudança nos papéis sexuais e a que percebe a divisão desses papéis como natural e instituída por Deus, utilizam argumentos respaldados na Bíblia, especialmente nas palavras do Apóstolo Paulo quando este se refere às mulheres. É interessante observar que o texto escrito por este apóstolo apresenta no seu bojo a possibilidade para o aparecimento de argumentos divergentes sobre as mulheres. Iremos tratar disto neste trabalho. A entrada das pastoras na EST promoveu debates teológicos, entre estes relacionados aos escritos do apóstolo Paulo.

A polêmica criada em torno dos escritos do apóstolo Paulo nos revelam como os escritos deste apóstolo foram importantes para os luteranos. Revendo um pouco da história da Reforma Protestante, por exemplo, vemos que sua ênfase foi a salvação pela fé e somente pela graça, discurso proferido por Paulo em Romanos 3:21-31. A utilização das falas de Paulo sobre as mulheres possui um peso muito grande para os luteranos já que seus discursos foram utilizados para que ocorresse a reforma no século XVI.

É importante observar como ocorreu o processo de inclusão das mulheres no pastorado da IECLB na década de 70, momento em que a discussão sobre a situação das mulheres na sociedade estava sendo travada pelos luteranos. A Escola Superior de Teologia (EST), instituição ligada à IECLB, apresentou um quadro de instabilidade em relação à situação das futuras pastoras, especialmente nos anos 70. Esta instabilidade pode ser apontada pelo fato da ordenação das pastoras luteranas pela IECLB começar a ser concretizada somente em 1983, portanto, 13 anos após a entrada das mulheres nesta faculdade. Destacamos que a ordenação possui um significado muito importante para os luteranos. Significa a autorização formal da direção da Igreja, autorização esta que os permite agir como sacerdotes. A interpretação bíblica feita por Martinho Lutero sobre a ordenação também foi significativa para que ocorresse a ordenação das mulheres nesta Igreja.

Queremos salientar a aproximação das estudantes de Teologia, já na década de 70, com a Teologia Feminista, trazendo para a EST uma nova interpretação sobre o papel das mesmas na sociedade. A partir da década de 80, vários trabalhos foram realizados com este

intuito.²⁹ Cabe destacar também que os trabalhos que apontam nesta direção foram escritos pelas estudantes de Teologia, que parecem não economizar no uso do termo “feminista” - este bastante presente nos títulos dos trabalhos. Vários deles abordam a categoria gênero.

A categoria de análise de gênero “ajuda-nos a compreender as formas pelas quais os papéis masculinos e femininos são construídos socialmente, não sendo determinações biológicas.”³⁰ Sendo assim, foi significativa a utilização desta categoria para esta pesquisa, porque encontramos discursos de luteranos, como já sinalizamos anteriormente, que reforçam a diferença biológica existente entre homens e mulheres, e que afirmam que foi instituída por Deus a dominação da mulher pelo homem. Neste trabalho, a perspectiva de abordagem tem como ponto de partida o uso desta categoria, buscando, desta forma, desconstruir as narrativas que forjam hierarquias.

Pretendemos trabalhar as fontes discursivas olhando-as não como passivas, inertes, sem intenções, mas, pelo contrário, observando-as como cheias de intenções, desejos e

²⁹ DALFERTH, Heloisa Gralow. A visão do feminino em Jerônimo: um estudo a partir de quatro necrólogos. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1987; MUSSKOFF, Ruth L. Winckler. O falar de Jesus sobre Deus como pai nos evangelhos sinóticos e suas implicações para uma Teologia Feminista. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1988; BECKER, Lauri. Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas – OASE: a mulher buscando o espaço que lhe foi negado na sociedade e na Igreja. Um caminho para a conscientização e libertação da mulher. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1988; KLEN, Vânia Moreira. A mulher e a serpente: Gn 3:1 – 7: perspectiva para leitura. Trabalho Semestral. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1992; WEISSHEIMER, Vera Cristina. Brujas nos tempos de Lutero: as mulheres que ajudaram a escrever a história da Reforma Luterana. Trabalho Semestral. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1994; BERGESCH, Karen. Cristologia Feminista. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1994; SCHWARZ, Aneli. Buscando por uma ética feminista de libertação sexual. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1994; ZIRBEL, Ilze e KLEN, Vânia Moreira. As mulheres em direção ao estudo teológico. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1994; GROSSMANN, Carla Andréa. O aconselhamento pastoral a partir de uma ótica feminista. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1995; BLASI, Márcia. “Silêncio no paraíso”: Sobre o uso de elementos culturais na opressão da mulher. Trabalho Semestral. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1995; GIERUS, Renate. Muçulmanas em movimento: caminhando no mundo islâmico. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1996; KRÜGER, Carla Suzana. As mulheres e o ministério ordenado na Igreja: um estudo sobre a ordenação de mulheres na IECLB. Trabalho Semestral. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1996; LUDCKE, Elaine. Gn 2:4b – 3.24. A base para a submissão feminina? Escola Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1997; EGGERT, Edla. Educa-teologiza-ção: fragmentos de um discurso teológico (mulheres em busca de visibilidade através da narrativa transcrita). Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 1998; GOMES, Carmem Etel Alves. Liturgia e missão na perspectiva feminista. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1999; GIERUS, Renate. História das mulheres cristãs: uma historiografia feminista do cristianismo na América Latina e no Caribe. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 2000; PLETSCHE, Rosane. Diaconia feminista: uma resignificação do conceito de servir. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 2001; OLIVEIRA, Elizabete da Conceição Paiva de. Teologia e corpo: leitura da corporalidade cristã a partir da perspectiva feminista. Projeto Final do Curso de Pós-graduação Lato Sensu de História e Teologia. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 2001.

³⁰ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. In: Educação e Realidade. Porto alegre 16 (2),: 5:22, jul/dez, 1990.

criadoras de sentidos.³¹ Portanto, quando encontramos discursos que delimitam os lugares e as diferenças de gênero, ou que buscam a ocupação de novos espaços (neste caso, o pastorado) entendemos como discursos cheios de intenções. Quando as estudantes de Teologia se aproximaram da Teologia Feminista, buscando uma nova interpretação bíblica sobre as mulheres, estavam procurando debater e desconstruir uma teologia que, até aquele momento, as colocava num lugar inferior dentro das igrejas. Procuraram trazer um novo olhar teológico sobre as mulheres e legitimar o seu acesso ao do pastorado.

Para compreendermos a relação estabelecida entre as estudantes de Teologia na EST e a Teologia Feminista, é necessário compreender o surgimento da mesma e suas discussões. Segundo Maria José Fontelas Rosado Nunes, a Teologia Feminista, no âmbito internacional, surgiu a partir da década de 80, especialmente na França e nos Estados Unidos. Nesta década, algumas mulheres se engajaram na luta pelo direito das mulheres na área teológica. A teóloga francesa, Elisabeth Schussler Fiorenza, por exemplo, foi uma das precursoras da Teologia Feminista no século XX. Seu livro, publicado em 1986 e intitulado “As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica”, na época, tornou-se, a princípio, uma obra bastante importante na sua época na França, posteriormente sendo reconhecida em outros países. Fiorenza, nesta obra, tentou reconstruir o processo de patriarcalização da Igreja e da Teologia, contribuindo para a elaboração de uma Teologia da Libertação da mulher na Igreja e na sociedade atual.³²

Apesar desta obra apresentar, conforme indica Nunes, motivos para ser criticada teoricamente, no período em que foi publicada representou uma grande contribuição, já que foi uma tentativa de recuperar a presença das mulheres na Bíblia, especificamente no Novo Testamento. Fiorenza afirmava que o Novo Testamento, apesar de ser uma fonte revelada da verdade, era também a responsável pela subordinação da mulher e pela dominação patriarcal.³³

Ainda, segundo Nunes, a teóloga inglesa Elaine Pagels, nesta mesma época, em 1988, também publicou um importante livro que significou uma grande contribuição na discussão sobre a tradição cristã e as mulheres. Seu livro, intitulado “Adão, Eva e a Serpente”, tinha o objetivo de saber como e por que a tradição cristã chegou à concepção do desejo sexual como pecaminoso e à idéia da corrupção de toda a humanidade.³⁴ Pagels concluiu que a conduta

³¹ Idem. p. 10.

³² NUNES, Maria José Fontelas Rosado. De mulheres e de deuses. In: Estudos Feministas. CIEC/ECO/EFRJ. n. 5,0/1992. pp. 5-30. p. 5.

³³ Idem p. 7.

³⁴ Ibidem. p. 8.

sexual associada à tradição cristã foi construída no Ocidente. Para esta autora, foi no século IV, com Agostinho, que o ensinamento cristão sobre a passagem de Gênesis 1:3 - que era até então vista como sinônimo de liberdade de escolha da humanidade sobre o bem e o mal - passou a ser referência para a moral sexual. Pagels afirma que a sociedade greco-romana também foi responsável pela introdução de um catecismo sexual na tradição sexual³⁵

Segundo Nunes, a origem da Teologia Feminista tem suas raízes já em 1895. Esta data é considerada um marco, pois foi neste ano que um grupo de mulheres norte-americanas, de várias áreas do conhecimento, sob a liderança de Elisabeth Cady Stanton, fizeram uma releitura da Bíblia. Desta releitura surgiram uma série de textos que deram origem ao livro, publicado por Elisabeth Stanton, intitulado “A Bíblia das mulheres”, cujo objetivo foi fazer uma crítica radical do uso da Bíblia contra as mulheres, na Igreja e na sociedade.³⁶

Para Stanton, a Bíblia é vista como um livro androcêntrico e deve ser revisto. Por isso, propôs uma interpretação bíblica feminista, afirmando que “a Bíblia não é um livro neutro, mas é uma arma política e ideológica contra a luta da libertação das mulheres”.³⁷ Foi esta autora, de acordo com Nunes, quem trouxe a idéia de que homens e mulheres deveriam ter a possibilidade de se referirem a Deus como pai celestial, ou mãe celestial.³⁸

A Teologia Feminista na América Latina surgiu com mais intensidade na década de 80. Neste continente, conforme Nunes, os anos 60 e 80 foram momentos de forte mobilização das mulheres na luta pelos direitos civis. Esta luta surgiu, entre outros fatores, devido à crescente pobreza e por causa dos regimes militares ditatoriais.³⁹ Nesta mesma época, no campo religioso, no interior da Igreja Católica e de certas Igrejas Evangélicas, passa a ocorrer a formação e difusão das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e da Teologia da Libertação. Grupos de mulheres católicas passaram a ter como objetivo a criação de uma Igreja dos pobres. É neste contexto que surge a produção teológica feita por mulheres na América Latina, pois estas passaram a ter acesso à formação teológica. Sendo assim, essas mulheres chegaram à conclusão, a partir da realização de vários encontros, de que necessitavam pensar a Teologia do ponto de vista da mulher.⁴⁰

Vários encontros ecumênicos começaram a ser realizados pelas teólogas: o primeiro encontro foi realizado no México (1979); o segundo ocorreu em San José (1981);

³⁵ Ibidem p. 9.

³⁶ Ibidem p. 11.

³⁷ Ibidem p. 12.

³⁸ Ibidem p. 13.

³⁹ Ibidem p. 17.

⁴⁰ Ibidem p. 17.

posteriormente houve os encontros de Manágua (1983), Bogotá (1984), Buenos Aires (1985) e Oaxtepec (1986). Esses encontros, em sua maioria, foram patrocinados por organismos internacionais, como a Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT), na qual foi criada uma comissão de mulheres. O projeto desta comissão seria realizar, até 1994, vários encontros continentais e intercontinentais, na busca de um diálogo mais próximo entre teólogas do primeiro e do terceiro mundo.⁴¹

Segundo Fabíola Rohden, foi a partir de 1985 que a Teologia Feminista começou a ser elaborada no Brasil. Na década de 70, no interior da Igreja Católica, surgiram as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), sob a influência da Teologia da Libertação. Na década de 80, o discurso das teólogas buscavam valorizar o cotidiano e a experiência da mulher pobre. Neste momento, surgem vários artigos, teses e dissertações nesta perspectiva.⁴² As teólogas utilizaram uma hermenêutica sob a ótica da mulher, ou perspectiva da mulher. Primeiramente tiveram o objetivo de desconstruir a imagem negativa que foi criada em torno da imagem feminina, como a culpa do pecado original. Além disso, exaltaram mulheres na Bíblia, tornando-as heroínas e reivindicando a noção de que Deus também era feminino.⁴³ Rohden ainda afirma que as teólogas católicas se aproximaram de correntes feministas que valorizavam a singularidade do feminino e não mais a igualdade com o masculino.⁴⁴

Foi a partir da década de 90 que as militantes feministas e as teólogas se aproximaram em busca de um diálogo. Essa aproximação foi impulsionada pelo tema “direitos reprodutivos”. A partir de então, vários encontros foram realizados para discutir o tema. Um dos resultados deste diálogo foi a utilização, por parte das teólogas, do conceito de relações de gênero. Por outro lado, outras teólogas identificaram-se com um feminismo específico, baseado na diferença, na especificidade e na valorização da mulher. O ecofeminismo, por exemplo, é este novo feminismo baseado na valorização da mulher como “salvadora ecológica”. Estas teólogas fazem uma aproximação das mulheres com a natureza e com Deus, já que elas estariam mais distantes dos processos de destruição da natureza.⁴⁵

As feministas baseadas na diferença criticam o feminismo acadêmico e igualitário por utilizar categorias como o gênero, raça e classe social, pois podem acabar não dando a devida atenção às dimensões mais profundas da vida, como a espiritualidade. Também criticam a

⁴¹ Ibidem p. 18.

⁴² ROHDEN, Fabíola. Feminismo do sagrado: uma reencenação romântica da diferença. In: Estudos Feministas. IFSC/UFRJ.vol. 4. n.1.1996. pp. 96- 117. p. 97.

⁴³ Idem p. 97.

⁴⁴ Ibidem p. 98.

⁴⁵ Ibidem p. 99.

própria Teologia da Libertação por utilizar categorias das Ciências Sociais, deixando de lado a afetividade e a espiritualidade que fazem parte da realidade. Assim, este feminismo que enfatiza a diferença, aproxima a experiência das mulheres com a gestação, a maternidade, já que possuem uma vocação para restaurar a vida.⁴⁶

Esta discussão conflituosa entre feministas surgiu porque o feminismo que enfatiza a diferença assumiu a Teologia da Revelação. Para esta Teologia a diferença entre homens e mulheres está na essência e estas diferenças são verdades reveladas por Deus que não podem ser alteradas. Esta Teologia, portanto, acaba sendo visto como possibilidade de “respaldo” para a naturalização e permanência da diferença entre homens e mulheres.

1.1 A situação das mulheres em debate: rompendo as fronteiras do gênero

É interessante observar como, a partir da década de 70, o Jornal Evangélico problematizou a questão das mulheres na sociedade. Este jornal foi um meio de comunicação que levou a comunidade luterana a discutir sobre o sexismo e sobre a discriminação das mulheres. O interessante é que a maioria dos seus artigos não possui autoria. De acordo com a pastora Wanda Deifelt, algumas estudantes de Teologia neste período fizeram parte da redação deste jornal – o que leva a crer que, possivelmente, estas estudantes possam ter sido as autoras de algumas das matérias que denunciaram e discutiram a discriminação das mulheres, além de trazer reflexões sobre a igualdade dos sexos.⁴⁷

Um dos primeiros artigos encontrados no Jornal Evangélico, em 1975, problematiza a relação das mulheres com a igreja, afirmando o seguinte: “Maio, mês da mulher. 1975, ano da mulher. Igreja, amiga da mulher? A mulher sempre foi a melhor amiga da religião, no entanto, a religião nunca foi a melhor amiga da mulher”. A autora questiona o fato de que muitas mulheres ainda hoje, estão excluídas da maioria das atividades culturais. Sua tarefa, muitas vezes, “é de simples servente ou auxiliar dos sacerdotes”.⁴⁸ É interessante salientar que neste mesmo ano 1975, foi declarado pela ONU o Ano internacional da Mulher, influenciando discussões no meio acadêmico.

⁴⁶ Ibidem p. 105.

⁴⁷ **Wanda Deifelt**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 04/12/2002, na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

⁴⁸ MAIO – MÊS DA MULHER. Jornal Evangélico. Segunda quinzena de maio de 1975. Ano XC, nº10, p. 1.

Um outro artigo encontrado em 1978, intitulado “Teu lugar é em casa Mulher? Ou és igual ao teu companheiro?”⁴⁹, problematiza o sexismo no trabalho. Em sua reflexão, a autora lança as seguintes perguntas às mulheres e aos homens: “E o sustento da família, só cabe a ele? Estas tarefas - cuidar dos filhos, lavar e passar a roupa, fazer as compras, preparar a comida, cerzir as meias - só são tuas?”.⁵⁰ Através deste artigo percebemos o surgimento de questionamentos referentes à divisão sexuada de tarefas no lar. As perguntas levantadas às mulheres tinham por objetivo levá-las a pensar sobre o seu papel na sociedade e sobre a necessidade de repensar alguns estereótipos que afirmam que certos trabalhos - como, por exemplo, o doméstico - deveriam ser exclusivamente realizados por mulheres, ou que o sustento da casa não pudesse também ser de sua responsabilidade. Seus comentários trazem a idéia de que outras tarefas, até então inéditas para ambos os sexos, poderiam ser assumidas tanto pelas mulheres quanto pelos homens. Ou seja, que o sustento da casa poderia ser assumido também pelas mulheres e que as funções domésticas poderiam, por sua vez, ser também realizadas pelos homens.

Um outro artigo, de 1978, retrata a experiência de uma estudante de Teologia chamada Valburga. Ela morou nos Estados Unidos durante quatro anos e acompanhou de perto os movimentos feministas surgidos naquele país. Por isso, trouxe consigo algumas impressões sobre as mulheres norte-americanas, expondo-as no Jornal Evangélico, para que toda a comunidade luterana pensasse sobre o futuro das mulheres que participavam da IECLB. Segundo ela:

A mulher americana não se dá mais por satisfeita, hoje, permanecendo confinada em casa, servindo apenas como procriadora da espécie. Ela quer e procura trabalhar fora. Sua luta, na atualidade, é por equiparação salarial com o homem, no desempenho de uma mesma função, e por um reconhecimento de igualdade ao lado do homem. Na própria escola [Teologia] procurávamos incentivar meninas a desempenharem profissões, como de eletricitas, por exemplo, tidas até há pouco tempo como estritamente para homens.⁵¹

Valburga ainda mencionou que, nos trabalhos realizados na Faculdade, segundo a exigência dos professores, era necessário colocar sempre entre parênteses (ele, ela), “numa clara alusão de que Deus não precisa ser visto como sendo necessariamente homem”. Ela

⁴⁹ TEU LUGAR É EM CASA MULHER? OU ÉS IGUAL AO TEU COMPANHEIRO? Jornal Evangélico. Segunda quinzena de setembro de 1978. Ano XCII, nº 18. p. 1.

⁵⁰ Idem. p.1.

⁵¹ O LUGAR DELAS É O LAR? In: Jornal Evangélico. Segunda quinzena de setembro de 1978. Ano XCII, nº 18. p. 2.

propôs ainda a necessidade de congressos e palestras para a conscientização das mulheres luteranas, chamando a atenção para que os homens também participassem desses encontros.

Neste mesmo jornal, em 1979, sob o título “Em Cristo não há homem nem mulher”, encontramos comentários escritos por uma mulher sobre um episódio ocorrido na Igreja Metodista do Paraná, onde uma pastora não pôde fazer parte do Conselho de Pastores da cidade, especificamente pelo fato de ser mulher. De acordo com a autora da matéria, na Igreja as mulheres poderiam trabalhar, mas, na concepção da maioria dos luteranos, uma mulher nunca poderia mandar. O referido artigo problematizava a questão da discriminação dos sexos na igreja, afirmando esta discriminação não tem fundamento bíblico. Continuando sua argumentação, a autora lembra ainda que o apóstolo Paulo, na carta aos Gálatas, foi taxativo quando afirmou que “não pode haver judeu, nem grego, nem escravo, nem liberto, NEM HOMEM, NEM MULHER, porque todos vós sois UM EM CRISTO JESUS”.⁵² Através deste artigo, é possível levantar algumas questões. Uma das primeiras é perceber como a autora busca desconstruir o gênero, estabelecendo a igualdade. Nesta busca, as palavras do apóstolo Paulo se tornaram imprescindíveis, pois afirmam que homens e mulheres são iguais perante Cristo, ou seja, que o sexo não é determinante de hierarquias.

Ainda, neste artigo, a autora mostra como as mulheres de Lages, Santa Catarina, são percebidas como diferentes dos homens. O texto critica a situação das mulheres lageanas que não podiam sair de casa depois das 21 horas, porque seriam malfaladas pelos vizinhos. Isso ocorreria porque as mulheres, sendo submetidas pelos maridos, estariam limitadas a participar de certas atividades, segundo a autora, ou seja, as “prezadas domésticas”, tendo que ficar em casa, na frente da televisão, a “máquina de fazer doidos” - tornando-se escravas das novelas, com os braços cruzados. Portanto, estariam impossibilitadas de se tornarem seres humanos mais versáteis, sem poderem enriquecer seus conhecimentos. Concluindo, a autora destaca que a mulher prejudica a própria comunidade quando deixa de prestar serviço à Igreja.⁵³ É interessante observar como a articulista deste comentário deixou clara a sua indignação com as mulheres que permitem que os maridos mandem nas suas decisões. Ela afirma também que quem estaria perdendo com isso era a Igreja, pois as mulheres se deixam anular pelos homens. Aqui também percebemos a busca pela igualdade e a flexibilização das fronteiras dos gêneros.

Na visão de Heinz Dietrich Wendland, a passagem bíblica de Gálatas 3:28, afirmando que “Em Cristo não há mais o judeu nem o grego, o escravo nem o homem livre, o homem,

⁵² EM CRISTO NÃO HÁ HOMEM NEM MULHER. In: Jornal Evangélico. Segunda quinzena de setembro de 1979. p. 12.

⁵³ Idem. p. 12.

nem a mulher, porque são todos um em Cristo”, eliminou, naquele período, a inferioridade religiosa da mulher, mas não a sua inferioridade jurídica e social. A partir do Novo Testamento, Cristo trouxe a igualdade religiosa entre homens e mulheres, mas, por razões culturais, esta igualdade não veio a ser concretizada.⁵⁴

No ano de 1988, encontramos, no Roteiro da OASE,⁵⁵ um estudo bíblico que é um resumo de uma publicação da Federação Luterana Mundial, datada de fevereiro de 1987. Este estudo bíblico trata de uma interpretação do texto de I Coríntios 7: 1-16, escrito pelo apóstolo Paulo. Eis alguns versículos bíblicos.

Ora, quanto às coisas que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse em mulher; Mas por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido. O marido pague à mulher a devida benevolência, e da mesma sorte a mulher ao marido. A mulher não tem poder sobre o seu corpo, mas tem-no o marido; e também da mesma maneira o marido não tem poder sobre o próprio corpo, mas tem-no a mulher. Não vos priveis um ao outro, senão por consentimento mútuo por algum tempo, para vos aplicardes ao jejum e a oração; e depois ajuntai-vos outra vez, para que Satanás não vos tente pela vossa incontinência.⁵⁶ (grifos nossos)

Este estudo afirma que Paulo trata sobre a igualdade dos parceiros na relação matrimonial. De acordo com o texto, “Paulo refere-se muito ao sexo quando fala do relacionamento conjugal. Ele não concebe o sexo como pecado, nem como uma possibilidade fora do casamento (...) As mulheres não devem ser objetos passivos de experiência sexual, mas parceiras ativas”. Percebemos, nesta citação, como a igualdade dos parceiros na relação matrimonial foi problematizada pela pessoa que escreveu a nota no jornal. A relação sexual, não é então pensada como um ato de pecado quando realizado dentro do casamento. Em relação às atividades sexuais das mulheres, estas devem sentir prazer, não sendo apenas passivas na relação. Buscou-se, através da maneira como foi interpretada a palavra do apóstolo Paulo, a não passividade das mulheres na relação sexual.

Continuando o estudo sobre a relação matrimonial, a passagem bíblica de I Pedro 3:1-7 é citada para mostrar como a passagem de Gênesis 18:22 tem sido interpretada de maneira errônea, quando afirma que Deus mandou Sara obedecer o seu marido Abraão. “Precisa ser

⁵⁴ WENDLAND, Heinz Dietrich. Ética do Novo Testamento: uma introdução. São Leopoldo: Sinodal, 1974. p. 96.

⁵⁵ HOMEM E MULHER – OBEDIÊNCIA E DOMINAÇÃO. In: Roteiro da OASE. 1988. p. 32.

⁵⁶ BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, Brasil, 1995.

reconhecido que Sara chamou Abraão ‘Senhor’ somente em uma ocasião (Gen. 18:22). Mas conforme Gen 21:10, Deus afirma a Abraão para obedecer Sara, chamando assim ambos para obedecerem um ao outro.”⁵⁷

No Jornal Evangélico, publicado em março de 1977, um membro da IECLB, Adroaldo, teceu um comentário intitulado “Trabalho de Homem”. Em sua reflexão, mencionou que existia uma grande dificuldade por parte dos homens em admitir a idéia de assumir papéis que tradicionalmente estariam relacionados com as atividades das mulheres. Salienta ainda que “o trocar fraldas e cuidar da hora da mamadeira não são mais tarefas que dizem respeito somente às mulheres”.⁵⁸ Este autor ainda afirma que os homens norte-americanos estavam assumido também a responsabilidade da educação das crianças, trabalhando em creches, por exemplo. No Brasil, embora existissem homens trabalhando nesta área, ainda havia grandes dificuldades destes se disporem a exercer esta profissão, em vista do preconceito enraizado no nosso país, lembra o autor.⁵⁹ Ainda, nos comentários deste autor nos deparamos novamente com a tentativa de flexibilizar os papéis sexuais. Os homens luteranos agora, de acordo com ele, deveriam assumir funções que antes eram realizadas somente por mulheres. Eles deveriam rever alguns preconceitos em torno da divisão sexual do trabalho doméstico.

1.2 A autoridade dos homens sobre as mulheres: “instituição divina”

Encontramos alguns relatos de mulheres e homens luteranos salientando que a autoridade dos homens sobre as mulheres foi instituída pelo próprio Deus e que a relação hierárquica estabelecida entre ambos não estaria sujeita a modificações. É necessário, no entanto, considerar quem são as articulistas, a sua condição social, pois muitas estão presa a vários tabus em relação às mulheres nesta época, apesar do movimento feminista estar em plena efervescência. Chamou-nos bastante atenção o relato que encontramos na sessão destinada às cartas de leitores do Jornal Evangélico em 1979. Jana Junghans, mulher que fazia parte da Igreja Luterana do Paraná, expôs sua opinião sobre as recorrentes notícias que problematizavam as mulheres e que as chamavam para uma nova realidade social. Disse ela não entender o porquê discutir tanto sobre a igualdade dos sexos. Sobre este assunto, declarou o seguinte:

⁵⁷ Idem. p. 35.

⁵⁸ TRABALHO DE HOMEM. In: Jornal Evangélico. Março de 1977.p. 11.

⁵⁹ Idem.p. 11.

Sou mulher e, portanto, não concordo com essa idéia de igualdade de sexos. É ridículo querermos nos igualar aos homens, como também é sem cabimento os homens se igualarem a nós, mulheres. Felizmente eles não querem. Não sei porque se discute tanto esse ponto. Basta nós nos basearmos na Bíblia, onde na epístola de Paulo aos Efésios, lemos: “Vós mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher... Se o Senhor assim determinou, como ousamos querer modificar? Deus criou “homem” e “mulher” cada um para determinadas tarefas.⁶⁰

Na citação acima, Jana usou as palavras do apóstolo Paulo para afirmar que os homens e mulheres são diferentes e que devem ser responsáveis por tarefas distintas. Às mulheres cabe o cuidado da esfera privada, enquanto que aos homens, o cuidado da esfera pública.

Continuando, afirmou:

O homem tem mais força muscular, mais arrojo e ousadia, com mais iniciativa e coragem para enfrentar os adversários e defender sua companheira. A mulher, ao contrário, é mais fraca, de compleição física mais delicada, mais tímida e recatada (ou pelo menos deveria ser, apesar de que há muitas jovens hoje em dia que não mais se enquadram neste aspecto), de reações mais lentas e de índole mais passiva. Tudo isso pela diversidade da formação biológica. Um para lutar, enfrentar e vencer, e o outro para guardar e conservar o lar além dos filhos.⁶¹ (Grifos nossos)

É interessante observar como esta mulher reforça a diferença entre homens e mulheres. É possível perceber o que ela entende ser um homem e uma mulher. Na compreensão desta autora, os homens, por serem mais fortes fisicamente do que as mulheres, naturalmente devem dominá-las. Continuando a sua carta, ela apontou para as possíveis perdas de privilégios ao realizarem tarefas destinadas aos homens.

Querer se igualar aos homens é um contra-senso, pois as tarefas são diferentes. Isto, absolutamente, não quer dizer que nós, mulheres, sejamos marginalizadas. Com essa mania de querer nos igualar, estragamos o conceito de ‘sexo frágil’, perdendo muitas considerações por parte dos homens, que era antigamente praxe. Qual é o rapaz ou homem que oferece o seu lugar a alguma senhora nos coletivos, nas salas de espera? Quem dá prioridade de passagem? Hoje, estas práticas caíram em desuso, unicamente pelo slogan “igualdade”. A mulher, sendo igual, não mais necessita de proteção ou consideração por parte de seu companheiro. As feministas

⁶⁰ LANCE LIVRE: A TRIBUNA DO LEITOR: O LUGAR DA MULHER. In: Jornal Evangélico Segunda quinzena de outubro de 1979. p. 9.

⁶¹ Idem.p.9.

lutaram tanto e conseguiram boa parte da igualdade, mas estragaram completamente o romantismo e a galanteria masculina para com a mulher ‘feminina’.⁶²

Podemos observar que Jana não concebe a possibilidade de mudança do papel das mulheres na sociedade e isto está claro pela maneira como interpretou os escritos do apóstolo Paulo, privilegiando a passagem de Efésios 5: 21-33. Através de sua narrativa, a mulher possui uma essência feminina e é naturalmente diferente do homem, portanto a mudança seria contra a ordem da natureza. Na sua visão, o homem seria um ser superior, forte, protetor e, portanto, o “cabeça” da mulher.

Críticas às feministas também foram feitas pela autora. As feministas são acusadas de acabarem com o romantismo e a proteção masculina para com a mulher “feminina”. Entende-se por mulher “feminina” aquela que possui as características seguintes: é o “sexo frágil”, necessita de proteção masculina, é delicada, tímida, recatada, além de passiva. Jana Junghans ainda afirma que as tarefas domésticas se restringem somente às mulheres e que o abandono destas responsabilidades colocaria em risco a felicidade do matrimônio. Ainda, declara que as mulheres casadas são diferentes das solteiras, pois, ao se casarem, devem assumir sua função de “rainha do lar”. De acordo com suas colocações:

A mulher invadiu o campo masculino em detrimento do lar, família (...) Falo das casadas, pois as solteiras e independentes dispõem de tempo para atividades das quais as casadas deveriam se abster. Qual o marido que gosta de ver a sua esposa sempre em reuniões, viagens, etc., largando o lar nas mãos da empregada? (Lamentavelmente isto acontece em muitos lares de hoje.) A mulher deveria ser a ‘rainha do lar’, e exercer este seu domínio com alegria e abnegação, realizando-se plenamente neste campo. Garanto que haveria mais matrimônios e famílias felizes e menos desajustados e delinquentes juvenis.⁶³

Continuando, mencionou que visitar os doentes e exercer a assistência social deveriam ser as únicas formas de trabalho realizado pelas mulheres fora do lar. Enfatizou ainda que as mulheres não podem abandonar o lar por causa do emprego. A passagem bíblica I Timóteo 5 foi usada para reforçar seu pensamento.

⁶² Ibidem. p. 9.

⁶³ Ibidem.p. 9.

É claro que nós, mulheres, podemos exercer alguma atividade fora do lar (assistência social, visita a doentes, etc.), mas nunca a ponto de deixar o lar ao abandono por causa disso. Na I Epístola de Timóteo, capítulo cinco, lemos: ‘ Mas se alguém não tem cuidado dos seus e, principalmente, dos de sua família, nega a fé e é pior que o infiel. A mulher é excelente colaboradora e deve lutar **ao lado do homem**, não usurpar o seu lugar’.⁶⁴ (Negrito pela autora)

Uma outra matéria encontrada no Roteiro de Trabalho da OASE, escrita em 1981 pela pastora luterana Ruthild Brakemeier e intitulada “Mulheres e Homens unidos na missão”, problematizou a relação homem e mulher na Igreja. Apesar de possuir um discurso um tanto igualitário no início de sua reflexão, no final do texto ela deixou claro a sua opinião a respeito da autoridade do homem sobre a mulher e a natural submissão feminina.

Sabemos que na vida social e política não podemos dispensar a liderança. Mesmo entre iguais reconhece-se a legítima necessidade de autoridade. Por que a mulher não haveria de aceitar a autoridade do homem no lar e na comunidade? Por que ela não haveria de aceitar livremente o lugar que Deus destinou quando disse através de Paulo: ‘Porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja?’⁶⁵(Grifos nossos)

Esta pastora afirma ainda:

Esta subordinação da mulher não significa prejuízo para ela, como Cristo não sofreu prejuízo na sua glória, aceitando a autoridade do Pai. Porque ser cabeça significa ter responsabilidade, significa dar amparo e proteção, mesmo com alto sacrifício pessoal. Por que a esposa não aceitaria esta liderança do marido? Com isto ela não se torna inferior, entregue aos caprichos do homem, porque, na visão do apóstolo, quem governa está a serviço do governado. Homem e mulher estão a serviço um do outro. Nem um nem outro é independente (1 co 11.11-12). Proclamar que a mulher só pode realizar-se integralmente como mulher livre da tutela do homem é condená-la à frustração, porque a realização tanto do homem como da mulher acontece na cooperação mútua, na interdependência, assumindo cada um o lugar e a função que lhe foram conferidos pelo Criador.⁶⁶(Grifos nossos)

⁶⁴ Ibidem. p. 9.

⁶⁵ BRAKEMEIER, Ruthild. Mulheres e Homens unidos na missão. In: Roteiros de Trabalho da OASE. Não negligencieis a prática do bem e a mútua cooperação; pois com tais sacrifícios Deus se compraz. São Leopoldo, RS, 1981. p. 9

⁶⁶ Idem. p. 9.

Para esta pastora, a mulher deve ser submissa ao homem porque isto foi destinado por Deus. É difícil entender, de acordo com ela, o porquê da mulher não aceitar seu lugar de submissão. O homem é o “cabeça” da mulher e esta deve aceitar esta condição. A autoridade de Deus é em todo o momento afirmada como aquela que é instituída e imutável. O que Deus instituiu entre o homem e a mulher não deve ser mudado.

Para concluir, observamos, através destas falas retiradas de jornais e outros materiais bibliográficos, olhares heterogêneos sobre a questão das mulheres na sociedade. Esses olhares presentes nos discursos, no entanto, possuem significado e têm por objetivo produzir sentidos. Alguns pretendem constituir imagens “femininas” e “masculinas”; outros, quebrar com essas imagens. Na fala de alguns luteranos, é explícita a tentativa de romper com algumas imagens dadas às mulheres - imagens estas até então dominantes na nossa sociedade - apontando a necessidade de mudanças em suas práticas cotidianas. Outros, por sua vez, afirmam as fronteiras do gênero, marcando as funções sociais que cada sexo deve cumprir. Esses olhares constituíram-se de acordo com a interpretação das palavras do apóstolo Paulo sobre as mulheres. Lembremos aqui o que nos mostra Eni Orlandi a respeito da Bíblia e o que ela representa para os cristãos. A Bíblia é o principal espaço para instituir a verdade sobre qualquer temática e tornar um discurso legítimo. O discurso bíblico é caracterizado como aquele em que fala a voz de Deus ou representa sua voz. De acordo com esta autora, a relação entre o locutor - ou seja, a Bíblia - e o ouvinte é desigual, pertencem a duas ordens de mundo completamente diferentes, sendo afetadas por um valor hierárquico. O locutor é sempre Deus, que é considerado como eterno, imortal, todo poderoso, infinito e infalível. Já os humanos são vistos como falíveis, efêmeros, possuidores de um poder relativo, finitos e mortais. O discurso religioso domina o discurso humano, e é esta uma das características fundamentais para compreender seu funcionamento.⁶⁷ Além disso, as diferentes interpretações possíveis da palavra de Deus, ou seja, a Bíblia, possuem um certo limite, podendo ser consideradas transgressões. Neste sentido, a interpretação da palavra de Deus é controlada. Os sentidos não podem ser quaisquer sentidos, tendo que ser coerentes com a escritura sagrada. Do cristianismo provém esta interpretação, sendo que o texto a ser interpretado restringe-se somente à Bíblia.⁶⁸

⁶⁷ Ibidem. p. 218-219.

⁶⁸ ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Campinas. São Paulo: Fontes, 1987, p. 221.

A partir das palavras de Eni Orlandi, percebemos o quanto é significativa a utilização de argumentos bíblicos pelos cristãos. A citação de passagens bíblicas reforça e legitima o discurso e, por isso, estas passagens são bastante utilizadas na discussão dos luteranos sobre as mulheres, pois elas são uma forma de instaurar um discurso autorizado.

É interessante perceber como um grupo de mulheres luteranas, naquele momento, estavam buscando maior autonomia através de uma leitura diferenciada da Bíblia. As mulheres, de maneira geral, também estavam exercendo outras funções, vistas, por muito tempo, como exclusivamente masculinas e, conseqüentemente, buscavam legitimidade para esta ocupação. A Bíblia foi, por muito tempo, o principal texto utilizado pelos cristãos para inferiorizar as mulheres. Portanto, para estas, debater com os textos bíblicos e trazer uma nova interpretação bíblica sobre as mulheres abrem possibilidades de tornar legítima a realização, por parte das mulheres, de algumas funções no campo religioso, como o pastorado, por exemplo.

Na década de 70, influenciada pelo feminismo, surge a Teologia Feminista, com a qual estas mulheres buscaram uma aproximação maior, formando, primeiramente, o Grupo de Mulheres na EST e reivindicando a inclusão de uma cadeira intitulada Teologia Feminista.

2. A presença das mulheres na EST

A autora e teóloga luterana, Maristela Livia Freiberg⁶⁹, em sua dissertação de mestrado, intitulada “Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil”, ajuda-nos a observar a trajetória das mulheres dentro da faculdade de Teologia e o contexto sócio-político deste período. Seu trabalho é uma grande contribuição para entender este processo, e por isso será muito utilizado.

Nosso trabalho tem o objetivo de refletir, como já sinalizamos, as transformações ocorridas na formação das pastoras luteranas desde a década de 70 na EST. Salientamos que a formação destas mulheres passou por três gerações e estaremos observando-as a partir deste momento.

Na IECLB, na década de 70, a teoria feminista da diferença era utilizada pelas estudantes de Teologia. Na verdade, neste momento, esta era a única teoria que possibilitava

⁶⁹ FREIBERG, Maristela Livia. Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1997.

discutir a situação das mulheres na sociedade e também na Igreja. Na década de 80, a partir da criação do Grupo de Mulheres, a perspectiva da mulher, ou melhor, a categoria mulher tornou-se uma perspectiva muito utilizada pelas estudantes para pensar as mulheres na sociedade. Mais tarde, na década de 90, a cadeira de Teologia Feminista foi incluída na EST, buscando o gênero como a categoria de análise teológica.

Através da análise da narrativa de pastoras formadas desde a década de 70 até 2000, observamos que estas mulheres possuem discursos ambíguos, identificando-se com diferentes feminismos, e não apenas com aquela teoria feminista adotada pela EST. Observando a trajetória da formação das pastoras pela EST, observamos três gerações: a primeira iniciou-se a partir da criação do Grupo de Mulheres, em 1983; a segunda geração iniciou-se a partir da inclusão da Cadeira de Teologia Feminista, em 1991; a terceira geração iniciou-se quando esta disciplina adotou oficialmente a categoria de análise de gênero, em 1994.

Maristela Livia Freiberg fala sobre os fatores que contribuíram para a admissão regular de mulheres na Faculdade de Teologia (FACTEOL), já na década de 50. Para esta autora, a efetiva inclusão das mulheres na formação teológica teve sua raiz histórica nas décadas de 50 e 60, quando havia a possibilidade das estudantes, procedentes do Instituto Pré-Teológico (IPT), concluírem seu curso secundário através de um ano de estudo complementar na FACTEOL.⁷⁰ A década de 60 foi um período em que a Faculdade de Teologia buscou também uma maior capacitação para acolher um número crescente de estudantes. Até esta década, esta Faculdade aceitava somente os alunos oriundos da escola secundária IPT. A partir de 1963, foi aberta a possibilidade de alunos de outras escolas cursarem Teologia devido à falta de obreiros e pastores nas comunidades luteranas no Brasil, o que gerou um grande número de matriculados.⁷¹

Freiberg aponta para o contexto na década de 60, no qual estava inserida a EST, e salienta a importância dos acontecimentos que ocorreram neste período visando a uma maior abertura da faculdade às mulheres. Neste momento, ocorreu a fusão dos sínodos, formando então a IECLB, em 1968. Esta fusão ocorreu juntamente com o processo de aculturação e estruturação nacional e como o surgimento de discussões dos problemas sociais. A Segunda Guerra Mundial ocasionou algumas dificuldades na relação entre a Alemanha e a Igreja local. Por muito tempo, a IECLB esteve profundamente ligada à Alemanha. Grande parte dos pastores alemães que serviam à Igreja Luterana no Brasil retornaram para seu país, deixando de atender as suas comunidades. Esta situação tornou-se muito preocupante, aumentando o

⁷⁰FREIBERG, M. L. Op.Cit. p. 72.

⁷¹ Idem.p. 69.

desejo da Igreja em resolver esta situação, especialmente formando futuros pastores para as suas comunidades.⁷²

Um terceiro aspecto ressaltado por Freiberg foi a forte ligação da Faculdade de Teologia com a Alemanha, pois, neste país, a Igreja Luterana admitia a ordenação de mulheres há muito tempo. O corpo docente desta faculdade era praticamente formado por alemães que já haviam tido contato com as pastoras. Isso possibilitou a atuação de teólogas, mesmo que fosse para a realização de funções especiais, consideradas femininas, dentro da Igreja. O trabalho das pastoras nas igrejas protestantes na Alemanha já tinha iniciado uma década antes da Segunda Guerra Mundial. A Igreja de Berlim, por exemplo, ordenava suas pastoras desde 1936. Mas, além disso, existia a influência de uma *exegese* histórico-crítica, que afastou argumentos fundamentalistas capazes de manter a mulher fora do estudo teológico.⁷³

As décadas de 70 e 80 representaram mudanças rumo a uma concepção de Teologia mais própria e contextualizada na IECLB. Surge a necessidade de uma Teologia voltada para a realidade brasileira. Este período é marcado pelo auge da Teologia da Libertação, o que acabou influenciando a construção de uma Teologia luterana mais voltada para os problemas da sociedade brasileira.⁷⁴

A Igreja Luterana, nas últimas décadas, passou por um processo chamado “polarização teológica”. Essa polarização aconteceu em nível de pessoas e comunidades, estando mais presente no âmbito da formação teológica. Nas últimas décadas, algumas tendências conseguiram organizar-se e estruturar-se em movimentos e posições teológicas chamadas de “linhas teológicas”. Segundo Günter K. F. Wermann, “linha teológica é apenas um sistema abstrato de conceitos filosóficos e teológicos”.⁷⁵

As linhas teológicas são influenciadas e determinadas não apenas pela leitura da Bíblia, mas também pelo jeito de lê-la (hermenêutica). Esse jeito, por sua vez, depende de muitos fatores, como por exemplo, a individualização do intérprete, seus interesses pessoais, seus objetivos e suas experiências.⁷⁶

⁷² Ibidem. p. 69.

⁷³ Ibidem. p. 72.

⁷⁴ Ibidem. p. 69.

⁷⁵ WERMANN, Günter K. F. A polarização de linhas teológicas na IECLB. In: HOCH, Lolhar. Formação teológica em terra brasileira. Faculdade de Teologia da IECLB – 1946-1986. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 132.

⁷⁶ Idem. p. 125.

Na IECLB, existem atualmente quatro linhas teológicas que surgiram nas últimas três décadas. A primeira é chamada de linha pietista-evangelical, que tem suas concepções teológicas lançadas por pastores alemães e americanos. Suas principais ênfases estão baseadas no tripé: evangelização, edificação integradora e preparação de lideranças comunitárias. Esta linha, a partir da realização de encontros e retiros de evangelização, passou a ser chamada de “Movimento Encontro”.⁷⁷ Uma outra tendência teológica é formada por pessoas inspiradas na “Teologia da Libertação”. Esta tendência cresceu muito entre os luteranos na década de 80, influenciando bastante as decisões políticas assumidas pela IECLB nos últimos tempos. Este grupo é formado por pessoas comprometidas com a realidade social brasileira, principalmente com as injustiças sociais, enfatizando o engajamento do cristão nos movimentos sociais. Julgam a realidade a partir da Bíblia, buscando ação para a transformação social.⁷⁸ Por último, temos a presença dos conservadores do tradicionalismo luterano. Esta linha teológica se caracteriza basicamente pela ênfase na confessionalidade luterana, e é nela que a maioria da comunidade da IECLB se sente segura. É enfatizada também sua ligação com a Alemanha e a leitura e releitura dos documentos da reforma.⁷⁹

A partir de 1993, começou a surgir um movimento chamado renovação carismática dentro da IECLB, mais especificamente dentro do Movimento Encontro. A partir deste momento, este movimento tem crescido, conseguindo adeptos dentro da própria IECLB. Este movimento carismático é a busca por experiências com o Espírito Santo, como o batismo e o falar em línguas espirituais. Em 1999, foi realizada a 1ª Conferência do Espírito Santo, em Ivoti-RS, onde estudantes de Teologia da EST e pessoas adeptas do movimento de renovação espiritual tiveram a oportunidade de traçar um diálogo sobre o assunto. Mil e quinhentas pessoas participaram deste encontro. Da mesma forma, no Brasil, outras conferências têm sido realizadas a cada dois anos e o número de participantes têm crescido. No entanto, o Movimento Carismático tem causado questionamentos das outras linhas teológicas, inclusive do próprio Movimento Encontro, de onde emergiu. Fóruns de Diálogos têm sido uma maneira de conversar sobre determinados temas, pois muitos destes temas têm sido polêmicos, criando divergências entre luteranos.⁸⁰

É importante lembrarmos que as diversidades teológicas e tensões fazem parte desta Igreja desde sua implantação no Brasil, no século XIX. A princípio, a implantação da IECLB

⁷⁷ Ibidem.p. 133.

⁷⁸ Ibidem.p. 133-134.

⁷⁹ Ibidem. p. 134.

⁸⁰ SCHREIBER, Eldo. Enchei-vos do Espírito Santo. Florianópolis: Edição do Autor, 2003. 104 p. p. 31-35.

no Brasil, ocorreu de forma não uniforme. Aos poucos, os imigrantes foram ocupando vários lugares, como Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Em cada uma dessas regiões foram criados regimentos próprios. Somente em 1938 foram constituídos vários sínodos com o objetivo de aproximar as igrejas. Depois, em 1949, foi criada a Federação dos Sínodos para integrar os vários sínodos do Brasil.⁸¹

Esta religião, como vimos, ficou por muito tempo sem um regimento único que abrangesse todas as comunidades no Brasil. Esta integração foi ocorrendo aos poucos e muito tempo depois da vinda dos luteranos. Por este motivo, podemos dizer que a IECLB, desde sua implantação, teve certa autonomia para o pensar teológico. Mas não é só isso. A livre leitura da Bíblia, prática esta surgida a partir da Reforma Protestante no século XVI, também fez com que a IECLB se tornasse uma igreja plural, pois os indivíduos têm autonomia para fazer suas próprias *exegeses*.

Estefano Martelli também pode nos ajudar a compreender melhor a IECLB e o contexto em que ela está inserida, quando indica que a religião institucional brasileira tem passado por mudanças. A respeito disto, ele afirma que “na sociedade contemporânea, reduziu-se o espaço dos comportamentos e das expectativas reguladas pela necessidade e pelo costume, e amplia-se um espaço de indeterminação, ou seja, de liberdade, aberto à iniciativa dos indivíduos e dos grupos.”⁸²

Nas últimas décadas, surgiu, no interior das religiões institucionais, entre elas as igrejas históricas tradicionais, um espaço onde os indivíduos têm buscado novas formas de se expressar religiosamente, influenciando o aparecimento de novas maneiras de pensar a própria Teologia. Na IECLB não tem sido diferente. Novas linguagens têm surgido iniciadas pelos indivíduos no interior desta igreja, gerando, inclusive, tensões, como observamos acima.⁸³ A entrada das mulheres gerou discussões dentro da IECLB, onde elas introduziram uma nova linguagem para problematizar as mulheres. Sobre isso nós iremos tratar neste capítulo. Antes disso, porém, iremos pensar sobre como ocorreu a entrada das primeiras estudantes de teologia na EST.

Em 1952, aparece a primeira estudante de teologia chamada Eve Wysk. Em 1957, entra mais uma estudante, Sybille Raspe. Em 1962, Ursula Kleine entra para a Faculdade.

⁸¹ MENDONÇA, Antônio G. Evolução Histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antônio G. e FILHO, Prócolo Velasques. Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola. p. 27.

⁸² MARTELLI, Stefano. A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 453.

⁸³ Idem. p. 468.

Todas buscavam reconhecimento de seus estudos teológicos. Elas já tinham estudado teologia no IPT, o que equivalia uma formação no segundo grau. Mas estas mulheres não pretendiam concluir seus estudos na FACTEROL.⁸⁴

O caso da estudante Elisabeth Dietschi foi um marco importante para o futuro das teólogas luteranas no Brasil. Ela iniciou os seus estudos em 1966, na EST, recebendo o título de Bacharel em Teologia, em junho de 1970. Diferente das outras estudantes de Teologia que tinham estudado no IPT e na FACTEROL, Dietschi tinha intenção de tornar-se pastora. No mesmo ano de sua formação, ainda não ordenada pela IECLB, deu continuidade aos seus estudos em Teologia na Alemanha e acabou sendo ordenada pastora, em 1973, pela Igreja Evangélica da União, em Berlim. A segunda mulher a concluir o curso na FACTEROL foi Rita Marta Panke, que se matriculou em 1971, formando-se em 1976.⁸⁵ Ela foi a primeira mulher a assumir atividades pastorais no Brasil.

Maristela Lívia Freiberg cita, também, algumas reivindicações e questionamentos feitos pelas primeiras estudantes de Teologia, os quais demonstram a instabilidade das mulheres em relação ao seu futuro como pastoras. A estudante de teologia Lorita Manske, em 1969, publicou, na Folha Dominical, um artigo lançou encontrou uma série de perguntas à IECLB em relação ao futuro das pastoras. Em resposta às indagações feitas por esta estudante, que queria saber como ficaria o futuro das teólogas luteranas, a direção da IECLB manifestou-se sobre o assunto. Freiberg afirma que eles conceberam um ministério pastoral para as mulheres, no entanto enfatizaram as restrições do campo de atuação. Embora tenham estabelecido que teologicamente não havia nada que impedisse a mulher de exercer o pastorado, conceberam o ministério diferenciado para as pastoras casadas e as solteiras. As casadas “com pastores” serviriam como uma grande ajuda ao marido pastor, sendo consideradas aptas para exercerem determinadas funções especiais dentro da igreja, como ensino confirmatório, trabalho com as mulheres e jovens, assistência social, visita aos doentes e idosos, além dos trabalhos com as crianças.⁸⁶ Algumas funções, como podemos observar, foram apontadas como mais próprias aos homens, como o ato de pregar e ministrar os sacramentos, a realização de casamentos, batizados, entre outros. A pastora solteira teria a possibilidade de administrar uma comunidade sozinha, caso ela viesse a ser chamada pela comunidade. É interessante observar também que a pastora casada com um homem que não fosse pastor não foi cogitada nesta primeira discussão.

⁸⁴ Ibidem.p.67.

⁸⁵ Ibidem.p. 67.

⁸⁶ FREIBERG, M. L. Op. Cit. p. 87-89.

O protestantismo, diferente do catolicismo, deu maior atenção às reivindicações das mulheres em relação à ordenação. Atualmente, é nas igrejas protestantes que algumas mulheres têm conquistado o direito de serem ordenadas pastoras. No entanto, isso não significou que o protestantismo, historicamente, não tenha resistido a essa conquista. Pesquisadoras (es) têm mostrado uma trajetória difícil, apontando como as pastoras luteranas se depararam com inúmeras dificuldades no exercício desta profissão, especificamente por serem mulheres.

Natalie Zemon Davis, Catherine Hall e Uta Ranke-Heinemann, entre outros autores, podem ajudar-nos a compreender sobre a história da hostilização das mulheres e sua relação conflituosa com a tradição cristã. É importante sabermos sobre este contexto para compreender o debate divergente sobre a ordenação de mulheres e a ocupação destas em lugares como o pastorado, bispado, etc.

Uta Ranke afirma que na Antigüidade existia um tabu contra o sangue menstrual, o que, por sua vez, trouxe sérias conseqüências na relação das mulheres com o mundo sagrado. No antigo testamento, há algumas passagens bíblicas que definem a mulher menstruada como impura. Durante sete dias, ninguém deveria tocar nada do que ela tinha tocado, pois poderia também ficar impuro. Já na Idade Média, a mulher, durante o período menstrual, era proibida de comungar na igreja. Nesse sentido, a menstruação tornou-se fatal para as mulheres que quisessem participar dos ofícios divinos. Em certas épocas, as diaconisas eram ordenadas conforme as leis da Igreja, tendo o direito de aproximar-se do altar. No entanto, elas foram sendo afastadas dos lugares sagrados, como o altar, e foram proibidas de realizar a liturgia por serem consideradas impuras.⁸⁷

Foi a partir da Reforma Luterana, ocorrida no século XVI, que novas interpretações bíblicas sobre as mulheres e o sacerdócio começaram a aparecer. Davis afirma que o questionamento sobre o sacerdócio exclusivamente masculino foi realizado pelas mulheres que, influenciadas pela própria Teologia protestante, começaram a ler a Bíblia e a fazer suas próprias *exegeses*. Esta autora mostra-nos alguns exemplos de mulheres que, a partir da reforma protestante, questionaram o sacerdócio exclusivamente masculino. Marie Dentière, segundo Davis, além de pregar para o público protestante, publicou, por volta de 1520, inúmeros trabalhos direcionados às mulheres. Uma outra mulher que se destacou no campo religioso foi a poetisa Louise Labé, que reunia as mulheres em sua casa para discutir as escrituras. Enfim, existiram, em vários momentos da história, muitas mulheres que tiveram o

⁸⁷ RANKE HEINEMANN, Uta. Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996. p. 36.

intuito de serem sacerdotisas e pregadoras da palavra de Deus, embora estas acabassem sendo excluídas dos espaços sagrados reservados somente para os homens.

Cabe destacar que o protestantismo, embora tenha dado a liberdade para as mulheres lerem a Bíblia, e incentivado esta prática, afirmou que a leitura da Bíblia serviria somente para instruir os filhos e ensinar as meninas.⁸⁸

Como vimos, as discussões realizadas acima nos mostram como historicamente as mulheres foram percebidas como não possuidoras do direito de desempenharem determinadas funções dentro do campo religioso. Salientamos estas dificuldades porquê as próprias entrevistadas afirmam também terem enfrentado inúmeros problemas em relação ao seu desempenho como pastoras. O trecho que segue mostra como dentro da faculdade de Teologia estas mulheres tiveram que se organizar para poder reivindicar mudanças na forma como esta faculdade percebia as pastora, que de acordo com elas, era uma visão ainda preconceituosa e sexista.

2.1 O Grupo de Mulheres na EST

Na década de 80, segundo Fátima Weiss de Jesus, foi criado o Grupo de Mulheres, e as mulheres que participavam deste grupo também faziam parte de um grupo maior, o Partido dos Trabalhadores (PT). Essas teólogas tratavam a questão das mulheres a partir da “perspectiva da mulher”. Este grupo formado em 1983 pelas estudantes de Teologia da Faculdade de Teologia (FACTEOL), tornou-se um espaço importante, servindo como um lugar de diálogo e encaminhamentos de uma série de questões relativas às mulheres no estudo teológico e sua entrada no ministério pastoral. Maristela Livia Freiberg aponta para a importância deste grupo ao expor algumas discussões realizadas.

Essas mulheres reuniam-se com o intuito de refletir sobre o papel das mesmas na FACTEOL, na Igreja e na sociedade. Começaram também a ler mais sistematicamente sobre a libertação da mulher. Surgiu ainda neste grupo, a busca por uma hermenêutica que descobrisse a mulher na Bíblia.⁸⁹ Esse grupo também buscou um entendimento acerca do pastorado feminino. Havia um grande desejo das estudantes em saber como estava sendo a experiência prática das pastoras, estando preocupadas também em fazer a história dessa

⁸⁸ DAVIS, Natalie Zemon. Mulheres urbanas e mudança religiosa. In: *Cultura do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. pp.63 – 86. p. 76.

⁸⁹ Haide Jarschel. *Algumas reflexões sobre o ministério feminino*. P. 144. In: FREIBERG, M. L. Op.Cit. p. 93.

inclusão.⁹⁰Elas também reivindicaram uma mudança na legislação sobre o trabalho feminino, especialmente referente à questão salarial e previdência social. Reivindicaram a inclusão de uma disciplina que estudasse a Teologia Feminista, e criaram o Encontro de Pastorais da IECLB.⁹¹

Foi na década de 80 que apareceram os primeiros trabalhos escritos pelas estudantes de Teologia na EST. Estes privilegiaram os escritos bíblicos sobre mulheres. É importante lembrar que os trabalhos elaborados acerca do tema sobre mulheres representavam um número pequeno, pois eram, geralmente, escritos pelas estudantes de Teologia. Raramente homens escreviam.

O trabalho de conclusão de curso de Ruth L. Winckler Musskopf, em 1988, intitulado “O falar de Jesus sobre Deus como pai nos evangelhos sinóticos e suas implicações para uma teologia feminista”, teve o objetivo de mostrar que a utilização exclusiva do termo “Deus – pai” é sexista e fruto de uma relação de poder. Este termo pode ser utilizado desde que não se torne único. Essa autora defende que Deus também pode ser Deusa, mas isso não deve ser tomado literalmente como ser feminino ou como mãe, pois os símbolos familiares devem ser evitados.⁹²

Uma das preocupações das alunas de Teologia foi buscar uma história das mulheres na IECLB. Em 1988, Lauri Becker elaborou seu trabalho de conclusão de curso intitulado, “Ordem auxiliadora de senhoras evangélicas. OASE: a mulher buscando espaço que lhe foi negado na sociedade e na igreja. Um caminho para a conscientização da libertação da mulher”.⁹³ O título deste trabalho resume bem seus objetivos. Cabe destacar novamente que no período da década de 80, a Teologia da Libertação exerceu forte influência sobre a FACTEROL, e por isso muitos trabalhos foram realizados nesta perspectiva.

O trabalho de Maria Lucia Sturm Schneider, intitulado, “Participação das mulheres na formação e construção das primeiras comunidades cristãs no mundo Grego-Romano: um estudo a partir das cartas de Paulo”, buscou mostrar a importância da participação das mulheres na construção das comunidades Grego-Romanas. Esta autora salientou que durante

⁹⁰ Idem.p. 95.

⁹¹ Ibidem.p. 97.

⁹² MUSSKOF, Ruth L. Winckler. O falar de Jesus sobre Deus como pai nos evangelhos sinóticos e suas implicações para uma teologia feminista. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1988.

⁹³ BECKER, Lauri. Ordem auxiliadora de senhoras evangélicas: OASE: a mulher buscando o espaço que lhe foi negado na sociedade e na igreja. Um caminho para a conscientização e libertação da mulher. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1988.

séculos, a tradição cristã calou as mulheres, delegando-as à pessoas de segunda categoria, impossibilitando sua participação igualitária nos diversos ministérios da Igreja.

Observamos, ao ler alguns desses trabalhos realizados na década de 80, que a maioria destes buscaram escrever a história das mulheres cristãs a partir da perspectiva da mulher, desconstruindo, através de uma nova leitura bíblica, alguns conceitos negativos criados historicamente sobre as mulheres.

2.2 A implantação da Cadeira de Teologia Feminista na EST: entre a perspectiva da “mulher” e o gênero

A década de 90 é percebida como um momento de mudanças na formação dos estudantes de Teologia da EST. Em 1991, a cadeira de Teologia Feminista foi incluída na grade curricular como disciplina obrigatória para homens e mulheres. Esta disciplina começou a possibilitar aos alunos uma reflexão sobre as mulheres e os homens no campo religioso, social, político e privado. Nesta época, no interior do feminismo, surge a categoria gênero, que começa a ser debatida na sala de aula na EST. Observamos que embora o gênero, no início da década de 90, começasse a ser debatido, a perspectiva da Teologia Feminista pautada na “perspectiva da mulher” ainda era pensada e utilizada pelas estudantes e isso foi possível observar através dos trabalhos por elas realizados. A seguir, citaremos dois dos trabalhos realizados pelas estudantes de Teologia da EST, no período de 1990 a 2002. Um deles apresenta uma perspectiva de gênero, enquanto o outro ainda possui uma perspectiva da “mulher”.

O trabalho de Aneli Schwarz, em 1994, intitulado “Buscando uma ética feminista de libertação sexual”,⁹⁴ foi um exemplo da busca das estudantes de Teologia por uma aproximação com a categoria de análise de gênero. A autora mostrou em seu trabalho como a heterossexualidade se tornou uma instituição do patriarcado, a fim de garantir aos homens o acesso e o poder sobre os corpos das mulheres. Ela questionou a heterossexualidade compulsória a partir de alguns extremos da sexualidade aos quais ela levou, como “a genitalização da sexualidade, a repressão homofóbica da homossexualidade e a objetivação e a escravidão das mulheres como seres essencialmente sexuais.”⁹⁵ Observamos, na análise da autora, como a sexualidade foi construída a partir de relações de poder.

⁹⁴ SCHWARZ, Aneli. Buscando por uma ética feminista de libertação sexual. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1994.

⁹⁵Idem. p. 338.

Por sua vez, o trabalho de Carla Andréa Grossmann, em 1995, intitulado “O aconselhamento pastoral a partir de uma ótica feminista”⁹⁶, teve como objetivo buscar uma proposta de aconselhamento pastoral feminista, pautado na perspectiva da “mulher”. Ou seja, ela acredita que o aconselhamento a partir da ótica feminista pode resgatar a humanidade plena de homens e mulheres. Propõe ainda um trabalho de aconselhamento em grupo, que tem como objetivo superar problemas bem específicos surgidos através do sexismo, tais como, violência doméstica e a situação da mãe solteira. Neste trabalho, podemos observar ainda como esta autora, ao utilizar a perspectiva da mulher, percebe a sexualidade como uma construção essencialista.

A professora contratada para lecionar a disciplina Teologia Feminista foi Wanda Deifelt. Esta professora formou-se em 1984, na EST, e, no início de 1985, foi para Boston, nos Estados Unidos, para estudar com Rosemary Radford Ruether, no Garret Evangelical Theological Seminary e Northwestern University, terminando seu mestrado em 1986. Em 1990, começou seu doutorado no Canadá na área de Teologia Sistemática e de Teologia Feminista.⁹⁷

Segundo Wanda Deifelt, foi na década de 90 que surgiu, na América Latina, o termo Teologia Feminista de Libertação. Em 1993, foi adotado oficialmente este termo no Encontro Regional das Teólogas da Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo- (ASETT/EATWOT}, no Rio de Janeiro. A partir de 1993, ao utilizarem o termo Teologia Feminista, as teólogas assumiram o gênero como uma categoria de análise, como um princípio metodológico oficialmente.⁹⁸

No início da década de 90, com o fim do Grupo de Mulheres, foi criado o Núcleo de Gênero, que teve o objetivo de romper com a ênfase na questão da mulher, pensando, a partir daí, em termos de gênero.⁹⁹ Na EST, em 1999, surgiu o Núcleo de Pesquisa de Gênero (NPG), vinculado ao grupo CNPq, tendo como seu principal objetivo pensar a Teologia a partir da perspectiva de gênero.¹⁰⁰

Professora da EST desde 1991, Wanda Deifelt, em um de seus textos publicado em 1994, mostrou-nos os objetivos da cadeira de Teologia Feminista e de como ela estava pensando uma metodologia para o ensino desta disciplina a partir do estudo das relações de

⁹⁶ GROSSMANN, Carla Andréa. O aconselhamento pastoral a partir de uma ótica feminista. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1995.

⁹⁷ FREIBERG, M. L. Op.cit. .p. 103.

⁹⁸ DEIFELT, Wanda. Teoria feminista y metodologia teológica. Vida y Pensamiento. Vol. 14, n 1, 1994, p. 9 - 14.

⁹⁹ JESUS, Fátima Weiss. Op.cit.p. 94.

¹⁰⁰ Idem.p. 94.

gênero, propondo assim uma metodologia em três passos. O primeiro passo seria a tomada de consciência do caráter não-normativo das mulheres em relação ao corpo literário tradicional. Segundo ela:

A tarefa da teologia feminista começa apontando o aspecto patriarcal das relações sociais para então falar de novas alternativas e reconstruções. Para tal é necessário reconhecer a exclusão histórica das mulheres de cargos de liderança social, política e religiosa. A hermenêutica feminista, em particular, avalia criticamente o corpo de literatura tido como norma e aceito pelas instituições religiosas e educacionais (entre estes a própria Bíblia e escritos dos pais da igreja). Ela aponta para o conteúdo patriarcal de determinados textos bíblicos, como os códigos domésticos no Novo Testamento. A hermenêutica feminista questiona o próprio processo de canonização, que reflete uma seleção de textos que privilegiam a atuação de homens e que ainda hoje impedem uma atuação mais participativa por parte da mulher. A teologia feminista é essencialmente um ato de revisão.¹⁰¹

Nesse sentido, a Teologia Feminista questiona a Teologia tradicional de um corpo literário, como a Bíblia. Questiona também o silêncio sobre as mulheres e suas contribuições ao povo de Deus. Critica a maneira como a Teologia tradicional e patriarcal apresenta Eva como a segunda na ordem da criação, mas a primeira a pecar, além de identificar todas as mulheres como física, racional e moralmente inferiores e mais fracas que os homens.

Já o segundo passo, resumidamente, seria a descoberta de que as mulheres estão presentes na literatura, possuindo temas e perspectivas próprias. Ainda, de acordo com a autora:

O segundo passo da hermenêutica feminista começa com o reconhecimento que, apesar das mulheres terem sido praticamente esquecidas no processo histórico e excluídas dos textos bíblicos e seculares, as mulheres *são*, de fato, participantes da história, da cultura, da sociedade. Estudos elaborados durante as últimas décadas mostram que a descrição da mulher como a eterna excluída não é uma definição acertada. Há mais e mais evidência de que dentro do Judaísmo e do Cristianismo mulheres não tenham sido excluídas de modo uniforme de estudos e práticas religiosas. Ou seja, que o corpo de literatura tido como normativo é somente um lado do argumento. Mesmo que um texto seja explicitamente misógino, ele permite uma leitura pelo seu revés, pelo que tenta negar. Se as feministas começam descrevendo a mulher como vítima da história em seu papel secundário, também apontam para o fato de que ser vítima não é suficiente para descrever a dinâmica das mulheres na história.¹⁰²

¹⁰¹ Ibidem. p. 6.

¹⁰² Ibidem. p. 6.

Por fim, o terceiro e último passo se constitui na reivindicação não somente de que as experiências das mulheres e os escritos sobre elas sejam reconhecidos, mas também mostrar o modo como tradicionalmente são avaliados os escritos bíblicos, propondo novos temas e abordagens.¹⁰³

Este é o estágio em que as mulheres reavaliam as normas e os métodos da teologia à luz da crítica às tradições bíblico-eclesiásticas, buscando modelos alternativos. Neste terceiro passo, a teologia feminista tem a função não só de criticar o passado e buscar histórias perdidas de mulheres. Ela também tem a função de reconstruir a teologia, recriando e revisando categorias teológicas, usando as experiências de opressão e as lutas de libertação das mulheres como articuladoras de saber. A base para esta reconstrução teológica não se encontra necessariamente dentro da igreja institucional e de sua tradição, das Escrituras, mas na convicção de que as mulheres são criadas à imagem de Deus, vivendo numa comunidade de fé e engajadas nas lutas de êxito do patriarcado. É neste estágio que a Teologia Feminista deixa de se ater à reprodução e passa a lidar com a formulação teológica, propondo modos alternativos de ler a Escritura, redefinindo conceitos teológicos como pecado e salvação, por exemplo, e atribuindo novos papéis à própria Igreja.¹⁰⁴

Finalizando, queremos chamar a atenção para a busca, na EST, de uma releitura das passagens bíblicas que se referem às mulheres. As pastoras buscaram legitimar a sua presença nesta faculdade, na IECLB e discutir a situação das mulheres na sociedade. A aproximação destas mulheres tanto com a Teologia Feminista pensada a partir da ótica feminina, como a utilização da categoria gênero, foi uma questão de poder. Lembrando aqui as palavras de Bourdieu, o qual afirma que o campo religioso é um espaço de disputa, isto nos faz pensar que essas pastoras estão lutando para construir um novo saber sobre as mulheres e a Teologia. Queremos salientar também que o uso da Bíblia, que continua sendo considerada autoridade por essas mulheres, tem sido um instrumento de poder fundamental para legitimar o discurso das estudantes de Teologia.

¹⁰³ Ibidem. p. 6.

¹⁰⁴ Ibidem.p. 6.

CAPÍTULO II

Experiências de mulheres: as pastoras luteranas narrando sobre suas trajetórias

Neste capítulo, temos o objetivo de observar de que maneira as pastoras formadas na EST, desde a década de 70, narram suas experiências e trajetórias no pastorado. Natalie Zemon Davis é uma referência na historiografia ao falar sobre as experiências de mulheres em vários momentos da história, principalmente as religiosas. Por exemplo, o artigo intitulado “Mulheres urbanas e mudança religiosa na França moderna” e o livro “Nas margens: três mulheres do século XVII”¹⁰⁵, são obras que abordam a experiência de mulheres religiosas. O primeiro artigo mencionado mostra a experiência de mulheres religiosas urbanas na França, enfocando sua participação na Reforma Protestante no século XVI.

Desejamos, desta forma, neste capítulo, observar a experiência das mulheres como pastoras luteranas, analisando suas identificações e crenças, tentando também interpretar seus significados. Através das narrativas destas pastoras, podemos separá-las em dois grupos distintos. Um grupo enfatizou a grande dificuldade de aceitação, por parte dos membros da Igreja, do fato de uma mulher ocupar um cargo considerado masculino. Por isso, suas trajetórias pastorais são narradas como difíceis, especialmente por serem mulheres. As pastoras formadas especialmente na década de 70 e 80, ao narrarem sobre sua experiência, constroem-se em sua maioria como lutadoras e vencedoras. Afirmam que enfrentaram inúmeras dificuldades, sendo pioneiras e responsáveis por abrir caminho para as demais pastoras, e disso se orgulham. Por outro lado, outras pastoras formadas em sua maioria na década de 90, enfatizaram que, embora tenham passado por dificuldades no exercício de seu trabalho por serem mulheres, procuraram não entrar em confronto com a Igreja por causa disto, destacando a necessidade de utilizar atributos considerados femininos, como o “carinho”, a “sensibilidade” e a “docilidade”. Outra questão observada na narrativa de grande parte das pastoras foi o acréscimo de dificuldade por serem mulheres, ou seja, a dificuldade de viver a diferença que elas mesmas acreditam existir entre homens e mulheres. Certamente, parte das narrativas são baseadas em bibliografia feminista disponível desde os anos 70 no Brasil, sendo oriunda de um movimento que, em nível internacional, questionava papéis

¹⁰⁵ DAVIS, Natalie Zemon. Nas Margens: três mulheres do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

atribuídos a homens e mulheres, além de relações hierarquizadas. Sobre esta bibliografia, apresentamos no primeiro capítulo.

No tocante à utilização do conceito de experiência, é necessário fazer algumas reflexões, haja vista ser através da análise da experiência narrada pelas pastoras que construímos nossa pesquisa. Segundo Joan Scott, o conceito de experiência passou por várias mudanças, especialmente no século XX. A princípio, os historiadores utilizavam este conceito como a forma mais autêntica de verdade, não levando em conta a subjetividade dos sujeitos pesquisados, nem do próprio historiador. Hoje, a utilização desta categoria de análise implica, além de tornar visível a experiência dos sujeitos, mostrar como as suas identidades são construídas historicamente.¹⁰⁶ Além disso, é necessário fazer um exame crítico desta experiência para destacar, no nosso caso, como a categoria de representação mulher/homem é uma identidade flexível e mutável.¹⁰⁷

Scott afirma que o historiador deve prestar conta dos processos históricos, os quais, através de discursos, posicionam sujeitos e produzem experiência. Ou seja, a experiência é produzida pelo discurso. “Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência”.¹⁰⁸ Neste caso, é importante salientar que a pastora, ao narrar sobre sua experiência, está constituindo-se enquanto sujeito. Ela é sujeito do seu próprio discurso.

A narrativa das pastoras entrevistadas indica que o período da Faculdade de Teologia foi uma época em que, por serem mulheres, e enfrentaram problemas com os colegas. Percebemos que as pastoras formadas nas décadas de 70 e 80 falam com ênfase numa experiência mais difícil, pois foram as primeiras que decidiram em tornar-se pastoras, a ocuparem os bancos da referida faculdade e também a pregarem nos púlpitos das comunidades luteranas no Brasil.

Um dos momentos mais difíceis, enfatizado por elas foi o início de sua vivência como pastoras nas comunidades, especialmente na época do estágio. Muitos dos membros não estavam acostumados a presenciar uma mulher como pastora, embora a IECLB, oficialmente, tivesse declarado, no início da década de 70, que teologicamente não havia nada que impedisse uma mulher de exercer este magistério. Tornar-se pastora, portanto, foi um desafio, principalmente nos primeiros contatos com a comunidade.

¹⁰⁶ SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite, LAGO, Mara Coelho de Souza, RAMOS, Tânia Regina (Org.) Falas de gênero: teorias, análises, leituras. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 24.

¹⁰⁷ Idem.p. 26.

¹⁰⁸ Ibidem.p. 27.

Dentre os vários problemas levantados por estas pastoras, está a dupla e tripla jornada de trabalho. O pastorado é uma profissão que exige dedicação exclusiva e, muitas vezes, não há horário específico para o trabalho. Caso ocorra uma morte, por exemplo, a (o) pastora (o) é responsável pela condução do sepultamento, independente do horário e do dia, assim como outras emergências pastorais que extrapolam o horário agendado dos cultos, reuniões etc... Além disso, por serem mulheres, devem cuidar também da casa e dos filhos.

1 A Escolha da Profissão

De acordo com a maioria das pastoras, a busca e o desejo por esta profissão foram identificados durante a infância, certamente como uma forma de demonstrar a solidez vocacional. Assim, grande parte das entrevistadas justificou que a motivação que despertou o desejo de se tornarem pastoras foi a forte ligação com a Igreja desde pequenas. Como exemplo, a pastora Suzani Elisabeth Wander Hepp, formada em 1988, mostra-nos esta influência.

Essa história de ser pastora vem desde criança. Eu morava no Rio Grande do Sul e tinha uns 10, 12 anos. Este período foi quando nós tivemos o primeiro contato com estudantes de teologia. Eu não lembro bem o que houve, mas nós brincávamos muito de igreja. Então toda vez que nós tínhamos que brincar eu acabava fazendo o papel de padre. Nós nunca imitávamos os pastores, porque não sabíamos o que ele estava falando. Ele falava o alemão, e nós não decorávamos ainda. Como o padre rezava a missa em latim, nós não precisávamos saber o que ele dizia. Assim, nós brincávamos. Disseram-me que eu nunca poderia ser pastora, e eu falava que quando adulta queria ser pastora. Falavam que mulher não poderia estudar para ser pastora, somente homem. Então, eu respondia: “Por que não?” Na minha época, eu também vou poder estudar, porque hoje as mulheres já estão sendo doutoras. Mas essa experiência adormeceu. Eu fui realmente despertar para isso quando nós morávamos em Curitiba. Eu trabalhava com o ministério infantil e aquele desejo foi crescendo. Um dia, uma amiga que dava culto infantil comigo perguntou-me porque que eu não iria estudar teologia. Eu respondi: “mas mulher já pode? E ela respondeu: Mas é claro que pode.”¹⁰⁹

Um dos aspectos que ajudou essa mulher a almejar esta profissão foi o fato de tomar conhecimento desta possibilidade. Quando soube desta possibilidade pela amiga, de acordo

¹⁰⁹ **Suzani Elisabeth Wander Hepp**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Pomerode.

com sua narrativa, o desejo adormecido foi despertado e o sonho de criança novamente pôde ser revivido.

A pastora Mariane Beyer Ehart, formada em 1978, e atualmente representante do Sínodo do Vale do Itajaí, também mostrou-nos que a ligação dela com a Igreja desde pequena foi fator preponderante para a escolha desta profissão.

Foi algo que aconteceu com naturalidade e num crescente. Desde pequena, eu participava do ensino confirmatório da minha irmã. Com 5 anos, foi quando despertei. Depois, com a participação no culto infantil foi crescendo uma certeza daquilo que eu queria. Isso aconteceu no período em que tinha meu próprio ensino confirmatório e trabalhava com a juventude.¹¹⁰

Um outro aspecto que deve ser analisado é o fato destas mulheres passarem pela experiência da liderança, seja dando aulas no ensino confirmatório ou liderando o grupo de juventude. Essa experiência também é apontada como sendo um dos motivadores para a escolha desta profissão. Através da fala da pastora Neuzeli Erert, formada em 2002, observamos esta motivação.

Minha família é de tradição luterana. Então, eu já cresci participando em todas as atividades da comunidade. Eu tenho cinco irmãs mais velhas e dois irmãos. Sempre os acompanhava no culto infantil; participei na juventude e inclusive de sua liderança. Então, muito cedo, eu já sabia o que queria. Queria ir para São Leopoldo fazer Teologia. Mas surgiu aquela idéia de que poderia desistir. E eu, ao contrário, quanto mais participava mais ia ficando interessada.¹¹¹

A narrativa da experiência da pastora Adriane B. Dalferth Sossmeier, formada em 1996, também nos mostra a sua ligação, desde pequena, com a Igreja e a liderança da juventude. Ao perguntar sobre o momento da escolha da profissão, ela relatou:

Não dá para identificar o momento exato, mas eu sei que era uma caminhada muito grande em termos de liderança de juventude e do culto infantil. Desde cedo, sempre estive presente na Igreja. Conheci-me como ser humano dentro

¹¹⁰ **Mariane Beyer Ehrat** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 30 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

¹¹¹ **Neuzeli Erert**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de maio de 2003, as 16:00 horas, na cidade de Blumenau.

da Igreja. Eu tive um espaço na Igreja como líder. Dedicava-me ao teatro, ao acampamento, a dança folclórica. Para mim a igreja sempre foi um lugar gostoso e maravilhoso. Sempre gostei muito. Encontrei-me como jovem lá dentro. Um certo dia, um pastor da nossa liderança da Igreja disse assim: “Sabe que você poderia ser pastora?” Isso começou a martelar na minha cabeça, mas eu estava fazendo psicologia. Estava dando aula num colégio e estava muito bem como professora. Dava meio turno de um dia para outro. O que me motivou foram vários fatores. Eu penso e acredito que a mão de Deus colocou-me no lugar certo. Tenho certeza disso. Teve também uma história que na minha região várias mulheres tornaram-se pastoras. Meu irmão é pastor e minha cunhada é pastora. Talvez, inconscientemente, eu sabia da possibilidade deste espaço.¹¹²

Novamente vemos aqui que o saber da possibilidade de ocupação deste espaço pelas mulheres tornou-se imprescindível para que surgisse e crescesse o desejo das mesmas exercerem o pastorado. Além disso, para esta pastora, a vontade do próprio Deus deveria ser obedecida, pois queria que se tornasse uma pastora. Ou seja, ela compreende que Deus a escolheu para realizar este trabalho e acredita que a comunidade em que trabalha também foi preparada pelo próprio Deus.

Podemos observar, na narrativa do “como” se tornaram pastoras, que as entrevistadas buscaram legitimidade de sua escolha num passado mais distante, localizado na infância, permeado por vivências de liderança, estimuladas por exemplos familiares e pela possibilidade de viver num tempo em que as mulheres podem ser pastoras. Além disso, a escolha desta profissão, segundo a entrevistada acima, foi vocacional, ou seja, dada pelo próprio Deus, conforme sua vontade, afastando assim qualquer questionamento em relação à legitimidade de sua profissão.

Segundo a pastora Carla Suzana Kruger, desde 1978 a IECLB tem mulheres atuando, regular e oficialmente, no ministério pastoral. Esta pastora sinaliza para a importância do conceito do sacerdócio universal de todos os crentes, questão sustentada por Martinho Lutero, no que diz respeito à legitimação da ordenação das mulheres, mesmo que ele não tenha declarado especificamente esta possibilidade para as mulheres em seus discursos. Esta pastora cita um trecho da fala de Lutero para confirmar sua interpretação.

Todos cristãos são verdadeiramente de estamento espiritual e não há qualquer diferença entre eles a não ser exclusivamente por força do ofício, conforme Paulo diz em 1 Cor 12: 12. Todos somos um corpo, porém cada membro tem sua própria função, com a qual serve aos outros. Tudo isso se

¹¹² **Adriane B. Dalferth Sossmeier.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 22 de junho, as 10:30 horas, na cidade de Joinville.

deve ao fato de que temos um Batismo, um Evangelho, uma Fé que tornam as pessoas espirituais e cristãs.¹¹³

Esta pastora afirma que, para a Teologia luterana, o Batismo é considerado como ordenação e assim todas as pessoas batizadas podem assumir o ministério ordenado, sejam homens ou mulheres.

2. A Reação dos Pais

Em várias narrativas surgiram dificuldades, e os pais encabeçaram a relação destas. Um considerável número de pastoras contou-nos que não tiveram, na hora da escolha da profissão, pelo menos a princípio, apoio dos pais, ou, em especial, o apoio do pai. Segundo elas, seus pais resistiram em aceitar que sua filha se tornasse uma pastora. Este foi o caso relatado pela pastora Suzani E. Hepp, formada em 1988.

A minha mãe foi a única pessoa que desde o primeiro momento não disse não. Agora, meu pai não. Meu pai aceitou-me como pastora, aceitou os meus estudos somente quando fiz o casamento da minha irmã. Foi quando ele não implicou mais comigo para eu largar o estudo. Eu estava no quarto ano da faculdade. Então, ele me viu vestida de pastora e a partir daquele momento realmente não implicou mais. Nas férias, era uma briga quando eu tinha que ir embora. Ele não queria que eu fosse embora porque, segundo ele, mulher não precisava estudar, mulher casa e o marido sustenta.¹¹⁴

O pai, segundo algumas narrativas, mostrou-se o mais preocupado com o futuro da filha caso ela viesse a tornar-se pastora, pois segundo ele, à mulher cabia exercer as tarefas de âmbito privado, como cuidado da casa, dos filhos e dedicação ao esposo. Muitos pais acreditavam que o exercício do pastorado poderia colocar em risco o desempenho esperado das mulheres na sua esfera “natural”.

A pastora Neuzeli Erert contou-nos sobre a preocupação de sua mãe com seu futuro. Sua mãe achava que ser uma pastora seria muito difícil por ela ser mulher.

A minha mãe no início não queria, principalmente porque era muito tempo distante da família. Minha mãe não queria, mas também não se opôs. Por ela, eu teria ficado em Ivoti e tentado vestibular. Ela falava que em pastor todo

¹¹³ LUTERO, Martinho. À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão. P.282. In: KRUGER, Carla Suzana. As mulheres e o ministério ordenado na Igreja – um estudo sobre a ordenação de mulheres na IECLB. Trabalho Semestral. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1996.

¹¹⁴ **Suzani Elisabeth Wander Hepp**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Pomerode.

mundo manda. “É muito complicado, nunca agrada todo mundo”. Mas ela tinha outras preocupações por eu ser mulher também. Eu acho que, diretamente, ela não dizia: “Olha, você é mulher e não será respeitada. Você é mulher e será mais difícil ainda.”¹¹⁵

Observamos que na narrativa das pastoras, as formadas na década de 70 e 80 relatam que tiveram mais problemas para exercer o pastorado, sendo uma delas a resistência dos pais em aceitarem sua escolha profissional. A pastora Marion Freitag, de Badenfurt, bairro de Blumenau, formada na década de 70, contou-nos um pouco sobre a dificuldade de seus pais aceitarem a escolha de sua profissão. Seu pai, principalmente, queria que ela casasse e se tornasse uma dona-de-casa. Mas não desistiu e estudou Teologia.

A explicação que a pastora apresenta faz referência à Simone de Beauvoir. Não sabemos se leu, mas certamente sua geração leu livros, jornais ou acompanhou pela mídia as múltiplas leituras que divulgaram estas idéias. Segundo Beauvoir, a sociedade propõe o destino do casamento tradicionalmente às mulheres. Para homens e mulheres, o casamento é apresentado como radicalmente diferente. Embora ambos os sexos sejam necessários um ao outro, isso não significa necessariamente que haja uma reciprocidade. Socialmente, o homem é visto como um indivíduo autônomo e completo, é encarado como o produtor e sua existência se justifica por seu trabalho dedicado ao público e à coletividade.¹¹⁶ Ainda, o casamento é um tempo de encargo e um benefício para ambos os cônjuges, mas nem por isso há uma simetria nas situações. Para as jovens, o casamento é apresentado como “o único meio de integrar-se na coletividade e, no caso ficarem solteiras, tornam-se socialmente resíduos.”¹¹⁷ A realização das mulheres como mães também é cobrada pelos pais. Essa também é uma condição que eleva a dignidade das mulheres, segundo Beauvoir.

Marion Freitag, afirmou:

O pai, na verdade, queria que eu fosse dona-de-casa. Ainda hoje ele não se convence que eu sou uma pastora. Na cabeça dele isso não poderia existir. Mas meus pais sempre foram muito dedicados ao trabalho da Igreja e eu acho que o meu inconsciente foi se formando. Uma vez, o pai me perguntou se eu pudesse estudar de novo o que eu faria. Eu respondi: “ - Teologia.”¹¹⁸

¹¹⁵ **Neuzeli Erert**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de maio de 2003, as 16: 00 horas, na cidade de Blumenau.

¹¹⁶ BEAUVOIR, Simone. A mulher casada. In: *O segundo sexo .2. A experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. pp. 165 – 249, p. 166.

¹¹⁷ Idem. p. 167.

¹¹⁸ **Marion Freitag** . Entrevista realizada por Josilene da silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

Continuando, esta pastora fala sobre a opinião da mãe sobre sua profissão.

A minha mãe era daquela geração que segue o marido. Ela o seguiu. Para os outros eles admiram o meu pastorado, meu trabalho, mas para mim não. É porque eu sou a irmã mais velha de seis e vim de uma família que o mais velho tinha que ser homem. Meu pai não consegue trabalhar isso e essa situação me magoa muito. Mas apesar de tudo, o importante é que eu tenho um objetivo no meu trabalho.¹¹⁹

Aqui cabem algumas reflexões sobre as questões colocadas por esta pastora. A autora Elena Gianini Belotti¹²⁰, em seu livro intitulado “Educar para a submissão: o descondicionamento da mulher”,² ajuda-nos a pensar como as famílias definem a trajetória das crianças desde seu nascimento. Ela afirma que a tradicional diferença das características entre homens e mulheres não é devido a fatores biológicos, mas sim aos condicionamentos culturais aos quais o indivíduo é forçado no curso de seu desenvolvimento. Diz que os condicionamentos na direção do papel designado a um ou outro sexo começam até mesmo antes do nascimento, quando se escolhe e prepara o enxoval, que geralmente é rosa para a menina e azul para o menino. Ainda, este condicionamento prossegue com a escolha pelos adultos das brincadeiras que cada sexo deve brincar, depois as funções que “podem” ou “devem” desempenhar na sociedade. Assim, esse condicionamento prossegue no campo dos estudos e trabalho. A autora ainda lembra que este condicionamento visa conservar e transmitir valores, como o mito da superioridade “masculina” e a natural inferioridade “feminina”. É certamente com este tipo de análise que as pastoras constroem a narrativa de suas dificuldades de enfrentamento familiar.

3 O período na faculdade, no estágio e nas comunidades

A Igreja Luterana, embora tenha se destacado no Brasil como sendo uma das primeiras igrejas a abrir espaço para as mulheres no ministério ordenado, não lhes concedeu todo o apoio devido. A narrativa da experiência das primeiras pastoras formadas nas décadas de 70 e 80 mostram-nos que elas não foram recebidas pela IECLB com tantos “aplausos”, como sugeriram algumas notícias publicadas pelo Jornal Evangélico. Dentre estas notícias podemos

¹¹⁹ **Marion Freitag**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

¹²⁰ BELOTTI, Elena Gianini. Educar para a submissão: o descondicionamento da mulher. 6 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1987.

citar: “Pastoras, uma profissão de futuro”, “Os muros caem na igreja”, ou ainda “O serviço de uma pastora foi um sucesso”. Apesar dessas matérias tentarem transmitir apoio a estas mulheres, em suas narrativas estas afirmam terem encontrado uma série de dificuldades ao exercerem esta profissão considerada eminentemente masculina, demonstrando que os muros da desigualdade entre os sexos dentro da Igreja ainda teriam que ser, aos poucos e com muita resistência, destruídos.

Uma entrevista concedida, no dia 15 de setembro de 1973, ao Jornal Evangélico pela pastora Elisabeth Moltmann, a primeira mulher brasileira a ser ordenada pastora luterana fala sobre algumas dessas dificuldades enfrentadas pelas primeiras pastoras, necessitando de “cuidados especiais” em suas opiniões pessoais em relação ao seu trabalho. Assim, ela colocou:

A profissão que abracei, eu sabia, não deixa de ser motivo de forte tentação para querer convencer os outros de opiniões pessoais e valorizar excessivamente a própria personalidade. Mas meu cuidado está em apenas fazer-me entender, e que as outras pessoas sintam-se bem em minha companhia.¹²¹

Ainda nesta entrevista, Moltmann afirmava taxativamente: “não conseguir entender que haja alguma diferença qualitativa referente ao papel do homem e da mulher na Igreja de Cristo”, embora reconhecesse que nem todos pensassem do mesmo modo.¹²² Podemos perceber que ela tinha razão quando fez este comentário, pois um ano depois de sua incursão na comunidade de Ipanema, no Rio de Janeiro, em 1974, ela foi afastada de sua comunidade. Segundo afirma, o motivo foi desencadeado por desentendimentos ocorridos entre ela e o Presbitério da comunidade do Rio de Janeiro, sendo despedida por causa disto.¹²³

A experiência da pastora luterana Rita Marta Panke, uma das primeiras mulheres a trabalhar como pastora pela IECLB, em 1973, mostrou-nos como estava presente no imaginário masculino, neste período, a associação da responsabilidade do espaço privado à mulher, mesmo ela estando no pastorado (público). Uma notícia encontrada no Jornal Evangélico retrata as impressões dos membros sobre o primeiro culto celebrado por ela em uma comunidade de Vitória, Espírito Santo. Os homens, segundo o jornal, afirmaram ter achado positiva a pregação desta pastora, inclusive um deles afirmou que “a gente sente-se

¹²¹ A PASTORA ELISABETH. In: Jornal Evangélico. São Leopoldo, Ano 88, 15 de setembro de 1973. p. 5.

¹²² Idem. p. 5.

¹²³ JUVENTUDE LAMENTA O AFASTAMENTO DA PASTORA ELISABETH. In: Jornal Evangélico. São Leopoldo, n 4,, 15 de fevereiro de 1974. [S. N. P.]

mais à vontade, elas falam mais simples. É como se estivessem lavando louças, e as ameaças, exortações, não são tão fortes”.¹²⁴ Através da fala deste homem, podemos observar o tipo ideal de pastora que eles esperavam encontrar nas comunidades. Seriam elas submissas aos maridos, sendo ainda responsáveis pelo espaço doméstico de sua casa e, além disso, sem autoridade suficiente para exortá-los, como faria um pastor. O “lavar louças” pelas mulheres era algo natural na fala deste homem, assim também a pregação moderada feita por esta pastora. Enfim, esta fala nos faz pensar sobre como era esperado que as mulheres, mesmo exercendo o pastorado, continuassem responsáveis pelos afazeres domésticos.

A pastora Tais Doriléia Strelow formou-se em Teologia pela Universidade de São Leopoldo, em 1983. Em sua narrativa, ela expôs que os homens questionavam a presença feminina no curso de Teologia. Tiveram que provar serem tão capazes quanto eles nos estudos. Não negavam “fogo” no trabalho, sacrificando até a família para cumprir todos os compromissos. Tiveram que conquistar este espaço.¹²⁵ Observamos, através desta narrativa, como Strelow constrói-se como uma guerreira, ao enfatizar que foi necessário uma série de sacrifícios para tornar-se uma pastora.

Tais Strelow também falou sobre sua experiência nas comunidades em que já trabalhou: Rio do Sul, Benedito Novo e Indaial. Segundo ela, encontrou um grande apoio e uma afetividade maior por parte das mulheres do que dos homens, especialmente pela existência da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE), grupo de mulheres que se reúne para discutir questões bíblicas e pessoais, além de realizar trabalhos filantrópicos ou assistenciais. Esta sociedade de mulheres foi fundada na Alemanha, em 1888. No Brasil, a OASE surgiu na década de 10 e, aos poucos, várias comunidades luteranas passaram a contar com esta reunião de mulheres.¹²⁶ Segundo Strelow, sua figura era vista pelas mulheres da OASE como a “amiga pastora”. Por outro lado, apesar de ter sido bem recebida pelas mulheres na Igreja, sua autoridade como pastora, cargo responsável por exortar e aconselhar os fiéis muitas vezes foi abalada por ser encarada como “a amiga pastora” e não como a autoridade devida.

Sobre o exercício da autoridade, Pierre Bourdieu nos ajuda a compreender a dificuldade das mulheres exercerem autoridade ao falar sobre como ocorre a dominação

¹²⁴ MUROS CAEM. In: *Jornal Evangélico*. São Leopoldo, 1 de setembro de 1973, n° 17. p.8.

¹²⁵ **Tais Doriléia Strelow**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 04 de setembro de 2001, na cidade de Indaial.

¹²⁶ BECKER, Lauri. *Ordem auxiliadora de senhoras evangélicas- OASE: a mulher buscando espaço que lhe foi negado na sociedade e na igreja. Um caminho para a conscientização e libertação da mulher. Trabalho (Conclusão de Curso)*. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1988. p. 5.

masculina, que é responsável por delegar às mulheres o lugar da submissão e não da autoridade. Segundo o autor, a diferença biológica entre os sexos, entre o corpo feminino e masculino, é utilizada como justificativa natural para estabelecer a divisão social do trabalho, por exemplo, estabelecendo lugares que cada sexo deve ocupar. Essa divisão é imposta através da violência simbólica, que acaba naturalizando a divisão sexual nas várias práticas sociais. Nesse sentido, a submissão é algo percebido como próprio das mulheres e o exercício do poder como próprio e natural dos homens.¹²⁷ Portanto, mesmo as pastoras ocupando um lugar de exercício de autoridade, esta autoridade é percebida como diferente daquela exercida pelo homem.

A pastora Mariane Beyer Ehart, ao narrar sobre sua experiência na Faculdade de Teologia, na década de 80, afirmou que não foi uma experiência muito fácil, especialmente por ser uma das poucas estudantes mulheres naquele período. Disse ainda que os colegas acabavam achando que elas entravam na Faculdade só para “colher marido”. De acordo com ela, muitas mulheres acabaram casando-se com pastores, com exceção dela, que se casou com um policial militar, contrariando, de certa maneira, as expectativas da própria Faculdade de Teologia. Através desta narrativa, observamos como esta pastora tenta construir-se como diferente das demais, ao contrariar as expectativas da faculdade que, de alguma forma, esperava que ela se casasse com um pastor.

Mariane afirmou ter sido difícil seu processo de formação. Ela nos falou que “queria provar para os outros e para ela mesma que era capaz de ser uma pastora”. Somente com muito trabalho, através de muita resistência, as barreiras foram caindo, e hoje tem aceitação da IECLB e da comunidade em que trabalha como pastora. Como uma das primeiras pastoras da IECLB na década de 70, contou-nos que foi preciso conquistar o espaço na Igreja. Para conquistar este espaço, foi necessário mostrar para a comunidade que poderia fazer igual, ou melhor, do que um homem; mostrar que ela, como mulher, era capaz de dirigir um culto, de proclamar a palavra de Deus, de administrar os sacramentos tão bem quanto um homem.

Mas, a princípio, é importante que, como mulher, pelo menos a minha geração em comunidades, que nós pelo menos tivéssemos a oportunidade (e nós tivemos), em provar as paróquias que nós conseguimos e podemos fazer que nem um homem. Que nós vamos diante do público, que proclamamos a palavra, que administramos os sacramentos, que pregamos de forma diferente. Existe esse trabalho que é incomum, que é provar que a mulher pode fazer tão bem quanto o homem e ao lado do homem também. Ali nós tivemos que provar na prática que sabemos e podemos fazer. Isso foi o início

¹²⁷ BOURDIEU, Peirre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 20.

e eu até entendo que as comunidades precisavam dessa experiência porque elas se perguntavam: “Será que vai dar certo? Como vai ser?” E é só com o trabalho, só com a demonstração, é provando que nós ocupamos o nosso espaço. Eu sempre fui dessa opinião. Não me adianta pegar uma bandeira e ir para a rua e dizer que a mulher precisa daquele espaço. Eu preciso, sim, ocupar aquele espaço e provar que eu sei, que consigo. Na prática, com o trabalho as barreiras foram caindo por parte dos colegas homens pastores e por parte da comunidade, porque não era somente os homens da comunidade que se perguntavam: “Será que uma mulher vai dar conta? “Também era uma pergunta das mulheres.¹²⁸

A narrativa de Suzani Elisabeth Wander Hepp, atualmente pastora efetiva na comunidade de Pomerode, relatou a dificuldade no início do seu pastorado. Afirmou que foi um momento muito difícil e quase acabou com o seu futuro como pastora. Ela nos contou um episódio vivido no seu estágio em Cariacica, um município de Vitória, Espírito Santo. Lembra destes acontecimentos com bastante ressentimento, pois se sentiu discriminada.

O início do meu pastorado foi bem difícil [suspiro profundo]. Acho que quando você é vocacionada para alguma coisa, não tem dificuldade que você não supere. Se você for ver o início do meu pastorado, eu teria largado tudo pelos ares porque nós temos ainda em nosso meio pastores que não aceitam mulheres de maneira nenhuma. No meu primeiro pastorado, fui enviada para Vitória, no município de Cariacica, e o contato que mantive com a faculdade foi apenas com o pastor distrital, que na época era pastor de Vitória. Eu telefonei para ele perguntando se tinha colocado para a comunidade que seria uma estagiária mulher. Ele disse: “Pode vir tranqüila”. Está bem, eu fui. Eu não tinha muita mudança, somente a roupa do corpo e algumas outras roupas. Ele me esperou e eu cheguei numa segunda-feira. Na terça-feira, fomos para uma conferência de três dias, nos reunimos e ficamos de dois atrás dias juntos por causa da distância. Eu cheguei e meu colega simplesmente disse que naquela noite eu daria o estudo bíblico. Eu disse: “Mais como: Eu não conheço nada?” E ele disse: “Não tem importância não”. Ele me levou na frente da casa da família onde eu iria dar o estudo bíblico e mandou-me tocar a campainha. Não me apresentou a ninguém. Eu apertei a campainha e disse que eu era pastora. E eles disseram: “Pastora?” Ficaram meio assim: vamos deixar uma estranha entrar? Só na fé e na confiança eles me deixaram entrar. Uma falta de respeito e desconsideração para a própria família. Chegar e colocar uma estranha na frente da porta sem dizer para eles que iria uma pastora e que ele não iria. Ele não me falou sobre a pessoa da casa. O marido desta pessoa estava acamado, numa situação muito constrangedora para mim. No outro dia, pela manhã, ele disse que eu teria um culto no domingo. Eu disse: “Mas como um culto!” Falaram me que eu não teria logo no início um culto porque lá a liturgia era totalmente diferente do sul e eu não conhecia, ainda não tinha contato com os membros nem com a diretoria. Ele falou: “Não tem problema.” Ele me

¹²⁸ **Mariane Beyer Ehrat.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 30 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

deu um livrinho que tinha toda a liturgia do Espírito Santo que em um lado é português, no outro, alemão. Eu perguntei.: “Qual lado devo ler?” Ele disse: “Leia aqui porque não vai ter problema nenhum.”¹²⁹

Continuando a narrativa sobre sua experiência como pastora em Cariacica, Hepp comentou também sobre o primeiro culto ministrado por ela como estagiária na comunidade e a falta de atenção do pastor para com ela.

Ele [o pastor] levou-me no domingo, em cima da hora para a comunidade. Largou-me no pátio e disse: “Procure o zelador que ele vai te encaminhar”. Ele não me apresentou nem para o zelador. Então, eu cheguei no local, perguntei quem era o zelador. Olhei para os lados e ele disse: “Sou eu! A senhora veio para o culto?” Eu disse: “Sim”. Ele disse: “Nós estamos esperando o pastor chegar”. Eu disse: “Mas eu sou a pastora”. Então, ele saiu correndo. De repente, voltou e me chamou para dentro. Foi um caos. Bem, mas como já estava em cima da hora, vesti o talar e pensei: “Aqui ninguém está sabendo”. Eu cheguei na frente do altar e disse: “O meu talar me denuncia Eu sou a nova pastora de vocês. Eu fui envidada para substituir o pastor que saiu.” Então, levantou-se no meio da comunidade um homem, que depois eu soube que era o tesoureiro, e me disse: “Minha senhora, vou ser bem sincero, nós falamos para o pastor que não queríamos mulher, mas já que a senhora veio, seja bem vinda.” Esse foi o meu começo. Depois daquela ducha de água fria, quando eu iria fazer o meu primeiro culto, na primeira comunidade, aquilo foi difícil.¹³⁰

Através da experiência narrada pela pastora Suzani Elisabeth Wander Hepp, é interessante notar o impacto negativo que surgiu na comunidade luterana a partir da presença de uma pastora. Segundo ela, não recebeu a devida atenção, especialmente pelo pastor de Cariacica, responsável pelos estagiários. Nem ao menos foi apresentada à comunidade pelo pastor local. Esta situação foi relatada pela pastora com bastante mágoa. Os próprios membros também rejeitaram sua presença na comunidade, expondo publicamente, no culto, que não queriam que o estagiário fosse uma mulher. Ela não se sentiu bem aceita por esta comunidade, indo trabalhar mais tarde, por este motivo, na comunidade de Jardim do Limoeiro, local mais interiorano.

Continuando sua história, a pastora Suzani contou que seu primeiro culto na comunidade em que estava estagiando foi bastante problemático, pois além do pastor tê-la avisado em cima da hora, largado-a no pátio da Igreja sem apresenta-la à comunidade, teve

¹²⁹ **Suzani Elisabeth Wander Hepp.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Pomerode.

¹³⁰ Idem.

que ministrar o culto com uma liturgia da qual os membros não estavam habituados. A liturgia que ela tinha aprendido era mais utilizada no sul. Por isso, lamentou indignada pelo surgimento de vários comentários por parte dos membros, sobre o culto ter realizado um com uma outra liturgia. Esses comentários se resumem na seguinte fala: “além de ser mulher, não sabe nem fazer um culto”.

Resumindo, no final do culto surgiu o comentário: “Além de mulher, não sabe nem fazer o culto”. Essa impressão ficou naquela comunidade. Depois foram falar com o pastor, porque diziam: “Ah, é mulher”. E ele falou: “Calma. É por pouco tempo”. E nesse pouco tempo eles não aceitaram. Então, sempre surgia aquela proposta porque eles não queriam mulher, e quando eu falava alguma coisa, fazia alguma coisa, eles diziam: “Ah, ela é mulher. Deixa isso, é coisa de mulher.” Então, eu não fui aceita como pastora e nem respeitada como pastora. Sempre correndo até eles. Uma série de coisas dentro da própria igreja aconteceu e eu fui falar com o pastor regional. Ele também não se incomodou. Depois, eu nem quis fazer o pré-ministério. Eu disse: “Não estou em condições. Não nesta comunidade.” Eu fiquei quatro anos naquela comunidade. Na verdade, depois que eu não fui aceita como pastora, eu fui trabalhar numa outra área, Jardim do Limoeiro, mais no interior. O pastor não gostou. Então não quis fazer o pré-ministério e disse que queria sair daquela comunidade. A comunidade disse: “Nós queremos que você faça” Mas quando eu fiz o pré- ministério eu disse que não queria ser ordenada naquela igreja. Eu pedia licença para o conselho diretor para ir para outra paróquia porque ali eu não queria ficar. A princípio, eu disse para o pastor regional: “ Se isto é ser igreja, então eu estou fora deste barco porque isto para mim não é igreja porque eu fui muito (...) aqui.” Mas ele disse: “Não, o que é isso?” Eu disse: “ Na verdade é isso, todas as vezes que eu venho aqui vocês nunca tem tempo, você não dão a mínima atenção.” Nem os pastores regionais não deram a mínima.¹³¹

Esta pastora, ao falar sobre as dificuldades enfrentadas na primeira comunidade em que trabalhou, afirma que foi rejeitada na sua primeira experiência na comunidade de Cariacica, tendo que provar que era capaz de ser uma pastora.

O fato de você ser aceita pela comunidade ajuda muito. Quando você pode trabalhar, é muito bom. Você se bloqueia diante da rejeição, da não-aceitação, porque tem que se esforçar em dobro. Você tem que provar e ainda assim. Quando você faz alguma coisa, é visto com outros olhos. Nós ficamos muito inseguras também. A própria insegurança não te deixa avançar. Com certeza, ser pastora é diferente de um pastor. Eu acho que a diferença está na pessoa, ser uma mulher. Mas não quero reproduzir os

¹³¹ Idem.

moldes dos homens para ser aceita no mundo deles. Eu quero ser aceita como mulher.¹³²

3.1 O pastorado voluntário

Marion Freitag, pastora de uma comunidade em Blumenau, apontou alguns problemas de relacionamento com os membros na Igreja em que trabalha. Ela também é casada com pastor e exerce o pastorado voluntário. Este tipo de pastorado exercido pelas mulheres é bastante comum nas Igrejas Luteranas e funciona com o consentimento da direção da Igreja. Ela exerce todas as funções de uma pastora e recentemente é que a direção tem pago o INSS para que elas também possam se aposentar, se caso não abrir vaga na comunidade em que trabalha junto com o marido.

Freitag, salientou que problemas de relacionamento com homens e mulheres sempre existem, mas que é necessário “ignorar” tais situações. Por meio de sua fala, é possível perceber que o “ignorar” determinadas situações muitas vezes se torna uma tática importante e fundamental para não criar conflito entre ela e os membros.

Problemas sempre existem. Mas eu não lembro de ter vivido nenhum. A gente ignora. Eu tive problemas com as próprias mulheres. Eu sinto que os colegas de trabalho, os pastores, são machistas. O machismo da mulher é maior do que o machismo do homem. Já fui machucada várias vezes.¹³³

Ainda, segundo ela, os cultos não são pré-fixados para não haver problema de membros aparecerem em um determinado culto e no outro não. Foi uma estratégia utilizada por ela para não gerar problemas na comunidade. “Nós também não falamos para a comunidade se esse mês é aquele que prega, enquanto que no outro mês é aquele. Os cultos nós nunca pré-fixamos para não dar problemas de alguém afirmar que no seu culto vem mais e no outro vem menos. É para não nos machucar”¹³⁴

A pastora Louvani Kuhn Hirt, formada em 2001, fala sobre sua primeira experiência como pastora na comunidade de Teotônia, em Três Coroas, Rio Grande do Sul. Segundo ela, em Teotônia já haviam passado outras estagiárias e não foi muito problemática a sua experiência. Já em Três Coroas foi bem diferente. Contou-nos que não foi bem aceita na

¹³² Idem.

¹³³ **Marion Freitag.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

¹³⁴ Idem.

comunidade por ser mulher. Em seu depoimento, percebemos sua angústia e frustração por não ter sido bem recebida. Ela nos relatou um episódio vivido em que foi desqualificada para a realização de um casamento por um casal membro da comunidade, especificamente por ser mulher.

O meu estágio em Teotônia foi tudo bem. Eu fui bem aceita porque aquela igreja já tinha tido experiência com pastora. Apesar de ser uma região tipicamente alemã, nós tínhamos um pouco de receio. Em Teotônia, os cinco meses foram ótimos. No meu PPHP, em Três Coroas, eu não fui muito bem aceita, apesar de naquela cidade existirem cinco moças fazendo PPHP - Período Prático de Habilitação Pastoral. Uma das minhas frustrações foi não conseguir realizar meu primeiro casamento em Três Coroas porque eu era mulher. E o pior de tudo é que a noiva não queria que o seu casamento fosse feito por uma mulher. Então, eu fiquei chateada e muito sentida. Eu disse para o meu colega pastor que eu não iria fazer mais o casamento. Se ela quisesse que eu fizesse, eu não faria mais. Porque não tinha ninguém que fizesse, a não ser eu. Os colegas estavam todos ocupados. Agora, mesmo se ela mudasse de idéia, não faria mais. Eu não iria sentir-me bem porque eles iriam lembrar o resto de suas vidas de que alguém fez o casamento do qual eles não queriam. Eu não fiz nenhum casamento no ano passado, mas em compensação, fiz um batismo. Isso foi minha volta por cima. Mas eu sempre me lembro desse episódio com bastante tristeza.¹³⁵

Por meio da fala desta pastora, observamos que a celebração de muitas liturgias e sacramentos, como o casamento, por exemplo, teve que ser “conquistadas” pelas pastoras no cotidiano, embora a IECLB, teologicamente, trate pastores e pastoras igualmente. O exemplo deste problema enfrentado pela pastora Louvani Kuhn Hirt, citado acima, mostra-nos claramente a desqualificação da pastora por este casal.

A pastora Zirlei Horst Pereira, casada com pastor e pastora voluntária na comunidade de Pouso Redondo, contou-nos alguns dos problemas vividos por ela.

O que mais me constrangeu foi o que aconteceu recentemente. Isso aconteceu no aconselhamento pré-matrimonial com um casal e depois de ter feito toda a palestra sobre casamento. Depois de ter conversado bastante com os noivos, chegamos ao final da conversa. Abri para perguntas e perguntei se eles tinham alguma dúvida. Eles perguntaram se seria eu ou o meu esposo que iria fazer o casamento. Quando surgiu esta pergunta, eu já senti e perguntei porque ela estava perguntando aquilo: “Você tem preferência?” Ele disse que preferia o pastor, enquanto a noiva ficou mais encabulada e disse que não havia preferência por nenhum dos dois. Então, perguntei o porquê e ela disse me: “Porque o pastor é homem.” Ali eu notei que estava

¹³⁵ **Louvani Kuhn Hirt.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 29 de junho de 2003, as 14:00 horas, na cidade de Timbó.

muito claro. O que mais me assustou foi que ele era um rapaz muito tímido e fechado, de quem nós não esperávamos uma reação dessa. Eu disse: “Tudo bem! Você tem o direito de escolher. Nós damos liberdade para esta escolha.” Eu achei esta situação muito constrangedora.¹³⁶

Cabe destacar aqui o forte argumento utilizado pela noiva e que fez com que ela escolhesse o pastor para a realização do seu casamento: pelo simples fato do pastor ser homem, ele é mais preferido do que a pastora. O homem, neste caso, é percebido como possuidor de uma maior autoridade espiritual do que a mulher. É interessante destacar que determinadas funções desempenhadas na Igreja pelas pastoras, como o trabalho com as crianças, jovens e senhoras, em nenhum momento é questionado. Já a realização do casamento e enterro, por exemplo, são cerimônias que a maioria dos membros prefere que sejam realizadas pelo pastor, pelo simples fato dele ser homem. Continuando sua narrativa, Zirlei afirmou que a maioria dos membros procura aconselhamento com o seu marido pastor do que com ela, mas salienta que procura não entrar em conflito com a sua comunidade por causa disto.

A leitura da obra de Georges Duby¹³⁷ nos ajuda a entender sobre a dificuldade da realização de casamentos pelas pastoras, por ser o casamento uma invenção patriarcal. Entre o ano mil e o início do século XIII, a Igreja Católica conseguiu impor as suas concepções da instituição matrimonial. Este projeto consistia em tornar o celibato dos padres obrigatório e controlar o mundo dos leigos, através da célula conjugal. Duby salienta que o conceito de casamento elaborado pelos padres deste período colocava a mulher em uma posição menor do que a do homem. Afirma, inclusive, que o casamento servia para ordenar a desigualdade entre ambos os sexos, pois a mulher levava consigo a culpa do pecado do paraíso e o castigo divino por este ato. Ser dominada pelo homem e sentir a dor do parto resumem seu castigo.¹³⁸ Ainda Duby mostra que, no tocante ao casamento, sobre as mulheres era a seguinte: “A mulher é um ser fraco que deve necessariamente ser subjugado, porque é vista como naturalmente perversa, estando destinada a servir o homem no casamento, e que o homem tem o poder de servir-se dela.”¹³⁹

O conceito de casamento está imbuído de um valor hierárquico. Muitos membros não vêem com bons olhos serem casados por uma pastora, porque a realização desta cerimônia

¹³⁶ **Zirlei Horst Pereira.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, às 20:00 horas, na cidade de Florianópolis.

¹³⁷ DUBY, Georges. O cavaleiro, a mulher e o padre. Dom Quixote. Lisboa, 1981.

¹³⁸ Idem. p. 22.

¹³⁹ DUBY, Georges. Idade Média: idade dos homens: do amor e outros ensaios. Tradução de Jônata Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 30.

exige uma comunhão muito grande da mesma com o próprio Deus. Afinal, é a pastora que irá dar a bênção matrimonial aos noivos em nome de Deus. O lugar ocupado pela pastora para a realização do casamento é um lugar no qual são exercidos o poder e a autoridade. O exercício da autoridade pelas mulheres, especialmente a espiritual, é questionado pelos membros, pois, de acordo com suas percepções historicamente construídas, a vocação “natural” das mulheres não é exercer poder, embora sejam pastoras.

A pastora Adriane B. Dalferth Sossmeier, formada em 1996, também casada com um pastor e recentemente atuando como pastora contratada numa das comunidades de Joinville, narrou-nos sobre sua experiência no estágio do pastorado. Disse que sua experiência também não foi fácil. Segundo ela, escutou muitas coisas por ser pastora, das quais jamais esquecerá.

Eu fiz o meu PPHP em Rio Bonito, numa região onde nunca teve uma pastora. Neste local, existem colonos carrascos muitas vezes com as próprias mulheres. Eu cheguei naquela região e eles disseram: “Agora só falta pendurar uma mulher na cruz.” Outra coisa que eu ouvi: “Quando morrer, se for enterrado por uma mulher, irei para o inferno.” Isso foi no início, quando eu cheguei.¹⁴⁰

No imaginário dos membros desta comunidade, a cruz é associada diretamente ao masculino, afinal Deus é percebido como homem. Jesus veio ao mundo como homem para salvar a humanidade. Uma mulher salvadora jamais seria concebida pelos membros. Ser enterrado por uma pastora também é visto como um problema. Não é possível uma mulher ser pastora, muito menos realizar um enterro. Isso poderia trazer sérias conseqüências espirituais ao morto, levando-o, inclusive, para o inferno.

3.2 Não ao confronto

Diante de situações constrangedoras como estas supracitadas, a pastora Adriane afirmou ter optado em não entrar em confronto com a comunidade, pois, segundo ela, o confronto não funciona, já que poderia gerar conflitos maiores e colocar em risco sua profissão.

Depois de um ano, a partir da leitura em que mostramos o ministério através do dom, todas as mulheres e este homem mudaram de idéia, porque eu não

¹⁴⁰ **Adriane B. Dalferth Sossmeier.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 22 de junho de 2003, as 10:30, na cidade de Joinville.

entrei em confronto. Eu entrei pela conquista do abraço. Eu não falava em machismo ou feminismo, mas eu usava outras palavras para dizer a mesma coisa. O que eu aprendi é que o confronto não é o certo. Mas é o caminhar junto. Os membros não têm culpa por pensar assim, porque a história os fez pensar assim. E o coitado que disse que só faltava pendurar uma mulher na cruz não sabe que Jesus não é homem nem mulher. Ele era filho de Deus, e não será colocando uma mulher nem um outro homem na cruz que vai ser diferente. Ele era um ser humano como um todo. Coitado deste homem. Eu não posso culpá-lo.¹⁴¹

Não entrar em confronto com a Igreja parece ser uma estratégia utilizada por esta pastora para permanecer na comunidade. E, embora pense diferente, ela procura, através do não confronto, mostrar suas idéias.

Michel de Certeau nos orienta a prestar atenção nas práticas cotidianas dos sujeitos. Criticando Michel Foucault, afirma que ele privilegiou o estudo dos aparelhos reprodutores da disciplina, ou seja, as instituições. Por outro lado, esqueceu de pensar nas práticas dos sujeitos diante desta disciplina. Existem no cotidiano, segundo Certeau, inúmeras maneiras do “fazer”, maneiras estas utilizadas pelos sujeitos, que não estão presos às instituições que impõem as disciplinas. Observando estas práticas, devemos perceber a sua lógica. Muitas táticas são do tipo que surgem ao acaso, como as maneiras de falar, ler, conversar e as estratégias que traçam objetivamente seus propósitos. Lembra ainda que essas táticas e estratégias são resistências presentes nas práticas dos sujeitos.¹⁴²

No cotidiano vivido pelas pastoras nas comunidades no período do estágio, e também quando assumem uma comunidade, estas utilizam táticas e estratégias para conseguir conviver com a comunidade sem entrar em confronto com ela, embora tenham vivenciado situações em que afirmam que sua presença foi questionada por muitos membros. As pastoras se sentiam vigiadas pela comunidade, como se os membros estivessem esperando que cometessem algum erro para poderem criticá-las.

A pastora Adriane, no início do seu pastorado, afirma que não teve uma aceitação satisfatória por parte da comunidade. Segundo ela, para conquistar a Igreja utilizou-se de várias táticas, como o “abraço”, o “carinho”, a “atenção” e a “paciência”. Cabe destacar aqui que estes são atributos ditos “femininos”. Segundo afirma:

Eu enfrentei o meu PPHP sozinha, e lá eu consegui fazer muita coisa. Essa mudança ocorreu por eu não ter entrado em confronto com a comunidade.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² CERTEAU, Michel de. Artes de fazer. In: A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.p. 47. pp- 33-53.

Por mais que estivesse com vontade de abandonar tudo, o mais importante foi a minha paciência. Isto me ajudou muito.¹⁴³

Através do exposto acima, observamos o quanto a “paciência” foi uma atitude assumida por muitas pastoras nos momentos de conflito com a comunidade. Com muita “paciência”, decepcionada e com muita vontade de ir embora e largar o pastorado, a pastora Adriane afirmou não ter desistido. Relatou orgulhosa ter provado que era capaz de cuidar e administrar uma comunidade sozinha. De acordo com ela, os membros, aos poucos, depois de questionarem muito sobre a validade do pastorado feminino e a capacidade de uma mulher na direção de uma Igreja, chegaram à conclusão de que uma mulher poderia dirigir um culto sozinha, tocar violão, dirigir o louvor e, inclusive, dirigir à noite na BR 101, ou seja, exercer funções “masculinas” tão bem quanto um homem.

Aqui se torna necessário que algumas reflexões sejam feitas para nos ajudar a entender estas dificuldades da comunidade em aceitar uma mulher como pastora. A leitura de Michelle Perrot pode auxiliar neste sentido, pois afirma que o lugar das mulheres no espaço público sempre foi muito problemático no mundo ocidental. Já na Grécia desenvolvia-se o conceito de cidadania em que se excluía a mulher desses direitos. Ela salienta que a esfera pública constituía-se em oposição à privada. A mulher era criada para a família e para os afazeres domésticos. Ser mãe e dona-de-casa era a sua vocação natural. Os homens dominam a esfera pública e fazem dele seu santuário. Criou-se a percepção da mulher como desordeira, selvagem, instintiva e muito mais sensível do que racional. Era comparada a Eva, a mulher que quis desafiar Deus e a ordem do mundo. Lembra que, no século XVIII, a partir do nascimento das ciências naturais e biológicas, os corpos das mulheres passaram a ser vistos como doentes. Elas eram, por isso, incapazes de fazer abstrações, de criar e principalmente, de governar e exercer o poder.¹⁴⁴ Isso se mantém até hoje e é um dos motivos que dificulta os membros a aceitarem com tanta facilidade o discurso das pastoras. E, quando é aceito, ele é fortemente criticado, o que não acontece com um discurso feito por um pastor.

A experiência contada pela jovem pastora Neuzeli Erert, formada em 2002, atualmente estagiária numa comunidade localizada no município de Blumenau, bairro da Velha, mostrou-nos que se tornar pastora não foi tão simples. Foi necessário, segundo ela, tomar uma série de “cuidados” nas pregações dos cultos, pois uma frase apenas, quando mal interpretada, poderia

¹⁴³ **Adriane B. Dalfert Sossmeier.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 22 de junho de 2003, as 10:30, na cidade de Joinville.

¹⁴⁴ PERROT, Michelle. Mulheres públicas. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998. p. 8-9-10.

acabar desqualificando rapidamente seu trabalho. É diferente, por exemplo, do que aconteceria com o trabalho de um pastor. Há que tomar certos cuidados, especialmente com as palavras, tendo que, inclusive, modificar sua conduta para agradar os fiéis para ser bem aceita.

Sou mulher do Norte do Brasil. Tenho características diferentes. Não fui criada dentro de uma tradição rígida alemã. Tive contato com pessoas de outras culturas. Rondônia não tem uma cultura hegemônica, forte. É uma mescla de imigrantes. O meu jeito de ser aqui é diferente. E me sinto diferente. E por ser mulher também. Digamos que devemos ter muita cautela, tentar fazer um bom trabalho, mas sempre lembrando de cuidar dos detalhes, porque uma coisinha pequena pode estragar todo o trabalho. Essa consciência, acredito que cada uma das colegas têm. Temos que cuidar porque se você apronta alguma coisa, ou se alguma coisa é mal interpretada, todo o trabalho vai por água a baixo.¹⁴⁵

Através da fala da Pastora Neuzeli percebemos que esta se sentiu visada e cobrada pela Igreja. Essa cobrança é feita pelos próprios membros. Segundo Neuzeli, a maioria das pastoras têm que conquistar seu espaço, pois na comunidade em que trabalha atualmente o lugar da pastora não existia. Criar este espaço se tornou um trabalho bastante complicado, cansativo, cheio de estratégias para conquistar os membros, com táticas para permanecer na comunidade sem causar polêmica ou grandes discussões. Aqui nos deparamos novamente com a opção desta pastora pelo não-confronto com a comunidade. É interessante perceber que, ao se identificar como nortista, parece que essa condição traz algumas dificuldades a mais no seu relacionamento com a comunidade.

Neuzeli conta que a comunidade na qual ela é estagiária, a princípio não queria uma pastora, mas acabaram “aceitando” após muita conversa com o pastor local. É neste momento de escolha da comunidade entre um estagiário e uma estagiária que se percebe como os membros diferenciam um pastor de uma pastora, afirma Neuzeli. Ou seja, a maioria das comunidades luterana prefere pastores a pastoras.

Os membros diferem. Para o bem ou para o mal, eles diferem. A pastora tem que conquistar o seu espaço, porque mesmo na minha experiência do PPHP, quando eu falei pela primeira vez com o meu monitor, ele disse que a comunidade não queria muito que a estagiária fosse uma mulher. Por isso, nós percebemos que faz diferença ser homem ou mulher. Mas, então, nós

¹⁴⁵ **Neuzeli Erert.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de maio de 2003, as 16: 00 h, na cidade de Blumenau.

conversamos e negociamos e ele disse que poderia vir que não teria problema, somente para me tranquilizar. E realmente eu não tenho encontrado barreiras pelo fato de ser mulher, mas sinto-me em observação. É diferente porque o homem chega e o lugar é dele, e inclusive a resistência tem a ver com experiências com outras estagiárias mulheres. Se uma mulher comete um erro, isso vale para todas as demais posteriormente. Fecha-se a porta para as mulheres, enquanto para os homens não. Já houve pastores que fizeram a maior “burrada” na comunidade e eles simplesmente comentavam: “Vamos chamar outro pastor. Não vamos chamar uma pastora porque o homem errou.” Então essa diferença perdura.¹⁴⁶

As observações colocadas por esta pastora nos fazem pensar sobre um mito¹⁴⁷ presente ainda hoje na sociedade ocidental. Segundo Beauvoir, o homem é considerado um sujeito completo, essencial, sexuado, absoluto, e que a mulher, é o *Outro*. Este mito ainda diz a mulher é fêmea e não sujeito. Ela é o feminino, o inessencial, o incompleto sem o masculino. Torna-se sexuada em função do homem.¹⁴⁸ Seguindo este pensamento, podemos entender o diferente tratamento dado pelos membros em relação a conduta dos estagiários e das estagiárias. Os membros estabeleceram uma percepção diferente entre homens e mulheres, pautado neste mito. Existe uma preocupação maior com a conduta moral da pastora do que com a do pastor. Quando a pastora erra, ela representa uma coletividade, uma espécie, ou seja, todas as outras mulheres, como se todas fossem iguais. Já os pastores, por sua vez, são vistos como responsáveis somente pelos seus atos, afinal são vistos como seres completos.

4 A pastora solteira

Uma outra dificuldade narrada pela pastora Neuzeli foi a grande preocupação dos membros por ela ser solteira. Esta preocupação com os pastores não existe, afirma. Diante da preocupação com a moral da pastora, observamos que o mito que estabelece a diferença entre os homens e mulheres está presente no pensamento desses membros. Os homens são homens e sua conduta moral é particular. Morar sozinho não é visto como problema pela Igreja. Já com a pastora é diferente. Sua moral é controlada e constantemente vigiada. Namorar torna-se um problema, diferente do que acontece com o pastor, afinal ele é sexuado e, portanto, namorar é uma vontade natural. Já a pastora é vista como assexuada. É interessante observar o que Neuzeli menciona em relação ao namoro. Disse que os homens da comunidade não se

¹⁴⁶Idem.

¹⁴⁸ BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: fatos e mitos. Parte I. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968. p. 10 - 11.

aproximam muito dela por ser vista como uma mulher mais “pura” do que as outras, ou seja, sem sexualidade, sem desejos. Segundo ela, essa preocupação não existe com os pastores estagiários pelo simples fato deles serem homens.

Pelo fato de eu morar sozinha causou polêmica. Queriam me colocar com uma família. Essas são preocupações que com o homem não existem. A questão da moral é muito forte. Arrumar um namorado é um problema. Namorar no estágio então! Sabemos de PPHPistas homens que namoraram muito, e quando foram embora isso não se tornou um problema para a comunidade. Já com as mulheres não. E até é engraçado porque os próprios rapazes têm uma certa resistência. A pastora passa a idéia de estar envolvida com a Igreja o tempo todo. Os homens têm um pouco de receio e não se aproximam tanto quanto as mulheres dos pastores. E as mães também praticamente empurram as filhas para namorar com os pastores. Essas pequenas coisas nós percebemos.¹⁴⁹

O pastor solteiro é percebido pelas mulheres da Igreja como um bom partido para as suas filhas. Ele chega a ser disputado por elas, e as próprias mães fazem questão do namoro. Já para a pastora encontrar um namorado na época de estágio é bastante difícil, pois há esta idéia de que ela estaria envolvida o tempo todo com a Igreja. Deve ser por isso que muitas pastoras acabam casando-se com pastores que conheceram no período de faculdade.

5 A pastora e a oratória

A pastora Adriane também levanta algo bastante interessante sobre a validade do seu discurso como pastora. O discurso de uma pastora não é encarado da mesma maneira do que o discurso feito por um pastor. Relatou-nos que ela e seu esposo lideram um grupo de casais e percebeu que o discurso do pastor tem um peso maior do que o dela. Um exemplo é a declaração feita por ela, deixando bem claro a maneira diferenciada com que os membros percebem o pastor e a pastora.

Nós trabalhamos juntos, principalmente nos grupos de casais. Nesse lado, há muita resistência. Por exemplo, nos grupos de casais, quando eu coloco alguma questão, eles têm uma compreensão, e quando o Jandir coloca a mesma questão, eles aceitam melhor. Então, uma grande tarefa que eu vejo é não somente nós mulheres falarmos de nós mulheres. Devemos conquistar alguns homens. Se um pastor menciona que precisa lavar louças, ou quando

¹⁴⁹ **Neuzeli Erert.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de maio de 2003, as 16: 00 h, na cidade de Blumenau.

ele fala de sua experiência, é uma coisa, agora quando eu digo: vamos ajudar, vamos ser mais compreensivos, vamos ouvir o que as mulheres têm a dizer, que a mulher pode trabalhar fora, que não precisa ter três jornadas, é diferente. O que me ajuda muito é saber que meu marido é pastor.¹⁵⁰

A pastora Neuzeli escutou inúmeras reclamações por ser mulher. Segundo ela, a Igreja já está acostumada a ouvir a voz do pastor, que geralmente é mais grossa, alta e dominante. Isso se torna uma dificuldade para muitas pastoras, pois muitas delas possuem uma voz mais fina, baixa, diferente da voz de um homem. Essa cobrança e comparação existe por parte da comunidade.

A comunidade está até acostumada com a voz do pastor. Ouvir aquela voz forte, grossa, puxando sempre. Eles estranham e geralmente é uma crítica em relação às vozes das pastoras. Há mulheres que possuem voz suave, baixa, mais fina, e mesmo que saibamos que nem todos os pastores possuem vozes boas, já é uma diferença no ouvir, pois a comunidade já está acostumada a ouvir o pastor.¹⁵¹

Michelle Perrot nos ajuda a entender melhor a relação entre as mulheres e a oratória. Afirma que a idéia de que a natureza das mulheres se destina ao silêncio e à obscuridade está profundamente arraigada em nossas culturas. A autora destaca que as mulheres permaneceram por muito tempo excluídas da palavra pública. Mas, aos poucos, elas foram inserindo-se em todas as áreas do escrito e saíram da obscuridade. Entretanto, sua visibilidade é contestada ainda hoje em muitas áreas, pois ainda há a idéia de que às mesmas cabe o silêncio.¹⁵²

Perrot lembra que muitas mulheres, no período da Revolução Francesa, foram expulsas das assembléias e das tribunas, sendo proibidas de falarem de política.¹⁵³ Portanto, para as mulheres saírem da obscuridade foi bastante difícil, pois estavam acostumadas ao silêncio. As manifestantes feministas do século XX ousaram em exercer a oratória, correndo o risco de serem zombadas e sua identidade ser colocada em jogo, pois quem era considerado bom falante em público, ou melhor, os autorizados, eram apenas os homens.¹⁵⁴

¹⁵⁰ **Adriane B. Dalferth Sossmeier.** Entrevistada por Josilene da Silva, em 22 de junho de 2003, as 10:30, na cidade de Joinville.

⁷⁴ **Neuzeli Erert.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de maio de 2003, as 16:00 h, na cidade de Blumenau.

¹⁵² PERROT, M. Op. Cit. p. 59.

¹⁵³ Idem.p. 67.

¹⁵⁴ Ibidem. p. 70.

6 A pastora, a esposa do pastor, a mãe e a dona-de-casa

Praticamente, todas as entrevistadas, em suas narrativas, apontaram para o problema da dupla e tripla jornada de trabalho. As casadas com pastores afirmaram ter que exercer, em algumas ocasiões, a função de esposa de pastor, em outros momentos, o de pastora, e ainda são mães e responsáveis pelo cuidado da casa. Elas relatam as dificuldades de exercer todas essas funções simultaneamente e, muitas vezes, por não conseguirem exercer todas elas, acabam optando em dar ênfase apenas a algumas, não se dedicando ao pastorado como gostariam, pois o cuidado da casa e a educação dos filhos ainda é de sua responsabilidade. Isto foi o que aconteceu com a pastora Marion Freitag, pastora em Badenfurt, município de Blumenau. Ela destacou que não conseguiu dar conta de exercer todas essas funções:

Não entra na cabeça da maioria das pessoas que eu não tenho condições de ser mãe, esposa de pastor e pastora ao mesmo tempo. Mas é o jeito. Graças a Deus, ele tem dado forças para eu não ficar “estressada” da vida. Às vezes chego nervosa num lugar e as pessoas esquecem que a mulher tem “tpm”, cólicas...¹⁵⁵

É interessante ressaltar que os próprios membros identificam as pastoras, em alguns momentos, como esposa do pastor e, em outros, como pastora. Essa situação gerou alguns problemas, pois nos momentos em que ela deveria ser vista como uma pastora acabou sendo percebida como a esposa do pastor, e, em outros momentos, o contrário aconteceu. Nesse sentido, a situação da pastora é complicada, porque ela tem que saber lidar com estas diferentes percepções da comunidade. Os membros definem os lugares em que a pastora e a esposa do pastor atuam.

A pastora Ruth L. W. Musskopf, contratada pela Igreja da Paz, em Joinville, afirma também ser confundida como esposa de pastor, mas relata que o pastor também é conhecido como o esposo da pastora, afinal, ser pastora é algo ainda diferente para a Igreja.

Eu sou a pastora desta comunidade e quando estou com meu marido, algumas pessoas me chamam de esposa do pastor. Mas, por outro lado, ele diz que é conhecido como o marido da pastora. Então, muitas vezes, ele se apresenta e menciona que é esposo da pastora. Eles me conhecem. Quando acontece conosco, pensamos imediatamente que se trata de preconceito, pois

¹⁵⁵ **Marion Freitag**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

estão me chamando de mulher do pastor. Ele é o pastor e eu sou a mulher. Mas, por outro lado, isso também acontece com ele.¹⁵⁶

Algumas expressões colocadas pelos membros são dirigidas à pastora, incomodando-a, pois a classificam como esposa do pastor e não como pastora.

Uma vovozinha que diz “Frau” [esposa de pastor em alemão]. Da vovozinha eu não levo isso a mal, porque eu sei que ela foi educada assim, mas tem as mais novas que me chamam “senhora pastora e esposa de pastor”. Às vezes elas colocam como esposa de pastor. Eu coloco na brincadeira que eu sou as duas coisas, pastora e esposa de pastor.¹⁵⁷

6.1 O cuidado da casa

Por meio da fala das pastoras observamos que para elas exercerem o pastorado integralmente, tiveram que contratar uma pessoa para auxiliar na organização da casa e no cuidado dos filhos, pois estas tarefas são responsabilidades delas e não do esposo, seja pastor ou não. Este é o caso da pastora Mariane Beyer Ehrat.

Eu sempre pude dedicar-me à minha atividade, porque sempre tive o apoio da minha família, do meu marido e do meu filho. Sempre tive uma pessoa de confiança, pois, como pastora, tinha muitas atividades. Meu marido era industrial e tinha seus compromissos, e é claro que eu tinha que deixar meus filhos com alguém.¹⁵⁸

A pastora Ruth L. W. Musskopf, formada em 1987, também fala da necessidade de contratar uma pessoa para cuidar de sua casa e dos seus filhos. Ela afirmou não conseguir ser pastora, cuidar da casa e dos filhos simultaneamente. Essa cansativa jornada de trabalho a tem levado a refletir sobre o seu exercício no pastorado. Pensa em parar e exercer outras atividades, como a de lecionar, por exemplo.

A minha sorte é que eu tenho uma empregada muito amável com minhas crianças: uma filha de três anos e uma de sete. Pela manhã, dou aula no

¹⁵⁶ **Ruth L. W. Musskopf.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 21 de junho de 2003, as 14:00, na cidade de Joinville.

¹⁵⁷ **Marion Freitag.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

¹⁵⁸ **Mariane Beyer Ehrat.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 30 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

colégio: à tarde estou na paróquia e à noite também. Final de semana também. Isso é que está me fazendo repensar se é isso que quero. Por mais que eu goste, é muita coisa. Sou mãe e as minhas filhas sentem falta. É o nosso problema. Meu marido trabalha pela manhã, à tarde e à noite.¹⁵⁹

A pastora citada acima afirma preocupar-se mais com a casa e com os filhos do que seu marido. Para este, o emprego está em primeiro lugar. Ela tem exercido com dificuldades as atividades do pastorado, pois ainda desempenha as funções de mãe e o cuidado da casa. Para preparar a pregação de um culto num domingo, por exemplo, tem que “pedir” ao marido para ficar com as crianças e, se possível, fazer as compras no supermercado.

Tenho que pedir para ele se pode ficar com as crianças. Tenho que pedir para ele, enquanto para mim é uma preocupação. Vejo que gostaria de permanecer mais tempo com eles, mas ele entende que primeiro vem o trabalho. É diferente a visão de trabalho e de família de homens e mulheres. Eu tenho que saber o que precisa ser comprado. É a mulher que faz a lista das compras. Meu marido vai ao supermercado, mas quem faz a lista sou eu. Então, quando tenho que preparar uma pregação para o culto no domingo, peço para ele fazer as compras para que eu possa à tarde preparar o culto.¹⁶⁰

É interessante notar que esta pastora tem que “pedir” para o seu esposo “ajudá-la” no cuidar dos filhos e da casa, como se fosse um favor concedido pelo homem à mulher. Ou seja, à mulher é destinada a manutenção da casa e dos filhos. É como se fosse sua obrigação a realização dessas tarefas, além do exercício do pastorado. Cabe lembrar o que Stella Bresciani¹⁶¹ trata em seus estudos sobre a relação das mulheres com o espaço público e privado. Esta autora afirma que foi entre os séculos XVII e XVIII que ocorreu a divisão dessas duas esferas, a pública e a privada, e que esta última ficou sob responsabilidade das mulheres e daqueles que não tinham o direito à propriedade e não gozavam de nenhum direito político.

É interessante sabermos que os homens também possuem tarefas encaradas como “essencialmente” masculinas, como os consertos, o cuidado com o jardim, as tarefas do banco, o carro etc... Destacamos isso, pois o nosso trabalho não tem como o objetivo vitimizar as mulheres, mas mostrar como elas falam sobre as suas percepções.

¹⁵⁹ **Ruth L. W. Musskopf.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 21 de junho de 2003, as 14: 00 da tarde, na cidade de Joinville.

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ BRESCIANI, Stella. O anjo da casa. In: *História e Perspectiva*. Uberlândia. (7): 191-223 Julh/Dez., 1992. Op. Cit. p.192.

Louvani Kuhn Hirt, casada com pastor, está no pastorado voluntário em Timbó e, por não receber salário, afirmou achar difícil pagar uma pessoa para auxiliar na casa e nos cuidados dos filhos. Sendo assim, possui várias tarefas, e o pastorado fica em segundo plano. O trabalho do pastorado é feito após a realização das outras atividades. Segundo ela, tenta acompanhar o marido nas atividades, mas nem sempre é possível.

Na minha casa não temos quem nos auxilie, até porque sou voluntária e também pela própria questão financeira. Se não consigo trazer nenhum recurso financeiro para casa, como é que eu vou colocar alguém e ainda pagar? Então, tenho as atividades da casa, tenho o filho, as atividades escolares do filho, e tento acompanhar meu esposo em alguns trabalhos de visitação. Eu comecei a fazer sozinha dentro do meu voluntariado foi visitar alguns hospitais.¹⁶²

Por sua vez, a pastora Adriane relatou-nos que para ela assumir o pastorado teve que contratar uma pessoa para cuidar de sua casa. Mesmo que muitas vezes o salário não compense todo o trabalho realizado na comunidade, ela prefere pagar para uma outra pessoa assumir suas responsabilidades domésticas e, muitas vezes, maternas. Segundo suas palavras, “Sou pastora, mãe e mulher. Ter uma pessoa em casa para auxiliar tem me ajudado muito. Eu tive que abdicar. O salário não compensa. Tenho o meu salário hoje, mas trabalhei seis anos no voluntariado”.¹⁶³

Um outro problema levantado pela pastora Louvani Kuhn Hirt é o exercício do pastorado voluntário pela maioria das pastoras casadas com pastores. Ela é pastora, casada com um pastor efetivo em Timbó. Não exerce o pastorado efetivamente. Trabalha no pastorado voluntário por falta de vaga para ela na Igreja. Geralmente, é difícil abrir simultaneamente duas vagas para pastores nas comunidades. Abre-se uma vaga por vez. Pelo que podemos observar nas entrevistas, quem assume, na maioria das vezes, é o marido pastor e não a esposa pastora. Por causa desta situação, muitas pastoras contam que ficaram anos sem receber salário.

Em sua pesquisa, Suely Gomes da Costa¹⁶⁴ analisou a natureza das tensões presentes na saída das mulheres para o espaço público e na montagem de sistemas protecionistas no Brasil. Em relação a essas tensões que ocorreram com a saída das mulheres em busca do

¹⁶² **Louvani Kuhn Hirt.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 29 de maio de 2003, as 14:00 horas, na cidade de Timbó.

¹⁶³ **Adriane B. Dalferth Sossmeier.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 22/06/2003, as 10:30, na cidade de Joinville.

¹⁶⁴ COSTA, Suely Gomes da. Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. In: Estudos Feministas. Vol. 10, n.º 1/2002, p. 301-323.

espaço público, houve a necessidade destas delegarem tarefas da administração de suas casas e cuidado dos seus filhos a outras mulheres. No Brasil, estas são práticas que reafirmam a maternidade transferida, onde as mulheres acabam atribuindo responsabilidades mutuamente. Esta prática foi importante para a conquista do espaço público pelas mulheres, especialmente na década de 70. Entretanto, Suely chama nossa atenção afirmando que esta transferência acaba reforçando as desigualdades, que são próprias das relações de poder entre as mulheres. Neste caso, a que trabalha fora e a que fica em casa. É somente na década de 80 que a luta pelos direitos reprodutivos passa a discutir a igualdade entre as mulheres.

Por fim, neste capítulo, pudemos constatar um pouco da vida de algumas pastoras e como elas se constroem ao narrarem suas experiências. Observamos que as pastoras se constituem de duas maneiras: a guerreira, lutadora, que venceu as dificuldades e tornou-se pastora, e a que, apesar dos problemas, preferiu contornar os conflitos, não enfrentando os membros ou, muitas vezes, ignorando tais problemas.

As narrativas das entrevistadas apontam dificuldades no exercício desta profissão desde a tomada da decisão, pois, de imediato, muitas delas não receberam apoio dos pais, especialmente o do pai. Na concepção deste, uma mulher tem que ser dona-de-casa e ser sustentada pelo marido, como relatou a pastora Marion Freitag.

Muitas pastoras lembram do estágio com bastante ressentimento e afirmam que foi um período difícil de suportar. Além de não terem sido bem aceitas pela comunidade, muitas, a princípio, foram desqualificadas pelo seu trabalho, pelo simples fato de serem mulheres. Segundo elas, tiveram que tentar permanecer neste espaço utilizando táticas para vencer certas resistências dos membros em aceitar uma mulher como pastora. “Ignorar” algumas situações foi mais uma estratégia utilizada pelas pastoras para não entrar em conflito com a comunidade. Não bater de frente com a comunidade significa suportar alguns comentários que desqualificaram o seu trabalho especificamente por serem mulheres. Bater de frente e contrariar de imediato a opinião da comunidade seria colocar em risco sua profissão. Poderiam ser afastadas do estágio, por exemplo. Por este motivo, destacam que tomam certos “cuidados” com o uso das palavras no púlpito. As pregações são realizadas com bastante “cautela”. As pastoras relataram que a comunidade tende a vigiá-las, colocando em prova, em alguns momentos, suas capacidades de realizar todos os sacramentos, de administrar uma comunidade sozinha, de dar conta do serviço pastoral.

A maioria das pastoras entrevistadas são casadas e estão presas à dupla ou tripla jornada de trabalho. Ou seja, afirmaram encontrar muito mais dificuldades em provar sua

capacidade de serem pastoras do que os homens, pois estes exercem somente a função de provedor da família, que é a sua principal responsabilidade. Algumas pastoras, como Ruth, por exemplo, têm enfrentado dificuldades em conseguir dar conta de exercer todas as funções que lhes cabem e têm repensado sobre a continuidade no ministério pastoral. Muitas vezes, a vocação pastoral é colocada de lado em função da necessidade da pastora cuidar dos filhos e da casa. O mesmo aconteceu com a pastora Marion Freitag, que afirmou não ter condições de ser mãe, esposa de pastor, pastora e dona-de-casa simultaneamente, optando por exercer mais as funções privadas do que a do ministério pastoral, o qual divide com o marido.

CAPÍTULO III

As pastoras luteranas e o pastorado

Este capítulo tem por objetivo mostrar como as pastoras luteranas têm pensado e se identificado com a prática pastoral. Observamos que essas pastoras têm pensado o pastorado de maneira muito própria e independente da formação que receberam na Escola Superior de Teologia (EST). A formação das estudantes de Teologia nesta faculdade passou por algumas transformações desde a década de 70, sendo possível observar três gerações. Essas transformações ocorreram, principalmente, em relação ao tipo de teoria feminista utilizada por esta faculdade para pensar as mulheres na sociedade e no espaço religioso. Pretendemos mostrar, através da análise das entrevistas realizadas com pastoras formadas da década de 70 até 2002, as ambigüidades de seus discursos e de suas identificações. Antes de continuarmos nossa discussão torna-se necessário conhecermos que feminismos são esses, o que discutiram e de que maneira a EST acompanhou e foi influenciada por estas discussões.

Joan W. Scott fala sobre os três momentos da historiografia feminista. Segundo a autora, o feminismo ressurgiu nos anos 60, sendo estimulado, em parte, pelo movimento de Direitos Civis e pelas políticas de governo que tinham o objetivo estabelecer o potencial feminino, incentivando-as a estudarem em universidades e a exercerem diferentes profissões. Assim, o feminismo assumiu um discurso de igualdade e acabou criando uma identidade coletiva das mulheres. As mulheres seriam indivíduos do sexo feminino que estariam lutando contra a subordinação e invisibilidade social. Portanto, o discurso que prevaleceu nesta década foi a luta pelo controle de seus corpos e suas vidas.¹⁶⁵

Nos anos 70, as feministas discutiram as indagações da história existente e apontaram para a necessidade de reescrevê-la, pois estaria carente, ou seja, incompleta sem a presença das mulheres. A partir desta época, as mulheres buscaram a sua visibilidade como sujeitos históricos, complementando a história com uma “História das Mulheres”.¹⁶⁶ Essa resposta feita pelas feministas acabou gerando um dilema, o da diferença na igualdade, pois, ao mesmo tempo em que afirmavam a existência de uma “História das Mulheres”, elas lutavam pela igualdade de direitos entre homens e mulheres.¹⁶⁷ É neste momento que surge a categoria

¹⁶⁵ SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.) A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. pp 63-95. p. 68.

¹⁶⁶ Idem p. 75.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 77.

mulheres, que acaba assumindo uma existência social separada. Por muito tempo, a partir desta perspectiva, as historiadoras feministas, por exemplo, tentaram provar as capacidades das mulheres em fazer história.

No final dos anos 70, as feministas se dão conta de um problema a ser analisado: a “diferença”. Chegou a hora de teorizarem sobre a diferença, pois a sua definição serviria para explicar como se davam as relações entre os indivíduos e entre os grupos sociais. Assim, no final dos anos 70 o gênero passou a ser o termo utilizado para teorizar a questão da “diferença sexual”.¹⁶⁸

Nos anos 80, a categoria mulheres foi modificada, sendo introduzidas outras categorias, como mulheres pobres, mulheres negras, mulheres mães, lésbicas etc... Outras feministas, mais tarde, estudaram a masculinidade e a feminilidade como posições de sujeitos, não sendo restritos a machos ou fêmeas biológicos. A “diferença” entre homens e mulheres passou a ser percebida como uma construção hierárquica, que é produzida numa relação de poder, onde um é superior e o outro é inferior.¹⁶⁹

Apesar da categoria de gênero ter possibilitado às feministas discutirem sobre as diversas experiências das mulheres e dos homens, algumas têm feito certas críticas sobre as limitações desta categoria. Chamamos este momento de pós-gênero. Linda Nicholson é uma importante teórica do pós-gênero, desconstruindo dois conceitos centrais da crítica feminista utilizados a partir da década de 60: a categoria gênero e mulher. A autora afirma que, apesar da importância da utilização pelas feministas do sistema binário, ou seja, sexo/gênero, possibilitando-as analisar as diferentes experiências culturais entre mulheres e entre homens, este pensamento binário não dá conta de explicar os chamados desvios das normas de gênero que existem em nossa sociedade, e acaba reforçando estereótipos culturais em relação aos significados das experiências masculinas e femininas, além de acabar reprimindo maneiras de ser que ultrapassam os limites do gênero.¹⁷⁰

Joan W. Scott, em seu livro intitulado “A cidadã paradoxal”,¹⁷¹ ajuda-nos a compreender o aparecimento dos vários feminismos e suas contradições internas, especialmente em relação as discussões sobre igualdade e diferença. Scott começa esclarecendo que embora a Revolução de 1789, na França, tenha declarado os direitos do homem a partir dos três pilares, -liberdade, igualdade e fraternidade, nunca chegaram de fato a cumprir o que prometeram às mulheres. Por exemplo, o voto feminino, naquele país, só foi possível em 1944, muito

¹⁶⁸ Ibidem p. 86.

¹⁶⁹ Ibidem p. 90.

¹⁷⁰ NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: Estudos Feministas. Florianópolis, n. 2/2000. p. 09-41. p. 9.

depois de vários outros países. A exclusão das mulheres dos direitos políticos estava pautada na diferença biológica entre homens e mulheres. Acreditava-se que a “diferença sexual”, além de ser um fator natural, era também uma justificativa ontológica para estabelecer um tratamento diferenciado para ambos os sexos no campo social e político. O feminismo constituiu-se como um protesto contra essa exclusão das mulheres no espaço político pautado na diferença sexual. Scott diz que o feminismo acabou defendendo as “mulheres”, o que reforçou a diferença sexual que elas estavam procurando eliminar. Ou seja, ao mesmo tempo as feministas queriam aceitar e recusar a “diferença sexual”, criando um paradoxo.¹⁷¹

A aparente necessidade de escolher entre a igualdade ou a diferença (...) é apenas um sintoma da dificuldade que a diferença sexual representa para se chegar a uma concepção de singularidade do indivíduo. E o feminismo, na medida em que se constrói numa relação paradoxal com esse conceito de indivíduo singular, reproduz inevitavelmente os temas contraditórios da sua própria construção.¹⁷²

Esta autora salientou que enfoques feministas, ainda hoje, têm defendido duas tendências opostas quanto a conceitualização de indivíduo influenciada pela maneira como as feministas do século XIX discutiram o feminismo. Nesse sentido, coloca:

Uma tem pugnado pela corrente que considera as mulheres iguais aos homens (indivíduos abstratos) e outras pela corrente que insiste na diferença radical entre homens e mulheres (indivíduos por diferença sexual). As feministas que argumentam a favor da igualdade entre homens e mulheres seguem Simone de Beauvoir. Estas tomam, por conseguinte, partido do indivíduo abstrato e ignoram a diferença sexual, por considerá-la irrelevante no contexto dos direitos humanos que os princípios universais da lei democrática liberal reconhecem. Outras têm defendido a diferença entre homens e mulheres, sustentando que a diferença sexual é um produto inevitável da individualização e que o individualismo abstrato não apenas reprime a diferença sexual – um fator implacável - mas também perpetua a opressão da mulher, pois transforma a masculinidade em norma (...) A meta das chamadas feministas da diferença é, estabelecendo a diferença como base para a representação de uma subjetividade feminina autônoma, romper com o processo que objetifica as mulheres e as torna sujeitos individuais masculinos.¹⁷³

¹⁷¹ SCOTT, Joan W. A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002. p. 27.

¹⁷² Idem.p. 284.

¹⁷³Ibidem. p. 283.

Joan Scott nos mostra a existência de uma primeira geração feminista que é chamada diferencialista, pois acredita que a diferença sexual entre homens e mulheres produz uma subjetividade feminina autônoma. A segunda geração é chamada igualitarista por lutar pela igualdade entre os indivíduos, ignorando a diferença entre os sexos. Entretanto, esta geração, por pensar que as “mulheres” deveriam lutar por esta igualdade, acabou criando um paradoxo: a luta pela igualdade na diferença.

A terceira geração do movimento feminista, segundo Thomas Foster, surgiu em resposta à primeira e à segunda, recusando-se a aceitar a imposição das limitações subjetivas que acabavam reforçando a diferença irreduzível. Esta geração estava preocupada em “entrar na sociedade e na História para nela produzir a possibilidade de mudar os elementos sociais heterogêneos, a ‘diferença irreduzível.’”¹⁷⁴ Teve como objetivo mostrar como em determinada sociedade se produz uma cultura específica para as mulheres, exigindo que a pratiquem e interiorizam. Ainda, rejeitam as limitações simbólicas como a responsabilidade do espaço doméstico e a teleologia da maternidade.¹⁷⁵

A EST acompanhou e foi influenciada pelas discussões feministas desde o início da década de 80, quando foi criado, pelas estudantes de Teologia, o Grupo de Mulheres. Antes da formação deste grupo, a EST não possuía nenhuma disciplina específica que problematizasse as mulheres e a Teologia. Foi a partir da reivindicação das próprias estudantes que a disciplina Teologia Feminista foi implantada, em 1991. Antes da década de 80, portanto, as primeiras estudantes buscavam, por sua livre escolha, leituras sobre as mulheres na sociedade e no campo religioso. Já com a formação do Grupo de Mulheres, elas começaram a utilizar a “perspectiva da mulher” em suas discussões, influenciadas pela segunda geração do movimento feminista que vinha trazendo a categoria de análise mulher. Apesar da implantação da cadeira de Teologia Feminista na EST, a “perspectiva da mulher” continuava a ser utilizado pelas estudantes de Teologia até que, em 1994, segundo Wanda Deifelt, a EST passou a pensar as mulheres a partir da categoria de gênero e não mais a partir da “ótica da mulher”, sendo que, em 1999, foi criado o Núcleo de Estudos de Gênero, ligado ao CNPq. Percebemos aqui, claramente, a influência da terceira geração do movimento feminista que, ao utilizar a categoria de análise de gênero, trouxe uma nova discussão envolvendo não somente as mulheres em seus estudos, mas também as relações hierárquicas entre as classes, as raças e os sexos. No entanto, apesar da EST ter assumido esta postura de gênero e possibilitar esta discussão para as suas alunas, a identificação das pastoras com as teorias

¹⁷⁴ Ibidem. p.3.

¹⁷⁵ Ibidem.p. 4.

utilizadas pelas gerações feministas anteriores não deixaram de existir, sendo possível perceber esta identificação na fala dessas mulheres quando narram sobre a sua relação com o pastorado.

As pastoras entrevistadas, formadas na década de 70, ao falarem sobre sua relação com o pastorado acabam mostrando como, por serem mulheres, se percebem diferentes dos pastores enfatizando as diferenças essenciais entre ambos. As pastoras formadas neste momento se aproximam, portanto, das discussões levantadas pela primeira geração feminista, que afirmava que homens e mulheres eram diferentes em função das diferenças biológicas entre ambos. Já algumas pastoras formadas na década de 80, como Ruth, embora possuam um discurso em alguns momentos igualitarista, em outros momentos aproximam-se do feminismo da diferença ao enfatizar as diferenças entre pastores e pastoras. Dessa forma, podemos observar a existência de uma certa tensão nos discursos das pastoras em relação aos feminismos, já que identificamos várias gerações do feminismo num único discurso.

O que nos chamou atenção foi que a maioria das pastoras formadas a partir da década de 90, momento este que representou mudança na formação destas mulheres, passando do feminismo da igualdade para o estudo de gênero, não eliminou a sua identificação com o feminismo da igualdade e nem com o da diferença. Pelo contrário, muitas pastoras reforçam as fronteiras do gênero e enfatizam a necessidade de construir uma prática pastoral diferenciada. Ou seja, acreditam que, por serem diferentes dos homens, devem exercer o pastorado pautado nesta diferença, complementando, assim, o trabalho exercido pelo pastor. Segundo algumas entrevistadas, é necessário levar para o púlpito o seu lado “mulher”. Por outro lado, observamos que a categoria gênero passou a ser pensada por algumas pastoras formadas no final da década de 90, como a pastora Neuzeli, a única entrevistada que pensa o pastorado a partir de um olhar de gênero.

Diante deste contexto, o uso do conceito de identidade, ou melhor, identificação, tornou-se fundamental para a realização desta pesquisa. O autor Stuart Hall nos ajuda a entender sobre a constituição do sujeito em seu livro intitulado “A identidade cultural na pós-modernidade”, ao destacar que a noção de que o sujeito é previamente visto como tendo uma identidade estável e unificada está se fragmentando. O sujeito não é composto por uma única identidade, mas por várias identidades, inclusive muitas vezes contraditórias e não-resolvidas.

¹⁷⁶Diz ainda que “o processo de identificação através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.”¹⁷⁷

Hall salienta que esse processo produz um sujeito que não tem uma identidade fixa, permanente e essencial. Continuando, ele afirma que

a identidade tornou-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.¹⁷⁸

Stuart Hall ainda propõe que o conceito de identidade seja posto “sob rasura” e que este não pode ser pensado da forma antiga¹⁷⁹. Ele sugere que o termo identificação seja utilizado no lugar de identidade, embora este conceito também esteja sendo ainda teorizado.¹⁸⁰ A partir da leitura deste autor, podemos perceber que as pastoras luteranas não possuem uma identidade fechada e fixa, mas se constituem a partir de várias identificações. Ao identificar as várias tendências do feminismo presente na fala destas mulheres, observamos como a constituição do sujeito ocorre através de uma forma móvel, que se modifica ao longo do tempo, mas que não deixa de ser, em muitos momentos, incoerente, contraditória e desordenada. A maneira como essas pastoras se relacionam com o pastorado, como discutem a Teologia Feminista, as linhas teológicas e como encaram os escritos do apóstolo Paulo, refletem estas identificações que estão presentes na constituição dos sujeitos.

1 A criação do Grupo de Mulheres e a opção pelo feminismo da igualdade: um primeiro momento na formação das pastoras

A partir da criação do Grupo de Mulheres, em 1983, as estudantes de Teologia buscaram uma aproximação com a teoria feminista desta época: o feminismo da igualdade.

¹⁷⁶ STUART, Hall. A identidade cultural na pós-modernidade. 6 ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 12.

¹⁷⁷ Idem. p. 12.

¹⁷⁸ Ibidem p. 13.

¹⁷⁹ Stuart Hall discute como o sujeito era pensado no Iluminismo e depois na Modernidade.

¹⁸⁰ STUART, Hall; HATHRYN, Woodward. Quem precisa de identidade? In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais; Tomaz Tadeu da Silva. (org.) Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

No entanto, observamos que as pastoras formadas neste período que umas salientam mais a luta pela igualdade entre os sexos, outras, apesar de desejarem a igualdade, enfatizam as diferenças entre os sexos.

1.1 As diferencialistas

A pastora Mariane Beyer Ehrat, formada em 1978, também aponta para um pastorado feito a partir de sua postura como mulher. “Todos os ofícios, todos os cultos e atendimentos, eu faço, claro, do meu jeito de mulher, com uma postura de mulher. Mas a palavra de Deus é a mesma, a seriedade é a mesma. Os problemas que as pessoas trazem são encarados com a mesma responsabilidade”.¹⁸¹ Esta pastora, ao afirmar que os cultos são encarados com a mesma responsabilidade que os homens, permite-nos compreender que os homens “sempre” e “naturalmente” encaram estas funções com muita responsabilidade, sugerindo que as mulheres também são capazes disto.

Ainda esta mesma pastora, embora diga que não vê diferença no trabalho pastoral desempenhado por homens e por mulheres, salienta que, através das interpretações bíblicas e do aconselhamento pastoral, é possível perceber uma prática teológica diferenciada realizada por pastores e pastoras.

As paróquias têm trabalhos que estão agendados. Os cultos são cultos, os ofícios são ofícios. Quando ministrado por um pastor ou uma pastora, o culto tem que ter algo em comum com aquilo que a Igreja e a palavra de Deus descrevem. Eu diria que, em algumas coisas no formal, eles não podem diferir em muito porque as coisas seguem uma liturgia. Existem parâmetros prescritos pela Igreja. Também tanto na pregação da palavra ou na administração dos sacramentos tem que ser a reta pregação da palavra e a reta publicação dos sacramentos. Pastores e pastoras, nós temos algo a seguir. Não é assim que nós mulheres fizemos do jeito da mulher ou do jeito do homem. O que está aí é uma coisa bastante objetiva. É a palavra de Deus. É claro que na interpretação e na postura que nós adotamos é ali que estão as diferenças. As execuções pessoais (sic.), o aconselhamento, é onde as pessoas notam as diferenças.¹⁸²

A pastora Marion Freitag, formada em 1981, também reforça a diferenciação dos gêneros, pois, na sua concepção, percebe diferença entre pastores e pastoras por serem de sexo opostos. Salienta que, por existir esta diferença, as pastoras sofrem mais, porque as

¹⁸¹ **Mariane Beyer Ehrat.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 30 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

¹⁸² Idem.

mulheres são mais “emotivas” do que os homens. “É muito diferente. Eu acho que isto não é muito bom, a gente sofre. O homem é mais racional e a mulher é mais emotiva.”¹⁸³

1.1.1 A pastora como complemento do pastor

Cabe aqui destacar que a maioria das pastoras entrevistadas casadas com pastores, deixam bem claro sua condição de complemento no pastorado. Através da fala da pastora Marion Freitag, podemos visualizar esta percepção.

Eu e meu marido nos completamos. E também nunca fizemos entre nós motivos para um ter ciúmes um do outro. Entendemos que um complementa o outro. Ele está 70 % na rua e eu mais dentro de casa, porque também tem as coisas da casa. Ele trabalha mais na área da visita, enquanto eu em outras áreas. Eu ministro o culto em alemão aqui, ele faz em último caso.¹⁸⁴

Como complemento do pastoso, seu esposo, a pastora supre principalmente as necessidades do âmbito privado, como o cuidado da casa e dos filhos, enquanto ele, estando 70 % do tempo fora, é responsável pelo trabalho no âmbito público.

Observando a narrativa desta pastora, há alguns pontos a serem pensados. Em primeiro lugar, observaremos a relação das mulheres com o espaço público e privado. Já num segundo momento, analisaremos a noção de complementaridade do pastorado pelos casais de pastores.

Maria Stella Bresciani nos ajuda a pensar como as mulheres ainda hoje estão ligadas ao espaço privado e como existem dificuldades de ocuparem os espaços públicos. A autora fala do surgimento das noções de esfera pública e privada entre os séculos XVII e XVIII, retomada dos filósofos gregos, e como estas noções ajudaram na exclusão das mulheres do espaço público. Afirma que a esfera privada configurava o espaço do domínio da espécie, sendo destinado à mulher. Considerava-se a esfera privada o lado oculto da esfera pública, destinada ao homem.¹⁸⁵ Ainda, “o domínio do privado congregava o conjunto daqueles que, destituídos de qualquer outra propriedade, além do seu próprio corpo, deviam trabalhar para se manterem vivos.”¹⁸⁶ Bresciani diz que a mulher era pensada como parte da humanidade naturalmente presa ao domínio do privado, à esfera das atividades destinadas à reprodução da

¹⁸³ **Marion Freitag**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ BRESCIANI, Maria Stella. O anjo da casa. In: *História & Perspectivas*. Uberlândia, (7): 191-223, jul./dez. 1992. p. 192.

¹⁸⁶ Idem. p. 193.

espécie. A casa representava o local onde realizavam os trabalhos domésticos para suprir as necessidades do homem livre, o cidadão.

É interessante destacar que, especialmente a partir do século XIX, embora as mulheres pudessem freqüentar o espaço público, trabalhar fora, exercendo funções antes não permitidas para elas, em nenhum momento se desfez a imagem da mulher esposa e mãe, preocupada e responsável pela sua casa e pela educação dos filhos. Estas tarefas passaram a ser vistas como um atributo de dignidade. As mulheres passaram a ocupar o espaço público, mas ainda continuam sendo responsáveis pelo cuidado da casa, ou seja, são responsáveis pela manutenção do privado.¹⁸⁷ É por isso que observamos que, embora as mulheres estejam desempenhando funções no espaço público do pastorado, elas ainda são cobradas pela manutenção do lar. Em suas narrativas falam sobre isso.

Georges Duby afirma que, no século XII, o casamento passou a ser uma associação, cujos participantes passaram a ser desiguais:

Entre o marido e a esposa estabeleceu-se uma relação sentimental excelente, primordial, salvo que nesta conjunção a direção cabe ao homem, a submissão à mulher. O homem é prelado, ele comanda. Todavia, da hierarquia emana a **complementaridade**. De fato, tal como a Lua e o Sol, tal como a água e o fogo, o princípio feminino e o masculino corrigem-se pela sua reunião mutuamente, das suas deficiências.¹⁸⁸

Esta visão de complementaridade do pastor pela pastora é um argumento que diferencia homens e mulheres e incentiva a opressão de gênero. Esta complementação é feita por duas partes desiguais, sendo o pastor o principal e a pastora o complemento, estando em segundo plano. Ser complemento, portanto, é estar sob o comando do pastor. Ele, o masculino, é o referencial, a norma, o que não pode faltar numa comunidade luterana.

A pastora Suzani Elisabeth Wander Hepp, formada em 1988, também reforça a diferença do gênero quando aponta para algumas diferenças que percebe na prática pastoral do pastor e da pastora. Segundo ela, a mulher é mais “carinhosa” e utiliza esta virtude na sua relação com a comunidade.

Eu acho que a postura e as pregações são diferentes. A maneira de ser faz a diferença. Entre os membros permanece aquele carinho que a mulher tem, e eu não posso deixar de lado. Nesse ponto, a postura que eu tenho diante dos

¹⁸⁷ Ibidem. p. 219.

¹⁸⁸ DUBY, Georges. O cavaleiro, a mulher e o padre. Dom Quixote. Lisboa, 1981.p. 28.

membros é diferente. Também a própria pregação. A ênfase está na maneira que a gente coloca toda a questão.¹⁸⁹

Uma outra questão bastante interessante percebida por meio da fala desta pastora, foi o fato de que ela considera que a percepção e as interpretações bíblicas são diferentes quando feitas pelas pastoras, pois as mulheres são mais “sensíveis” do que os homens. Aqui, novamente temos o reforço da diferença dos gêneros. Segundo ela, “a gente tem uma percepção muito maior até para a interpretação dos textos porque coloco abertamente todas as questões.”¹⁹⁰ Ainda para esta pastora, a diferença entre o pastor e a pastora está na própria essência. “Com certeza, ser pastora é diferente de um pastor. Eu acho que a diferença está na pessoa, ser uma mulher.”¹⁹¹

Em relação à realização do enterro, chamou-nos a atenção a fala da pastora Taís Kind Strelow. Ela se indagou, muitas vezes, se teria coragem de chamar uma pastora para fazer o seu próprio enterro, caso estivesse entre a vida e a morte. Questionou ainda se confiaria numa pastora, assim como os membros de sua comunidade confiam nela.¹⁹²

1.2 Entre o diferencialismo e o igualitarismo

Através da análise da fala da pastora Ruth, percebemos que a mesma, em alguns momentos, não é diferencialista como as outras supracitadas. Em alguns trechos de sua fala, ela salienta a necessidade da mulher “fazer” a diferença, mas não que seja essencialmente diferente do homem. Esta pastora tende para o feminismo da igualdade, embora diga que, no período da faculdade, achava que pastores e pastoras deveriam ser diferentes. Para Ruth, a diferença entre pastores e pastoras está na sua maneira de falar e fazer o culto e não na sua “essência” “feminina”.

Teve uma [pastora] que veio do estágio e disse-me que o maior elogio que ela recebeu é que não tinha diferença nenhuma entre ela e um homem. Então, nós brigamos com ela. Nós tínhamos que ser diferentes. E hoje em dia eu não acho mais isso. Por ser mulher, eu tenho que fazer diferença. Nós temos que fazer uma diferença. Tem que fazer diferença pela minha forma

¹⁸⁹ **Suzani Elisabeth Wander Hepp.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Pomerode.

¹⁹⁰ Idem.

¹⁹¹ Ibidem.

¹⁹² **Taís Kind Strelow.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de maio de 2003, as 10:30, na cidade de Indaial.

de fazer, de falar, mas a diferença não está no ser mulher ou no ser homem.
193

1.2.1 O uso do estereótipo feminino pela pastora

É interessante notar que as pastoras afirmam, em suas narrativas, possuírem certas facilidades em algumas áreas no pastorado por serem mulheres. Segundo Ruth, as pastoras mostram-se mais acessíveis e, por este motivo, as mulheres as procuram mais. Questões como sexualidade e problemas conjugais chegam até ela com muito mais facilidade do que com o seu esposo, também pastor. Relatou-nos que, em muitos momentos, escutou desabafos descascando batatas na cozinha, juntamente com outras mulheres. A cozinha é um espaço que os homens não vão freqüentemente e é justamente neste espaço que ela, como pastora, consegue saber muitos problemas vividos pelas mulheres. De acordo com esta pastora, essa abertura existe porque os pastores estão mais preocupados com suas relações públicas do que com as íntimas, de foro privado. Dessa forma, a mesma afirmou encarar de forma diferente os problemas vividos pelas mulheres do que seu esposo.

É diferente. Nós somos mulheres e encaramos de uma forma diferente. O que acontece muito é ouvir desabafo de mulheres, o que não acontece em grupos onde os pastores dirigem. A questão sexual e a relação com o marido são muito fortes. Então, isso aflora com muito mais rapidez quando envolve uma pastora do que um pastor. Tem facilidades. As mulheres têm mais abertura comigo porque elas me vêem mais acessível do que um pastor e também porque esse tipo de problema elas dificilmente levariam para o mesmo. Eu lembro, já no início da vida pastoral, que contava algumas coisas para ele e ele nunca imaginou que aquele casal estivesse passando por aquele tipo de problema, porque o homem jamais iria contar e a mulher também não tinha essa liberdade. Muitas vezes, quando ocorrem festas, enquanto os pastores fazem mais a parte das relações públicas, as mulheres, por sua vez, encontram-se na cozinha juntamente com outras mulheres apoiando no trabalho. Nós conversamos e apoiamos quem está dando duro. Muitas vezes, foi descascando batatas na **cozinha** que ouvi muitos desabafos. E, aparentemente, as pessoas olham e perguntam: “O que a pastora está fazendo descascando batatas?” Enquanto outros poderiam estar fazendo isso, eu estava ali na frente. Não é pelo descascar batatas, mas o estar com outras pessoas.¹⁹⁴

¹⁹³ **Ruth L. W. Musskopf.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 21 de junho de 2003, as 14: 00 horas, na cidade de Joinville.

¹⁹⁴ Idem.

O que se depreende a partir da fala desta pastora, é a forma com a qual utiliza os estereótipos femininos para realizar o aconselhamento pastoral. Usa da sua feminilidade e frequenta os espaços considerados femininos, como a cozinha, em busca de oportunidades para realizar o aconselhamento. Além disso, enfatiza que as mulheres na comunidade onde trabalha demonstram mais seus sentimentos para com ela do que os homens e disse que os pastores são mais superficiais nas relações. Por ser mulher, mostra-se mais “abatida”, “cansada”, e isso faz com que a pastora seja vista, pelas mulheres da Igreja, como mais humana do que os pastores, facilitando assim a abertura para o diálogo.¹⁹⁵ Destacamos que o estar “cansada” e “abatida” representa “fraqueza” e “sensibilidade”, características estas consideradas próprias das mulheres. Ou seja, a pastora utiliza esses estereótipos para aproximar-se das mulheres da comunidade.

1.3 Da igualdade ao gênero

A pastora Wanda Deifelt, professora da cadeira de Teologia Feminista, na Faculdade de Teologia de São Leopoldo, desde sua criação, em 1991, afirmou que começou a trabalhar com a Teologia Feminista em 1983-84, quando as primeiras literaturas em inglês chegaram até elas, que, na época, eram estudantes de Teologia. Mas Wanda Deifelt afirma que sua identificação com os direitos das mulheres e com o movimento feminista no Brasil data de antes, já no início da década de 80. Fez seu mestrado e seu doutorado nos Estados Unidos, sob a orientação da teóloga Rosemary Ruether. A categoria de gênero ela começou a utilizar já na sua dissertação de mestrado e depois na tese de doutorado. Quando assumiu a referida disciplina na EST, em 1991, as relações de gênero passaram a fazer parte das discussões em sala de aula envolvendo alunos e alunas, mesmo que, a princípio, timidamente.¹⁹⁶

Observamos que Wanda Deifelt passou por um processo de mobilidade na sua identificação com as teorias feministas, pois quando era estudante de Teologia identificou-se com a Teologia Feminista, utilizando a perspectiva da mulher. Ao dar continuidade aos seus estudos, entrou em contato com a categoria de gênero, identificando-se com esta. Alguns de seus artigos, publicados em diferentes revistas de teologia, mostra-nos a sua ligação com a Teologia Feminista a partir de 1991. Seus textos, primeiramente, deixam transparecer sua

¹⁹⁵ Ibidem.

¹⁹⁶ **Wanda Deifelt**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 04 de dezembro de 2002, na cidade de São Leopoldo.

relação com a Teologia da Libertação, que influenciou as discussões realizadas pela Teologia Feminista da América Latina.

É interessante observarmos que tipo de discussão começou a ser realizada por esta pastora, já que foi ela a responsável por introduzir a disciplina Teologia Feminista na EST. A seguir, analisaremos alguns artigos publicados, enquanto outros somente apresentaremos na nota de rodapé.¹⁹⁷

Um dos primeiros artigos publicados por Wanda Deifelt intitula-se “Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a Bíblia das mulheres. Editada por Elisabeth Cady Stanton”. Este artigo foi publicado na revista Estudos Teológicos, importante revista editada pela EST. Através da análise dos escritos de Elisabeth Cady Stanton e sua publicação da Bíblia das Mulheres, em 1898, procurou mostrar a importância desta escritora para o surgimento da própria Teologia Feminista. Segundo Deifelt, Elisabeth Cady Stanton nasceu nos Estados Unidos, em 1815, e foi criada numa tradição calvinista. Após seus estudos começou a participar, junto com seu esposo, Henry B. Stanton, do movimento abolicionista. Além deste movimento, Elisabeth envolveu-se no movimento temperança, que tinha como propósito acabar com o problema da prostituição e do alcoolismo.¹⁹⁸

Elisabeth analisou a Bíblia não como um livro inspirado diretamente por Deus. Para ela, a Bíblia é um livro escrito por seres humanos, dentro de um contexto cultural específico. Além disso, afirmava que o Pentateuco, os primeiros cinco livros da Bíblia, não teriam sido escritos por Moisés. Diante disso, mostrava que a Bíblia não era mais um livro sagrado, mas estava sujeito à análise textual, histórica e literária, como qualquer outro livro. A Bíblia, para Elisabeth, passou a ser a memória de um povo e não mais a voz de Deus.¹⁹⁹

Wanda Deifelt, continuando a relatar a história de Elisabeth Cady Stanton, narra que o objetivo de Stanton era mostrar que Deus não escreveu a Bíblia pessoalmente, e que a cena do jardim, descrita em Gênesis, não passava de um mito, e por isso, as mulheres não poderiam continuar a ser responsáveis pelo pecado do mundo. A vontade de Deus, segundo Stanton, não era a submissão das mulheres.²⁰⁰ Elisabeth Cady Stanton também defendia a ideia de que a hierarquia da Igreja deveria ser questionada, pois foi ela a responsável por ditar o local

¹⁹⁷ DEIFELT, Wanda. A prática da Teologia em uma perspectiva feminista. O caso da violência doméstica. In: Prática cristã: novos rumos. Mulheres pregadoras; uma tradição da Igreja. THEOPHILOS – Revista de Teologia e Filosofia. Canoas – 2º semestre de 2001, n. 2, 2001.

¹⁹⁸ DEIFELT, Wanda. Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a Bíblia das mulheres. Editada por Elisabeth Cady Stanton. In: Estudos Teológicos. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo. Ano 32, 1992. p. 5-13. p. 5.

¹⁹⁹ Idem. p. 6.

²⁰⁰ Ibidem. p. 7.

divinamente ordenado das mulheres, pois obtinha o controle da palavra de Deus. Stanton, segundo Wanda Deifelt, ao escrever a Bíblia das Mulheres, não quis ir contra a Igreja cristã, mas quis ir contra aos falsos ensinamentos sobre as mulheres.²⁰¹

Deifelt mostrou neste artigo a importância dos pressupostos levantados por Elisabeth Cady Stanton para sua época, pois eles questionaram não somente a Teologia, mas toda a Igreja. Concluindo, Deifelt descreve os passos utilizados por Stanton, os quais acabaram tornando-se pressupostos para o surgimento de uma hermenêutica utilizada pelas feministas anos depois. O primeiro passo seria reconhecer que a Bíblia foi escrita por homens e que sua mensagem pode não ser homogênea. É necessário perceber que, às vezes, o texto mostra culturas que não servem para os dias atuais. O segundo passo seria perceber se eles podem ser considerados totalmente corretos.²⁰²

Um outro texto escrito por Wanda Deifelt, intitulado “ Palavras e outras palavras: teologia, as mulheres e o poder”, foi publicado em 1996, na revista Estudos Teológicos, problematizava o uso das palavras pelas mulheres, apontando que é através das palavras que se exerce o poder. Deifelt, neste texto, tenta mostrar a necessidade das mulheres estarem envolvidas com o pensar teológico, inclusive, com sua teoria. Afirma que muitas mulheres, historicamente, têm falado, mas este falar está ligado somente ao privado, o que deve ser modificado. É necessário que as mulheres saiam deste espaço e falem no espaço público.²⁰³ Ainda de acordo com ela, o falar sobre Deus, ou seja, a Teologia, não tem sido um campo familiar às mulheres, apesar delas serem o grande contingente na Igreja. Elas não fazem parte do grupo que planeja, reflete, pensa e teoriza.²⁰⁴ Sendo assim, “as experiências de fé precisam ter um lugar dentro da história de vida das mulheres, de modo que elas possam refletir autonomamente sobre elas.”²⁰⁵

Um outro texto, intitulado “Os tortuosos caminhos de Deus: Igreja e homossexualismo”, publicado em 1999, Deifelt aponta para a necessidade da Igreja discutir seriamente a questão da homossexualidade. Ela sugere que, ao se perguntar sobre o homossexualismo, é necessário discutir sobre toda a ética sexual. Após afirmar que este tema tem sido muito polêmico no meio religioso, mostra como esta prática é histórica. Além disso,

²⁰¹ Ibidem.p. 9.

²⁰² Ibidem. p. 13.

²⁰³ DEIFELT, Wanda. Palavra e outras palavras: a teologia, as mulheres e o poder. In: Estudos Teológicos. Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo. n. 1, ano 36, 1996. p. 12.

²⁰⁴ Idem. p. 14.

²⁰⁵ Ibidem. p. 15.

demonstra como alguns estudiosos têm pensado os textos bíblicos que são utilizados para condenar tal prática, que são

Gn 1:27-28 e 2: 18-25 (relato da criação do casal), Gn 19 (Sodoma e Gomorra). Lv 18:22 e 20:30 (preceitos referentes à moral sexual, tirados do código da Santidade). Dt 23:17 (uma proibição para que os ‘filhos de Israel não se tornassem prostitutas do Templo’). 1 Rs 14: 24; 15: 12; 22: 47; 2 Rs 23:7 (diferentes relatos sobre a instalação e a prostituição no Templo), Rm 1: 18-32 (alerta que ‘malfeitores’ não herdarão o Reino), 1 Co 6: 9-11 (uma lista de pessoas que não herdarão o reino de Deus), Ef 5:33 (como deve ser a relação matrimonial) e Jd 7 (referência a Sodoma e Gomorra).²⁰⁶

Wanda Deifelt argumenta que dentre todas as passagens mencionadas apenas quatro fazem referência explícita a relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Estes textos tratam-se de Gênesis, Levíticos, Romanos e 1 Coríntos.

A passagem de Gênesis 19 narra a história de Ló e a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra. Deifelt salienta que, apesar da palavra sodomia ser muito conhecida atualmente e referir-se a pecados sexuais cometidos na época de Sodoma, existem autores que têm feito diferentes interpretações sobre a punição desses habitantes. Segundo ela, alguns estudiosos dizem que Sodoma foi destruída por ser muito rica e não ajudar os pobres. Já outros afirmam que o pecado de Sodoma não foi o homossexualismo, mas a tentativa de estupro em massa de dois anjos que acompanhavam Ló. Segundo esses estudiosos, o estupro em massa é condenado por todas as religiões.²⁰⁷ Apesar disto, este texto tem sido lido como se Deus condenasse o homossexualismo. Wanda Deifelt afirma que a mesma leitura não foi feita em relação a Ló, que ofereceu suas filhas virgens para serem estupradas em massa, além da não polêmica e não condenação do ato incestuoso de Ló com suas filhas. Diante desta análise, questiona a Igreja e pergunta o porquê que a violência contra as mulheres não se tornou motivo para fortes discussões como aquelas geradas pelo homossexualismo.²⁰⁸

Esta autora afirma que a passagem de Levítico 18: 22, que diz que “com homem não te deitarás, como se fosse mulher, isto é abominação”, não proíbe que mulheres se deitem com mulheres. Para Deifelt, compreender a concepção de sexualidade nesse contexto é fundamental. A concepção de sexualidade passava pelo masculino e o sexo só poderia

²⁰⁶ DEIFELT, Wanda. Os tortuosos caminhos de Deus: Igreja e homossexualidade. In: Estudos Teológicos. Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. v. 39, n.1, 1999. pp.36-48. p. 40.

²⁰⁷ Idem. p. 40.

²⁰⁸ Ibidem. p. 41.

acontecer envolvendo um homem. A pastora salienta, ainda, que as idéias de Aristóteles, de que as mulheres seriam um mero receptáculo da semente masculina, permeava este discurso.²⁰⁹ Afirma que a Bíblia não apresenta nenhum manual de ética sexual. Este livro pode até estimular atitudes contraditórias com relação à sexualidade, se lido superficialmente. Observa ainda que nos Evangelhos há uma orientação e elogios ao casamento monogâmico e indissolúvel. Por outro lado, Paulo faz um apelo à virgindade e à continência em respeito ao corpo.²¹⁰

Diante destas leituras, Deifelt defende a idéia de que o uso de textos bíblicos isolados deveria ser revistos, ou colocado sob suspeita. Ainda, a autora afirma que o próprio Jesus não falou nada a respeito, não condenando esta prática. Este silêncio deve ser ouvido, declara. A vinda de Jesus significou o desmantelamento de um sistema legalista e trouxe uma proposta mais humana, pois Jesus identificou-se com os marginalizados, pobres, doentes e deficientes, publicanos e prostitutas.²¹¹ A autora termina dizendo que a Igreja deve ser um espaço de inclusão e, independente da opinião que se tenha sobre os *gays*, “Todas as criaturas são imagem de Deus e merecem viver com respeito e dignidade, independente de nacionalidade, classe, credo, cor ou preferência sexual”.²¹²

Estes trabalhos realizados por Wanda Deifelt demonstram sua aproximação com o gênero. Foi a partir da utilização desta categoria que inúmeras discussões puderam ser exploradas e discutidas dentro da própria IECLB, sendo estas muito polêmicas e divergentes.

2 A adoção do gênero pela cadeira de Teologia Feminista: uma nova forma de pensar o pastorado

2.1 O gênero na fala das pastoras

Algumas pastoras formadas a partir da década de 90 e que passaram pela cadeira de Teologia Feminista, a que apresenta uma perspectiva de gênero, demonstram que, apesar disso, elas identificam-se com outras teorias feministas, como o da diferença e o da igualdade. Através da narrativa da pastora Neuzeli, podemos perceber a influência do gênero na maneira

²⁰⁹ Ibidem. p. 41.

²¹⁰ Ibidem. p. 42.

²¹¹ Ibidem. p. 43.

²¹² Ibidem p. 43.

como compreende o pastorado. A citação abaixo demonstra algumas de suas percepções e preocupações com a prática pastoral.

Na comunidade em que estou fazendo estágio, a liderança e a diretoria são formadas por homens. Os homens é que decidem. As pastoras, em geral, assim como eu, vivem, às vezes, no meio masculino, e temos que estar nesses espaços. Como pastora, você tem essa autoridade, mas isso pode incomodar outras mulheres. Muitas mulheres preferem pastores porque se sentem ameaçadas. Ao mesmo tempo que elas valorizam a liderança feminina, elas sentem-se ameaçadas porque seus maridos fazem parte da liderança. Mas, além disso, as frustrações de não serem líderes também surge. Elas percebem com a presença da pastora que há mulheres que estão fazendo, ocupando várias áreas, inclusive o pastorado. Então, elas se perguntam: “O que eu fiz com a minha vida?” Desta forma, só a presença da mulher na comunidade é questionadora. Uma experiência bem clara com as pastoras recentes é que onde há pastora há mais mulheres líderes. Aqui, por exemplo, teve eleição para a presidência da comunidade e não foi cogitado nenhum nome feminino. Tem mulheres na ativa, que participam da OASE e em vários outros lugares. Mulheres capazes, mas, infelizmente, os seus nomes não aparecem, e elas também não questionam. Fica claro que a liderança não é a área, por isso procuram homens. Por outro lado, as secretárias são sempre mulheres. Para escrever, são as mulheres; para guardar dinheiro, por sua vez, são os homens. Eu, atualmente, estou fazendo um trabalho com os jovens, trabalhando essa questão de gênero, especialmente sobre masculinidade.²¹³

A pastora em questão está preocupada em desconstruir alguns estereótipos construídos em torno da imagem das mulheres e dos homens. Ela busca incluir as mulheres em vários espaços na igreja e questiona o porquê destas não estarem presentes na liderança das comunidades.

Muitas alunas e alunos da EST, a partir da década de 90, têm buscado fazer uma aproximação entre a Teologia e outras áreas do conhecimento. O livro intitulado “À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade”, publicado em 2004, teve o objetivo de abordar temas a partir da categoria de gênero e corporeidade. O corpo também passou a ser objeto de reflexão teológica, hermenêutica e exegética. Marga J. Ströher, uma das organizadoras do livro, afirmou que a partir do olhar de gênero e corporeidade será possível ressignificar identidades e experiências religiosas e sagradas.²¹⁴ Vários temas são abordados neste livro,

²¹³ **Neuzeli Erert.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de maio de 2003, as 16: 00 horas, na cidade de Blumenau.

²¹⁴ STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo. Rio Grande do Sul: Sinodal, 2004. 318 p. p. 7.

como História Oral, masculinidade, Teologia Gay, corpos femininos, violência contra a mulher, entre outros.

Um dos eventos que representa um avanço nas discussões de gênero na EST foi a realização do 1º Congresso Latino-americano de Gênero e Religião, realizado na própria EST, em São Leopoldo, em agosto de 2004. Temas variados que envolvem gênero e religião foram debatidos neste evento, demonstrando a importância da utilização da categoria gênero para pensar sobre algumas questões do meio religioso.

2.2 As diferencialistas

A fala da pastora Adriane, formada em 1996, ao salientar a necessidade de trazer mudanças na prática pastoral, demonstra como ela é diferencialista. Ao falar sobre a sua experiência na faculdade, afirma ter tido problemas de relacionamento com os colegas, por possuir uma postura teológica diferente da maioria dos estudantes de Teologia. Para ela, a pregação deveria ser feita de uma maneira muito mais criativa. Os pastores também deveriam utilizar-se desta criatividade na preparação de uma celebração, de um culto, ou mesmo em reuniões de grupos de casais, grupos de jovens e grupos de senhoras.

Pelo fato de eu ter trabalhado o teatro, a dança, eu sempre via a teologia como algo mais criativo. E isso era uma barreira, porque isso questionava os outros com uma dogmática muito teórica. Eu me lembro que eles sempre tentavam colocar assim: “Você não pode pensar assim, você vai transformar tua comunidade num bibliodrama? Vai formar tua comunidade num grupo de dança?” Não tinha nada. Entre as mulheres pastoras existia um incentivo mútuo. Mas o que eu sempre tentava questionar, é que para você poder continuar na teologia você era induzida a pensar como os homens pensavam. E eu resisti. Chamaram-me de infantil, de sem conteúdo, mas eu não dava bola porque eu sabia que eu tinha conteúdo, eu sabia que não era uma infantilidade, mas era uma maneira criativa.²¹⁵

Ao analisar esta fala, concluímos que a referida afirma que a criatividade é algo “próprio das mulheres”, como se os homens “naturalmente” tivessem maior “dificuldade” na preparação de cultos mais criativos. Continuando sua fala, ela expôs:

Um tempo depois, as outras pessoas usavam dessa forma para celebrar os cultos, inclusive os próprios homens, mas não tinham jeito de fazer. Na

²¹⁵ **Adriane B. Dalferth Sossmeier.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 22 de junho de 2003, as 10:30, na cidade de Joinville.

verdade, as coisas eram pensadas e feitas a partir das mulheres. Mas nós ficávamos contentes para fazer com que eles mudassem um pouco de idéia. Eu questionava as mulheres que se tornavam e pensavam como os homens, se vestiam como homens, com uma postura em que pretendiam se igualar aos homens. Elas deveriam estar preocupadas em estar fazendo algo mais criativo e não pensar que isso significava estar debaixo do nível.²¹⁶

As mulheres podem tornar as celebrações religiosas mais “acolhedoras” e “acessíveis” ao utilizarem uma linguagem litúrgica diferenciada. Ser acolhedora, e ser acessível, na sua concepção, são características das mulheres, devendo ser exploradas pelas mesmas.

Você pode fazer as mesmas coisas, mas com uma linguagem mais acessível, de uma forma mais acolhedora. E isso eu questionava tanto das mulheres que já estavam se formando, como daquelas que já estavam iguais aos homens, mas que estavam em crise. A crise era exatamente essa: não estavam fazendo como gostavam. Não faziam da teologia um prazer.²¹⁷

Adriane propõe uma nova forma de louvor que explora o corpo, a música, o teatro, a dança, que pode parecer “heresia” para uma prática pastoral mais tradicional. Por outro lado, deixa transparecer o medo de parecer-se com as Igrejas pentecostais e carismáticas.

Além da criatividade, uma outra característica dita feminina, e o que aparece na narrativa desta pastora, é a “sensibilidade”. A mulher em si é mais “sensível” do que o homem. Cabe destacar aqui o quanto a sensibilidade é um argumento utilizado pelo feminismo da diferença.

Podemos atingir as palavras através da sensibilidade. Isso não tem nada a ver com pentecostalismo, ou com movimento carismático, ou ainda com mudança de teologia. A nossa teologia, a luterana, é fantástica. E eu a amo, gosto da nossa Igreja porque por mais que nós tenhamos as barreiras, nós encontramos espaços. Isso que é o bonito. Os vários dons contam no espaço. E essa é a arte.²¹⁸

Embora a pastora Adriane diga que o pastorado da mulher não se difere do pastorado do homem somente por ser mulher, mas por causa do dom que é dado por Deus, ela deixa claro que mulheres e homens são essencialmente diferentes e isso influencia a maneira de

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Ibidem.

²¹⁸ Ibidem.

como se percebe como pastora. Na citação abaixo, levanta inúmeros exemplos dessas diferenças entre homens e mulheres. Por exemplo, aproxima as mulheres com a natureza, a ecologia, fazendo a ligação da maternidade feminina com a mãe-terra. Segundo ela, como mulher, pode-se sentir as dores do mundo.

O pastorado é diferente não porque eu sou mulher, pelo simples fato de ser mulher precisa ser diferente. É porque cada mulher também tem o seu dom. E o meu dom talvez seja o acolher, a simpatia. Nós visualizamos a questão da ecologia, além de outras coisas que a teologia em dois mil anos não pregou. Eu estou preocupada com essas coisas diferentes. Não é encher lingüiça, mas é fazer diferença no mundo para dizer que eu faço arte de um todo, de uma mãe terra, e eu como mulher, sou mãe também. Eu posso sentir as dores diferentes do mundo.²¹⁹

Este depoimento nos mostra a influência do ecofeminismo, que estabelece uma ligação entre as mulheres e a salvação do mundo. A obra de Vandana Shiva, intitulada, “Abrazar la vida: mujer, ecología y desarrollo”, ajuda-nos a compreender melhor sobre o surgimento deste novo conceito sobre a mulher. Para a autora, as mulheres são percebidas como possíveis libertadoras da destruição do mundo e, nesse sentido, são vistas como mais importantes do que os homens.²²⁰ Ela estabelece uma ligação entre o gênero feminino, ecologia e a etnicidade. Além disso, as mulheres possuiriam, segundo esta teoria, uma inclinação natural em compreender, compadecer, acompanhar e alimentar os que sofrem. As mulheres seriam, de acordo com a autora, mais solidárias “naturalmente”.²²¹

A pastora Adriane narrou que, na sua experiência como pastora, tem trabalhado todas as áreas criativas no pastorado. Procura trabalhar mais por trás das celebrações, enquanto o seu marido é o responsável pelos cultos. Ela faz questão de aparecer. Segundo afirma, consegue colocar maior “beleza” nos cultos do que seu esposo. O gênero masculino seria visto como o responsável pela parte racional do pastorado, enquanto o feminino é tido como responsável pela parte mais criativa. Seria como se o toque feminino estivesse auxiliando o pastorado, tornando-o mais sensível e feminino por causa disto.

Continuando, ela sugere que, na hora de realizar um culto, é necessário que o “olhar feminino” seja utilizado, que a meditação seja feita com “palavras mais doces”, próprias das mulheres.

²¹⁹ Ibidem.

²²⁰ SHIVA, Vandana. *Abrazar la vida: mujer, ecología y desarrollo*. Montevideo: Horas y HORAS. 1995. p. 13.

²²¹ Idem. p. 15.

No culto, feito por nós, podemos fazer a mesma liturgia, mas com o olhar e palavras mais doces, que nós não podemos deixar de lado. Quando alguém vem com algum problema, não devemos dizer: “Lá vem de novo ele com esse negócio.” Você deve olhar para essa pessoa e perceber que a mesma está com algum problema. E isso se espalha e perpassa no pastorado masculino, e em todo o pastorado.²²²

A pastora Adriane reforça a complementaridade entre os casais de pastores. Segundo ela, o que os tem ajudado no pastorado é que ambos se complementam. Salienta, ainda, que deve ser muito difícil uma pastora administrar uma comunidade sozinha, sem a presença de um pastor.²²³

Destacamos que ma outra questão observada nesta pesquisa foi que a maioria das pastoras entrevistadas assumem os trabalhos em áreas consideradas “femininas”, como o ensino confirmatório, trabalho com crianças, trabalho com as senhoras no grupo da OASE, entre outros. Adriane afirmou ter-se identificado mais com o ensino confirmatório, com as crianças e com a OASE, mas que, por outro lado, sente dificuldade em assumir tarefas ditas “masculinas”.

Identifico-me com o trabalho das crianças, todos os trabalhos com mulheres e com o ensino confirmatório. Mas dizer que isso é uma área somente das mulheres, penso que está mudando. Há reunião com empresários que eu já participo. Eu também assumo este papel. Tremo toda, mas assumo esta tarefa. Sou capaz de enfrentar, por exemplo, um culto onde estão as autoridades. Tenho capacidade, e falar em público não é coisa apenas de homem. Tive que enfrentar porque somos acostumadas a fazer trabalhos femininos.²²⁴

Para vencer as dificuldades existentes no relacionamento entre a pastora e os membros, e para conquistá-los, Adriane acredita que as mesmas não devem ser “escandalosas” para não causar constrangimento. Devem ser “discretas”. É necessário deixar fluir o lado “sensível” que as mulheres possuem, como o “abraçar”, o “acolher” e o “sorrir”. Estes são gestos necessários que devem ser utilizados para a conquista dos membros.

²²² **Adriane B. Dalferth Sossmeier.** Entrevista realizadas por Josilene da Silva, em 22 junho de 2003, as 10:30, na cidade de Joinville.

²²³ Idem.

²²⁴ Ibidem.

O interessante é que não são somente as mulheres que se abrem com você. Se você der uma abertura, os homens também lhe procuram. É muito bom dar abertura para os homens como para as mulheres. Inicialmente, as mulheres procuram-me mais, mas agora eu percebo maior abertura com os homens. Eles gostam porque vêem confiança. Eu não estou abraçando por causa do sexo, mas eu estou com uma sensualidade sem conotação sexual. Eu posso abraçar e olhar. Essa é a grande diferença.²²⁵

A conquista dos homens da Igreja também deve ser feita a partir de gestos femininos, pois isso passa confiança aos homens.

A pastora Louvani Kuhn Hirt, formada em 2001, demonstrou a preocupação em tornar as mensagens e o culto mais inteligível e acessível à comunidade, além de visualizar os oprimidos. Afirma também que a Bíblia foi escrita por homens e que se as mulheres foram citadas na Bíblia é porque elas foram muito atuantes e importantes naquele tempo. Também é necessário, segundo ela, interpretar o contexto da época, pois se o contexto não for pensado as mulheres serão bastante discriminadas.

A época em que foi escrita, a Bíblia foi escrita por homens, mas o que a mulher fez foi tão marcante que não se pôde deixar de escrever. Acredito que o apóstolo Paulo assim o fez. Inclusive ele fala de mulheres, como Priscila. Eu acho que ele não era machista além de sua época. Nós precisamos analisar o contexto. Que época foi escrito? Em que situação e o porquê? Se nós não fizermos esta análise, então a mulher é bastante discriminada. Nós precisamos saber o porquê que ele escreveu desta maneira em relação às mulheres. Nós podemos usar um versículo isolado dentro de um contexto maior para justificar aquilo que pretendemos dizer.²²⁶

3 A Teologia Feminista na EST e a negação do feminismo

É interessante observar a identificação das entrevistadas com a Teologia Feminista. Algumas pastoras, que não passaram pela cadeira de Teologia Feminista, mencionam não se identificar com este tipo de Teologia, pois a percebem como feminista e, portanto, extremista. Por sua vez, dentre aquelas que passaram por esta disciplina, somente uma identificou-se com esta Teologia e com o feminismo, enquanto outras afirmaram não ter se identificado por achá-la também extremista. Além disso, a negação do feminismo está bastante presente na fala das pastoras.

²²⁵ Ibidem.

²²⁶ **Louvani Kuhn Hirt.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 29 de maio de 2003, as 14:00 horas, na cidade de Timbó.

Diante disso, a pastora Suzani Elisabeth Wander Hepp, que não cursou esta disciplina na faculdade, afirmou não se identificar com o termo feminista.

Feminista não. Se nós pensarmos no início, aquela rebelião toda, acho que não tem cabimento. Nós temos que continuar lutando para firmar toda a posição das mulheres como sendo iguais. Acho que essa luta é de toda a mulher. Quem educa são as mulheres. Se elas têm uma mentalidade machista, irão passar isso para seus filhos. **A primeira coisa que deve acontecer é que a mulher deve se libertar desse idealismo de feminismo.** Ela deve se encontrar primeiro como mulher. Lutar como mulher. Se utilizar o termo feminino, aí eu aceito. Todos nós devemos lutar para que a mulher seja aceita como uma igual, que seja respeitada. Eu acho que neste ponto de lutar pelos direitos da mulher, identifico-me como feminista. Mas o que eu não concordo é quando as mulheres querem reproduzir e reverter os papéis. O homem mandava, agora eu mando. No meu trabalho, eles percebem a diferença da atuação dos homens e a minha atuação.²²⁷ (Grifo nosso)

Esta pastora não admite ser chamada de feminista, pois as feministas são comparadas a rebeldes, embora diga que a mulher deve lutar pela igualdade dos sexos. Porém, destacamos que ela salienta que esta luta deve ser feita a partir de uma postura de mulher, como se existisse uma maneira própria das mulheres lutarem.

A pastora Marion Freitag diz que não se identifica como feminista porque o feminismo, segundo ela, é extremista, postulando que acredita que exista uma essência feminina e uma masculina.

Eu não sou feminista. Qualquer tipo de movimento, sendo extremista, não é certo. Eu acho que quando nós quebramos um paradigma, nós não deixamos de ser feministas, mas eu não gostaria de me enquadrar. Eu gosto daquilo que, às vezes, o feminismo não aceita. Eu acho que tem algumas coisas que são nossas como mulheres, e outras que são dos homens.²²⁸

A pastora Zirlei Horst Pereira, por exemplo, passou pela cadeira de Teologia Feminista e disse que, embora esta disciplina tenha contribuído em sua formação, lembra que esta “extrapola”. Para ela, a Teologia “esvaziou-se” quando levantou a bandeira do feminismo, tentando trazer um novo conceito sobre a submissão da mulher ao homem.

²²⁷**Suzani Elisabeth Wander Hepp.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Pomerode.

²²⁸**Marion Freitag.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, no dia 28 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

Na Teologia Feminista existem muitas histórias que extrapolam. A Teologia Feminista tem muito a contribuir até o ponto de mostrar onde a mulher não é reconhecida, onde a mulher é oprimida e pisada. Isso é real. Hoje eu vivo no interior e vejo quantas mulheres apanham do marido e são marginalizadas. Então, nos perguntamos: “O que está acontecendo? Se fosse homem, estaria passando por isso?” Até aí, onde denuncia, prega a justiça, o amor, a liberdade, eu concordo, porque Deus não faz acepção de pessoas, mas quando extrapola, quando a mulher quer estar acima do homem, querendo a liberdade também na questão do adultério, drogas, direitos igualitários de fumar, viu-se assim um outro extremo. Eu acho que a Teologia Feminista esvaziou-se. Ela foi para um canto em que ela grita, berra, levanta a bandeira e, neste sentido, nós temos que olhar para as Sagradas Escrituras sobre a submissão da mulher. Eu vejo que Deus tem falado no meu coração para eu cuidar muito na minha submissão ao meu esposo, porque nisso tudo eu quero obedecer ao que está nas Sagradas Escrituras. Até onde a Teologia Feminista vai de acordo com a palavra, eu concordo. Vimos que Jesus, quando quiseram apedrejar aquela mulher adúltera, disse que quem não tivesse pecado, atirasse a primeira pedra. A gente vê como Jesus queria libertar e dizer porque que o homem que também pecou não seria apedrejado. Se nós virmos, quantas mulheres que Jesus falou. Mas até aí tudo bem, mas passando das Sagradas Escrituras, onde a mulher diz: “Eu quero mandar no meu marido e não ser submissa,” eu não concordo. Acho que devo ser submissa ao meu esposo. Tenho que ouvir, ver se ele concorda comigo, devo colocar tudo, ter diálogo, um respeitar o outro. Isso é fundamental. Então, em primeiro lugar, o que as Sagradas Escrituras mandam, depois o que esses livros têm a dizer e a contribuir, porque a própria palavra diz: leia tudo e retenha o que é bom. Se for uma leitura boa, que traz contribuição a luz da palavra, esse livro é bom.²²⁹

A pastora Louvani identifica-se com a Teologia Feminista, embora não goste de extremos. Segundo ela, esta cadeira ajudou a valorizar a mulher, além de mostrar que existem hábitos culturais que normatizam os papéis “masculinos” e “femininos”.

A teologia feminista ajudou-me a refletir sobre idéias que eu tinha, de que menina brinca de boneca porque ela vai trabalhar dentro da casa. Menino brinca de carrinho porque quando ele for maior vai ser o motorista, a mulher não. Então, por isso eu tive dificuldades de aprender a dirigir. Eu nunca peguei num carrinho e fiz uma estradinha. A cadeira de Teologia ajudou-me a refletir e a pensar o que agora eu preciso mudar. Essa reflexão sobre hábitos, sobre atitudes está me ajudando a valorizar a mulher.²³⁰

²²⁹**Zirlei Horst Pereira.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, as 8 horas da noite, na cidade de Florianópolis.

²³⁰**Louvani Kuhn Hirt.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 29/5/2003, as 14:00 horas, na cidade de Timbó.

Adriane não concorda com o feminismo que anuncia que as mulheres não devem ser mais submissas aos maridos. Para ela, é necessário que homens e mulheres submetam-se uns aos outros. Propõe a substituição da palavra submissão por humildade, o que não deixa de ter o mesmo significado. Neste caso, a mulher não é obrigada a submeter-se ao marido, mas ser humilde o suficiente para submeter-se a ele.

Eu vejo tudo no equilíbrio, agora eu sou feminista e não vou mais ser submissa. Tem momentos em que eu terei que me submeter e o meu marido também. Eu preciso ensinar a submissão porque para poder relacionar-me com as outras pessoas. A submissão é encarada como um termo pejorativo. Existe a questão da humildade. Eu não gosto da palavra submissão. Às vezes, nós substituímos esta palavra por humildade.²³¹

Para a pastora, a Teologia Feminista a ajudou muito.

A teoria feminista ajudou-me muito. Uma das feministas disse assim: “O ministério pastoral não se mostra a partir do gênero e nem mesmo a partir da dogmática, mas se mostra a partir dos dons.” Eu disse que iria mostrar a minha vontade de pregar a palavra a partir do meu dom.²³²

Sua vontade de pregar surgiu a partir do dom que é dado por Deus. A passagem bíblica de I Coríntios 12:1-11 e 14: 1 diz que Deus concede diferentes dons aos seus filhos. Os dons são a sabedoria, o conhecimento, a fé, o dom de curar, operação de milagres, profetizar, discernimento do espírito, variedade de línguas e interpretação de línguas. Ainda no capítulo 14:1, Paulo diz que se deve procurar os melhores dons, sendo o dom melhor o de profetizar, ou seja, levar a mensagem de Deus.

Por sua vez, a pastora Neuzeli afirma identificar-se com as discussões levantadas pela cadeira de Teologia Feminista desde o início do curso, pois já fazia parte do Grupo de Mulheres que se reunia para ler e discutir textos, inclusive os de teoria feminista.

Desde o primeiro ano, eu já participava do Grupo de Mulheres e muita coisa que eu vi na cadeira de Teologia Feminista não era totalmente novo para mim como era para os meus colegas. E quanto mais nós íamos lendo e vivendo, íamos percebendo algumas coisas sutis.²³³

²³¹ **Adriane B. Dalferth Sossmeier.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 22 de junho de 2003, as 10:30 horas, na cidade de Joinville.

²³², **Idem.**

²³³ **Neuzeli Erert.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28/05/2003, as 16: 00 horas, na cidade de Blumenau.

Para esta pastora, diferente de todas as outras entrevistadas, ser identificada como feminista não foi visto como um problema.

No início eu tinha muito problema com esse nome feminista. Há várias linhas feministas, desde grupos mais radicais até menos radicais. Logo que comecei a participar do Grupo de Mulheres, começaram a me chamar de feminista. Isso me incomodava muito, porque a maneira que os colegas chamavam era pejorativa. Mas um dia, perguntei para a professora Wanda o que era feminismo. Ela respondeu-me dizendo: “O feminismo é a noção radical de que as mulheres são gente.” Então, não é o feminismo que é radical, mas a noção é radical. Disso eu não abro mão. Eu entendi assim. As mulheres são gente. Depois disso foi amadurecendo e hoje eu não me auto-intitulo feminista porque acho que seria honra demais. Ser feminista exige muito estudo, muita pesquisa, bem como a compreensão dos seus próprios termos. A Teologia Feminista é muito ampla, muito bonita. Quando você intitula-se feminista, pressupõe já um conhecimento. Então eu sou cuidadosa. Eu não acho nenhuma ofensa, eu acho muito bonito.²³⁴

Ser considerada feminista é uma condição com a qual a maioria das pastoras não compactua, com exceção desta pastora supracitada. Aqui cabem algumas reflexões levantadas por Rachel Soihet sobre o surgimento do anti-feminismo, o que ajuda a compreender o receio das pastoras em não querer ser comparadas ou confundidas como feministas. Segundo ela, o anti-feminismo surgiu na era vitoriana, quando as feministas e seus partidários lutavam pelo direito ao voto, às profissões e à propriedade. As feministas foram apresentadas como desafiadoras das sábias leis da natureza. Foram chamadas de “galinhas a cacarejar”, hermafroditas, entre outros. Já os homens que as apoiavam recebiam o nome de “solteironas de calças”. Nesse período, surgiu um anti-feminismo forte, o qual defendia que homens e mulheres deveriam ocupar esferas separadas porque tinham naturezas e capacidades diferentes e, assim, deveriam exercer funções distintas.²³⁵ Este anti-feminismo, portanto, persiste até hoje e está presente na fala das pastoras.

4 As identificações das pastoras com as Linhas Teológicas da IECLB: entre a Teologia da Libertação, o Tradicionalismo e o Pietismo

²³⁴ Idem.

²³⁵ SOIHET, Rachel. Violência Simbólica: saberes masculinos e representações femininas. In: Estudos Feministas. IFCS/UFRJ. Vol. 5. Ed: Linhares, n 1/97. pp – 7-29. p. 12-13.

4.1 A opção pela Teologia da Libertação

Observamos que grande parte das entrevistadas identificam-se com a Teologia da Libertação, mesmo simpatizando também com outras linhas teológicas existentes na IECLB. Nesse sentido, torna-se necessário entendermos o surgimento desta Teologia e seu significado. A Conferência de Medellín, em 1968, é considerada um marco histórico importante, que inaugurou uma nova etapa da cristandade. Esta etapa é marcada por três acontecimentos. Primeiramente, o sonho de desenvolvimento e o mito do progresso foram desacreditados, pois embora a América Latina tivesse se tornado independente da Espanha e Portugal este continente permaneceu sob o poderio norte-americano. As instituições cristãs, que vinham apontando para este ideal de desenvolvimento, entraram em crise. Neste período, surgiram novas formas políticas de autoritarismo em alguns países na América Latina, crescendo assim o controle do governo sob o seu país, reprimindo toda e qualquer manifestação contra esta forma de governar. A Igreja, diante deste contexto, teve que submeter-se a este tipo de governo ou ser reprimida.²³⁶ Desta forma, tanto a Igreja Católica quanto a Luterana acabaram apoiando o movimento popular que crescia e se conscientizava da necessidade de libertação dos oprimidos neste país. É neste contexto que surge a Teologia da Libertação que, segundo os teólogos, consiste em:

questionar a Teologia tradicional, que se interessa essencialmente pelo conteúdo doutrinário da fé e pela elaboração teórica (...) O cristianismo consiste fundamentalmente num *agir* histórico, e num agir em favor da libertação, e, assim sendo, a teologia tem como função compreender, à luz da Palavra de Deus, este agir, dele partindo e a ele voltando incessantemente.²³⁷

Neste sentido, a Teologia da Libertação percebeu a necessidade de libertar o oprimido, percebendo Jesus como o grande libertador.

A Conferência episcopal ocorrida em Medellín, em 1968, é considerada um marco importante para as teólogas feministas. A Teologia da Libertação e a sua opção pelos pobres e oprimidos as motivaram a elaborar uma reflexão sobre a opressão das mulheres. Segundo a teóloga Maria Pilar de Aquino, o trabalho teológico libertador

²³⁶ FERREIRA, Isabel Leal. As Teologias da libertação: iniciação à Teologia. São Paulo: Paulinas, 1981. p Idem.p. 16-17.

²³⁷Idem p. 23.

leva a sério a obra salvadora de Jesus Cristo, por isso reclama a libertação de toda a opressão, exigindo o acesso real das mulheres e homens à bem-aventurança evangélica, e propõe-se a superar toda forma de despojo e injustiças que assolam a imensa maioria dos pobres e oprimidos da terra.²³⁸

A Teologia Feminista na América Latina, na década de 70, influenciada pela Teologia da Libertação, surge com um discurso que vem lutar pela igualdade entre homens e mulheres, embora afirme que existam diferenças entre ambos. Segundo Maria Pilar Aquino, as teólogas lutaram para que as “relações entre os homens e as mulheres fossem simétricas e equivalentes, e que, efetivamente, se reconhecesse a alteridade de cada qual.”²³⁹

Esta explanação sobre o surgimento da Teologia da Libertação e da Teologia Feminista torna-se importante, porque observamos que praticamente todas as pastoras entrevistadas identificam-se mais com a Teologia da Libertação do que com as demais linhas teológicas existentes na IECLB. Elas explicam os motivos para esta escolha, apontando para a visibilidade dada às mulheres por esta linha teológica.

Na década de 80, segundo Fátima Weiss de Jesus, existia o Grupo de Mulheres, e as mulheres que participavam deste grupo também faziam parte de um grupo maior, o Partido dos Trabalhadores (PT). A Teologia da Libertação era a linha teológica comum entre esses dois grupos. Estas teólogas tratavam a questão das mulheres a partir da “perspectiva da mulher”. No início da década de 90, esses dois grupos foram extintos, sendo criado o Núcleo de Gênero, o qual teve o objetivo de romper com o pensar na questão da mulher, mas pensar em termos de gênero.²⁴⁰

As teólogas luteranas, na década de 90, tentaram repensar a sua maneira de tratar a questão das mulheres. Em 1999, surgiu na EST o Núcleo de Pesquisa de Gênero (NPG), ligado ao Grupo de Pesquisa Nacional do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sendo seu principal objetivo pensar a Teologia a partir da perspectiva de gênero.²⁴¹

A pastora Ruth L. W. Musskopf, por exemplo, considera-se da linha Tradicional e da linha da Teologia da Libertação, e explica a construção de sua identificação.

Quando saí da faculdade, eu tinha uma postura mais próxima da Teologia da Libertação. Mas com o passar do tempo, eu me defini como uma pessoa de

²³⁸ AQUINO, Maria Pilar. A teologia, a Igreja e a mulher na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1997.p. 9.

²³⁹ Idem. p. 46.

²⁴⁰ JESUS, F. W. Op. Cit. p. 94.

²⁴¹ Idem.

tradição luterana, mas também aberta para a questão política e social, sabendo que na Igreja você tem que receber forças para encarar o mundo e tentar transformá-lo. Acredito que esta transformação não poderia ser feita a partir do púlpito. No púlpito, nós temos que dar forças às pessoas para quando saírem da Igreja perceberem seu papel de cristãos lá fora. Não adianta ficar apenas cantando, louvando e achando que Deus está somente ali. Irei passar minha semana inteira embriagada com o que eu passei nesse momento e não ver meu papel de cidadã no mundo.²⁴²

Suzani Elisabeth Wander Hepp destacou também identificar-se com a Teologia da Libertação, mas afirmou não gostar de extremismos. Salientou ainda que esta teologia proporciona uma maior “abertura” para as questões sociais.

Na faculdade, identifiquei-me mais com a Teologia da Libertação. Eu venho de uma família pietista. Eu não posso dizer que me enquadro numa linha ou outra definitivamente. Tive decepções. Primeiro tentei trabalhar com a PPL, mas me decepcionei. Eu tiro o que há de melhor das duas. O extremismo acaba sempre caindo para um lado que não é o correto. As pessoas aqui sabem que eu identifiquei-me mais com a linha da Libertação porque eu sempre dei mais abertura, relaciono-me muito bem com as pessoas.²⁴³

Outra pastora, Marion Freitag, comentou que se identifica com as três linhas teológicas. Segundo ela, o pastorado deve estar envolvido com os movimentos sociais, admitindo que tende mais para a Teologia da Libertação. A linha pietista e tradicional também são adaptadas, no entanto, diz não gostar de extremos.²⁴⁴ Por sua vez, a pastora Mariane, formada em 1978, afirmou identificar-se com a linha Tradicional. Segundo ela, a linha que mais preservou a identidade luterana é a tradicional, e por isso a escolheu.²⁴⁵ Já Adriane, identifica-se mais com a linha da Teologia da Libertação e explica seus motivos.

Identifico-me com a libertação. Mas eu gosto muito daquilo que o departamento de catequese faz que é a espiritualidade. Complemento com a espiritualidade. Gosto muito de acender uma vela, de meditar, de parar, de ter um grupo de oração, mas tudo no equilíbrio, nada de exageros, porque rapidamente nós podemos perder o controle teológico. Eu coordeno um trabalho com 128 crianças empobrecidas, mas mesmo entrando fundo na área social, preciso da espiritualidade. Na época em que eu entrei na

²⁴² **Ruth L. W. Musskopf.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 21 de junho de 2003, as 14:00 horas, na cidade de Joinville.

²⁴³ **Suzani Elisabeth Wander Hepp.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Pomerode.

²⁴⁴ **Marion Freitag.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

²⁴⁵ **Mariane Beyer Ehrat.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 30 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

faculdade, a Teologia da Libertação era somente social, e eu questionava porque precisava da espiritualidade.²⁴⁶

A Teologia da Libertação também é a opção da pastora Neuzeli. Segundo ela, dentro desta linha, encontra espaço de reflexão e ação.²⁴⁷ Já Louvani identifica-se com a linha Tradicional e Pietista, mas nenhuma no extremo, embora admita que se identifique mais com a Tradicional.²⁴⁸

Como orienta Stuart Hall, os sujeitos são constituídos a partir de várias identificações, que podem ser contraditórias. Podemos perceber, através da análise das narrativas de algumas pastoras, como elas se identificam com várias linhas teológicas ao mesmo tempo. Outras se identificam somente com uma linha, como a tradicional ou a Teologia da Libertação. O que nos chamou a atenção foi o fato das pastoras fazerem questão de dizer que não são extremistas, especialmente as que optaram pela Teologia da Libertação.

5 Paulo, libertador das mulheres ou não? As pastoras luteranas discutindo os escritos do apóstolo Paulo

Deparamo-nos com discursos divergentes por parte das pastoras sobre os escritos do apóstolo Paulo. Algumas consideram Paulo libertador, outras afirmaram que ele é contraditório, mas, de alguma maneira, é apontado como libertador. A única pastora que possui um discurso diferente das demais é a pastora Neuzeli, que tratou os escritos do apóstolo Paulo a partir de um olhar de gênero. Para ela, não há possibilidade de que Paulo tenha trazido libertação às mulheres, embora ele tenha andado com muitas no seu ministério.

Em seus escritos, Paulo manifesta-se em vários momentos sobre as mulheres. Sua fala tem sido bastante utilizada para buscar uma explicação sobre o papel da mulher na Igreja. Ele tem sido interpretado de diferentes maneiras. Para a Igreja Católica, por exemplo, ele é um dos escritores-chave para não permitir que as mulheres sejam ordenadas, tornando-se ministras do evangelho, dispendo dos mesmos “poderes espirituais” que os homens. Em 1994 foi declarada a carta apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*, pelo papa João Paulo II, insistindo que

²⁴⁶ **Adriane B. Dalferth Sossmeier.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 22/06/2003, as 10:30 horas, na cidade de Joinville.

²⁴⁷ **Neuzeli Erert.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28/05/2003, as 16:00 horas, na cidade de Blumenau.

²⁴⁸ **Louvani Kuhn Hirt.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 29/5/2003, as 14:00 horas, na cidade de Timbó.

a Igreja não tem autoridade para ordenar mulheres ao sacerdócio. A passagem bíblica de I Coríntios 14: 34-35 refere-se às mulheres na Igreja. “As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E se querem aprender alguma *coisa*, interroguem em casa a seus próprios maridos, porque é vergonhoso que as mulheres falem na igreja.”²⁴⁹ Na passagem bíblica de I Timóteo 2:10-12, Paulo afirma que para as mulheres cabe o silêncio, não recebendo autoridade divina para ensinar aos homens. “Mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras. A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio.”²⁵⁰

Mas, afinal, Paulo foi ou não libertador das mulheres? Como seus escritos têm sido lidos e interpretados pelas pastoras luteranas?

5.1 Paulo: o libertador das mulheres

Para a pastora Ruth L. W. Musskopf, Paulo é libertador das mulheres e ao mesmo tempo não.

Ele é libertador e ao mesmo tempo não. Ao mesmo tempo que ele diz que não pode haver nem grego, nem judeu, nem homem, nem mulher, colocando os sexos em igualdade, por outro lado ele diz que as mulheres têm que ficar quietas na igreja. Ele mesmo se contradiz. E eu acho que ele é de uma época que tinha problemas para ser resolvidos (...) Ele escreveu tanta coisa boa e libertadora que essas passagens que dizem que o homem é o cabeça e essa que a mulher tem que ficar quieta eu o desculpo.²⁵¹

Para esta pastora, ao analisar os escritos do apóstolo Paulo e perceber que ele fala muito mais em favor das mulheres do que contra, ele torna-se libertador, apesar das contradições.

A pastora Marion Freitag afirma que Paulo teve suas razões para escrever o que escreveu sobre as mulheres. Ao citar uma experiência vivida por ela, afirma que as mulheres, em determinados momentos, precisam ser advertidas, pois elas “falam muito”. É necessário que elas se calem em alguns momentos.

²⁴⁹ BÍBLIA. traduzida de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Tridentina do Brasil. 1995. 1363 p.

²⁵⁰ Idem.

²⁵¹ **Ruth L. W. Musskopf**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 21 de junho de 2003, as 14:00, na cidade de Joinville.

Por exemplo, há mulheres na OASE que temos que mandar ficar quieta, porque acham que somente elas sabem. Acho que esta é a situação de Paulo quando escreveu para Corinto. Ele tinha companheiras muito legais com ele. Então são situações. Eu também tenho situações, que como mulher não vou aparecer. Tive uma vez uma discussão com um estudante de teologia quando eu já estava no pastorado. Ele veio fazer uma entrevista comigo para ver como eu estava no pastorado, e as mulheres no meu lado “crocheteando”. Isso foi na faculdade de Teologia e numa reunião. Primeiro lugar, foi um desrespeito para com os homens. Acho que tem hora para tudo. Fazer crocheter na hora da reunião? Eu acho que esta é a situação do apóstolo Paulo. Era uma reunião, não era hora de ficar “crocheteando”.²⁵²

Um segundo aspecto a ser analisado é quando a mesma salienta a existência de momentos em que as mulheres “devem” e “podem” aparecer, enquanto que em outros não “podem” e não “devem” aparecer. Entende-se o termo “crocheter” como fazer fofocas.

Para a pastora Suzani, o apóstolo Paulo, em alguns momentos, é contraditório. Se por um lado fala de mulheres que o acompanharam em sua jornada missionária, por outro lado exorta as mulheres em inúmeras passagens para que fiquem quietas dentro da igreja. Mas, na sua concepção, ele dá abertura para as mulheres e, de certa maneira, torna-se libertador.

As próprias cartas não são interpretadas como deveriam. Eu, em primeiro lugar, coloco os Evangelhos. Nos Evangelhos Cristo ensina. Eles devem ter prioridade. Eles estão acima de qualquer carta. As cartas de Paulo, quando ele fala das mulheres, foram escritas num momento, naquela situação. As mulheres são muito curiosas. Os homens são mais da linha tradicional. Então eu acho que as próprias mulheres queriam mais do que os homens poderiam dar. Como elas não poderiam estudar, acabavam exigindo mais dos homens e, por isso, toda essa questão de Paulo. Mas nós vemos que Paulo é muito contraditório, porque se um momento disse que a mulher deveria falar, por outro lado, exorta as mulheres a não falarem. Ele esteve preso com uma mulher, Júnia, que é colocado como homem, mas que, na verdade, é uma mulher. Então, ele também dá abertura e mostra que as mulheres trabalhavam.²⁵³

Ao falar sobre Paulo, Suzani reporta-se ao texto da criação de Adão e Eva, e ao pecado da mulher. O problema, segundo ela, está na maneira como os homens, por muito tempo, interpretaram este texto encontrado em Gênesis. Diante disso, as pessoas não entendem

²⁵² **Marion Freitag.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

²⁵³ **Suzani Elisabeth Wander Hepp.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28 de abril de 2003, na cidade de Pomerode.

direito sobre o pecado da mulher por não conhecerem o hebraico, língua originária na qual foi escrita a Bíblia. O texto bíblico de Gênesis, ao falar sobre o pecado da mulher, na verdade não está tratando de homem e mulher, mas de carne e espírito. Segundo sua interpretação, o homem (Adão) é encarado como carne, enquanto a mulher (Eva) é vista como espírito, vida. Na verdade, quem caiu em pecado foi o espírito e conseqüentemente, a carne também caiu, pois a mesma, seguindo as escrituras, é fraca. Nesse sentido, quem caiu foi o espírito, o qual é uma parte complementar do homem. Ou seja, na concepção da Pastora Suzani, homem e mulher se complementam. O homem (Adão) é a carne e a mulher (Eva) é o espírito.

A questão realmente é a interpretação que os homens fazem desses textos. É dada mais ênfase no segundo relato da criação, onde Deus tirou a mulher da costela do homem, do que onde Deus criou o homem e mulher. Esse relato que Deus tirou a mulher da costela de Adão é um relato bem posterior. As pessoas não entendem sobre o pecado da mulher se não estudarem o hebraico. Eu digo que ali os próprios homens estão colocando a mulher acima deles, porque, na Bíblia, Adão é ser humano. Eva não é nome de mulher, é a vida. É a inteligência, a sabedoria dentro de você. O próprio Paulo diz que a carne é fraca, mas o espírito é forte. Então, Adão foi tentado pelo espírito do homem, e não a carne. Por isso que não foi Adão quem pecou, mas Eva, o espírito. Se o espírito cai, automaticamente a carne também cai. Isso, no hebraico faz sentido, mas na nossa tradição não, porque é colocado como homem e mulher.²⁵⁴,

Ainda para a pastora, os escritos de Paulo não têm sido interpretados como deveriam. Segundo ela, os livros que deveriam ter prioridade para pensar as mulheres são os textos de Mateus, Marcos e Lucas, que são os chamados livros do evangelho. Esses livros falam sobre a vida de Jesus e em especial, sobre seus ensinamentos. São os únicos livros onde Jesus fala, manifesta-se, ensinando através das parábolas. São os livros onde os feitos de Jesus são narrados.

Para a pastora Mariane, o apóstolo Paulo teve uma evolução dentro de seu pensar teológico. Se ele no início do seu ministério foi muito machista com as mulheres, no final de sua jornada tornou-se menos machista e, de alguma maneira, libertador das mulheres. Salienta ainda que é importante lembrar que Paulo estava preso a um tempo histórico e isso deve ser levado em consideração. No início de seu ministério, Este apóstolo chegou a escrever, por exemplo, que as mulheres ficassem caladas na Igreja. Mas, no final de seus escritos, afirmou que “já não há mais judeu, nem grego, nem escravo, nem livre, nem homem e nem mulher”.

²⁵⁴Idem.

A pessoa é ordenada para um ministério, em ser nova criatura. A pergunta não é mais se é um homem ou mulher. A pessoa está ali para o Evangelho. Por isso, eu respeito a opinião do apóstolo Paulo, pois sabemos que ele estava dentro de um pensamento e dentro de seu tempo. No entanto, suas manifestações foram totalmente de uma nova visão, de um novo horizonte. Dentro deste pensar também que a igreja admitiu mulheres. Ela não ficou presa ao tempo do apóstolo Paulo.²⁵⁵

Por sua vez, a pastora Adriane B. Dalferth Sossmeier, analisando os escritos de Paulo, entende ser possível percebê-lo como libertador das mulheres. Na verdade, ele não poderia escrever diferente do que escreveu na sua época, porque tinha impregnado em si o valor de verdade daquele tempo e, mesmo que estivesse liberto da ideologia preconceituosa da época, não poderia escrever de uma maneira mais libertadora, pois poderia levá-lo a morte. Ela salienta também que a palavra submissão não está traduzida como deveria.

Eu não sou fundamentalista. Este é um primeiro passo. Se você vê a questão de Paulo como um todo, você consegue enxergá-lo como libertador. As pessoas precisam responder o que elas entendem por submissão. **A palavra submissão não está traduzida direito. Ela não é bem submissão. A palavra submissão é nós estarmos abertos para o outro.** (Negrito nosso)²⁵⁶

Esta pastora mencionou também que, para tornar Paulo libertador, é necessário pensar a mulher a partir dos Evangelhos e não somente a partir dos seus textos.²⁵⁷

5.2 Paulo: o não libertador das mulheres

Para Neuzeli Erert, Paulo, embora tenha trabalhado com muitas mulheres no seu ministério e tenha inclusive citado muitas delas, não foi libertador. Para ela, os escritos do apóstolo são muito cruéis. Esta pastora foi a única que se manifestou contra ele, não vendo nenhuma possibilidade de seus escritos representarem alguma libertação para as mulheres.

²⁵⁵ **Mariane Beyer Ehrat.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 30 de abril de 2003, na cidade de Blumenau.

²⁵⁶ **Adriane B. Dalferth Sossmeier.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 22 de junho de 2003, às 10:30, na cidade de Joinville.

²⁵⁷ Idem.

Os escritos do apóstolo Paulo são bastante cruéis em relação às mulheres. Eu vejo como fruto de uma época. Eu não vou torná-lo libertador. Eu acho Paulo em muitas partes libertador, mas em relação às mulheres ele não foi. Apesar de que o próprio apóstolo Paulo tenha trabalhado com mulheres. Nas cartas paulinas nós vemos muitas mulheres. Ele cita Priscila, Áquila e Lídia. Muitas mulheres andaram com Paulo, mas ele não foi libertador.²⁵⁸

Roger Chartier, ao fazer uma reflexão sobre as múltiplas leituras que os indivíduos realizam sobre um mesmo texto, e as divergências que podem existir a partir desta leitura, ajuda-nos a entender as diferentes interpretações destas pastoras sobre os escritos de Paulo. Assim também este autor demonstra como um mesmo texto é lido de maneiras diferentes em diferentes momentos históricos. As pastoras, ao afirmarem que Paulo foi libertador, apresentam um significado. Elas estão no interior de um campo de disputas para construir um saber sobre as mulheres na Igreja. De um lado está a Teologia Tradicional, que afirmou durante séculos que Paulo deixou claro que às mulheres cabia o silêncio nas Igrejas. Estas pastoras estão buscando argumentos bíblicos que justifiquem a presença das mulheres no campo do pastorado.

As pastoras que percebem o apóstolo Paulo como libertador apontam uma série de indicativos, como a necessidade de fazer uma nova interpretação de seus escritos. É necessário percebê-lo dentro do contexto de sua época para torná-lo libertador, segundo algumas pastoras. Ainda, destacam que algumas palavras, como submissão, têm sido interpretadas de maneira equivocada. É necessário rever seu significado no hebraico para entender o que esta palavra quer dizer de verdade. Sobre a queda do homem, foi destacada a necessidade de uma nova interpretação para que as mulheres não carreguem a culpa da entrada do pecado no mundo e a expulsão dos homens do paraíso.

A pastora Neuzeli, diferente das demais, afirmou que Paulo não foi libertador das mulheres e nem tinha esta intenção. Retomando Chartier, este autor declara que as opiniões contraditórias que surgem a partir da leitura de um mesmo texto devem-se aos próprios leitores, “cujas opiniões incompatíveis podem remontar não apenas à diversidade de caráter e tendências entre eles, mas também à multiplicidade de suas aptidões e expectativas”.²⁵⁹

Neste capítulo, deparamos com opiniões contraditórias presentes nos discursos das pastoras luteranas sobre a prática pastoral, a disciplina Teologia Feminista, as linhas

²⁵⁸ **Neuzeli Erert.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 28/05/2003, às 16: 00 horas, na cidade de Blumenau.

²⁵⁹ ROGER, Chartier. *Textos, impressão, leituras.* In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural.* 2 ed. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001. pp. 211-238. p. 212.

teológicas e os escritos do apóstolo Paulo. Estas contradições são frutos da maneira como ocorre a constituição dos sujeitos, que se constroem de maneira autônoma e, muitas vezes, ambígua, não seguindo uma coerência. Os sujeitos possuem várias identidades e aos historiadores, cabe registrá-las e discuti-las, como fizemos neste capítulo.

Concluimos que embora a EST tenha passado por mudanças no que diz respeito a formação das pastoras - por exemplo, na década de 80, utilizando a “perspectiva da mulher” em seus estudos; e depois, na década de 90, criando a cadeira de Teologia Feminista e, mais tarde, incluindo o gênero – essas mudanças não impediram que as estudantes de Teologia, independente da formação que receberam, buscassem suas identificações a partir de suas próprias leituras e interpretações.

6 A pastora na visão de membros luteranos

Nesta pesquisa, percebemos o quanto as pastoras têm buscado uma prática pastoral diferente daquela realizada pelo pastor. Os atributos da feminilidade, como sensibilidade, delicadeza, docilidade e emoção são vistos pelas pastoras como elementos presentes e necessários em seu pastorado. Diante desta questão, consideramos pertinente observar a visão de alguns membros luteranos em relação ao pastorado realizado por uma pastora. Para tanto, entrevistamos cinco membros da IECLB, residentes em duas regiões distintas de Santa Catarina: Indaial e Pomerode. Entrevistamos duas mulheres e três homens, com idade próxima ou acima de 50 anos, e que possuem, ou já possuíram por algum tempo, cargos de liderança em suas comunidades. Escolhemos entrevistar pessoas líderes e com cargos na Igreja por acreditar que essas pessoas, ao participarem de reuniões e trabalhos na comunidade, tiveram um convívio maior com a pastora. A escolha da faixa etária acima de 50 anos ocorreu pelo fato de que esses membros certamente presenciaram a entrada das primeiras mulheres no pastorado da IECLB. Estas entrevistas são apenas uma pequena amostragem e não têm o objetivo de generalizar as opiniões, mas buscam apenas dar uma idéia de como alguns membros têm percebido e até idealizado o trabalho pastoral realizado por uma mulher na IECLB.

Ao analisar as entrevistas, percebemos como os entrevistados fizeram questão de ressaltar como se orgulham de ter uma pastora em suas comunidades. Além disso, todos pareciam saber que a presença da pastora ainda é uma novidade em muitas Igrejas. Acredito que por isso, enfatizaram tanto que em nenhum momento tiveram problemas em aceitar

pastoras, ou que nunca ouviram nenhuma reclamação em relação a estas. Também é importante lembrarmos aqui o fato de termos nos apresentado como luterana e talvez esta identificação tenha conduzido os entrevistados a responderem dentro de uma perspectiva do “politicamente correto”, não querendo polemizar algumas questões referentes ao pastorado das mulheres.

A fala do membro Edson Huebes, demonstra como ele se orgulha da pastora. Ele tem 46 anos, é empresário em Indaial e presidente da paróquia desta mesma localidade. Afirmou que não viu problemas em relação às pastoras porque já trabalhou com mulheres em outras áreas. Lembrou orgulhoso, ainda, que sua cerimônia de casamento foi realizada por uma pastora, em 1982.²⁶⁰

Chista Wagenh Nenht, por muitos anos foi líder da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, (OASE) da comunidade de Indaial, e tem 64 anos. Ela também se orgulha de existirem duas pastoras na sua comunidade. Uma pastora permanece atualmente e seu nome é Taís O. K. Strelow, enquanto que a pastora Mariane Beyer Ehrat, a primeira a ser contratada pela comunidade, é nos dias de hoje representante do Sínodo do Vale do Itajaí. Chista, em sua narrativa, ressaltou que foi ela própria quem indicou a pastora Mariane ao presidente da paróquia de Indaial. Afirmou que já a conhecia e por isso acreditava que a mesma faria um bom pastorado. Lembra que o casamento do seu filho foi realizado pela pastora Mariane, sendo muito bem feito. Ainda, segundo ela, nunca escutou nenhuma reclamação sobre o trabalho da pastora. Pelo contrário, afirmou que os membros se apegaram a ela, e quando esta saiu da comunidade para assumir o Sínodo, muitas pessoas lamentaram por achar que somente esta pastora saberia fazer os cultos e os enterros. Muitos membros pediram para que a pastora fizesse a confirmação e o batismo de seus filhos antes de deixar a comunidade.²⁶¹

Através da análise da narrativa de Alvir Galle, de 56 anos, atualmente secretário da paróquia de Pomerode, observamos que, apesar deste membro ter afirmado que concordava com o fato das mulheres se tornarem pastoras, e tenha destacado que homens e mulheres são iguais, apesar das diferenças biológicas, lembrou que o pastorado realizado pela pastora possui uma delicadeza, o que é próprio das mulheres. “A pregação do evangelho, como tudo na vida, não pode haver discriminação de gênero, porque homens e mulheres são iguais, principalmente perante Deus. É necessário respeitar as diferenças biológicas, que são

²⁶⁰ **Edson Huebes.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 20 de abril de 2004, na cidade de Indaial.

²⁶¹ **Chista Wagenh Nenht.** Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 20 de abril de 2004, as 10.30, na cidade de Indaial.

características físicas, mas eles são iguais.”²⁶² Num outro momento da entrevista, ao perguntar sobre o trabalho realizado pela pastora, Alvir expôs:

O trabalho da pastora tem sido do mesmo nível que o trabalho dos pastores, talvez com aquela delicadeza que é característica marcante do feminino. Então, há determinadas circunstâncias que é possível que ela tenha mais sucesso no seu trabalho por esta questão. Ela desempenha melhor os trabalhos da OASE com as senhoras e com algumas áreas mais específicas. O tempo de convivência como mulher ajuda.²⁶³

Alvir destaca no trabalho realizado pela pastora sinais da feminilidade, como a delicadeza. Salientou que existem áreas dentro da comunidade com o qual a pastora, por ser mulher, identifica-se e realiza “melhor”. Ao fazer esta afirmação, Alvir reforça a existência da diferença entre os gêneros, apesar de ter destacado que ambos são iguais perante Deus. Para ele, existe uma essência própria das mulheres e outra própria dos homens e isto transparece na prática pastoral de ambos. Esta narrativa faz pensar como a pastora é percebida antes de tudo como mulher que possui características próprias, tanto físicas quanto psíquicas.

Entrevistamos Marianne S. Herweg, presidente da OASE e líder de grupos de estudos bíblicos em Pomerode. Ao perguntarmos se concordava que mulheres se tornassem pastoras, respondeu-nos positivamente e destacou a importância da presença da mulher na comunidade, pois, segundo ela, homens e mulheres possuem uma sensibilidade diferente, própria de cada sexo. Marianne lembrou que a mulher possui uma sensibilidade maior que a do homem. Destacou também que quando o aconselhamento pastoral é feito por uma pastora, as mulheres sentem-se mais a vontade para conversar assuntos íntimos, principalmente porque a pastora, por possuir esta sensibilidade, coloca-se mais no “lugar” das mulheres.²⁶⁴ Enfim, ao afirmar que as mulheres possuem uma maior sensibilidade do que os homens, pelo simples fato de serem mulheres, acaba também reforçando as diferenças entre os gêneros.

Foi entrevistado também Affonso Thiel, 66 anos, que atualmente é membro da comunidade de Indaial. Ele foi pastor desta comunidade durante 24 anos e hoje se encontra aposentado. Sua fala foi bastante significativa, pois foi um dos responsáveis pela escolha e contratação da pastora Mariane Beyer Ehrat para que atuasse na comunidade de Indaial. Esta

²⁶² **Alvir Galle**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 19 de abril de 2004, as 10: 35 horas, na cidade de Pomerode.

²⁶³ Idem.

²⁶⁴ **Marianne S. Herweg**. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 19 de abril de 2004, às 14:00 horas, na cidade de Pomerode.

pastora foi a primeira mulher a pastorear na região do grande Vale do Itajaí. Affonso Thiel concorda que mulheres sejam pastoras em virtude do Novo Testamento. Ressaltou que elas foram as primeiras a testemunhar a ressurreição de Cristo. Ainda, segundo ele, existem denominações fundamentalistas, as quais valorizam algumas passagens escritas pelo apóstolo Paulo, afirmando que as mulheres devem calar-se nas reuniões e assembléias da Igreja. Afirmou ainda que hoje se vive um outro tempo, em que tem-se buscado a igualdade entre homens e mulheres, por isso a Igreja não deve deixá-las de lado. As mulheres devem possuir voz ativa na Igreja.²⁶⁵

Thiel, ao falar sobre a convivência com a pastora Mariane, e a entrada desta na profissão, destacou que na região do Vale do Itajaí foi o único que, na época, aceitou uma pastora em sua paróquia. O receito com relação às pastoras, segundo ele, seria pela existência de dúvidas em relação ao trabalho realizado pelas pastoras e, principalmente, porque a direção da IECLB tinha receio de que os membros não as aceitassem. Este pastor afirmou que, na ocasião da entrada da pastora Mariane na comunidade de Indaial, fez a ela algumas recomendações importantes e que não deveriam ser esquecidas ao longo do seu trabalho. Ele relatou: “Eu sempre disse a ela: você é mulher, então vai realizar seu trabalho como pastora e também como mulher, não se esquecendo desta condição. Não queira ser homem. Você é mulher e isso você deve deixar transparecer em toda a sua atuação.”²⁶⁶

A fala deste pastor nos leva a refletir que quando as pastoras começaram a exercer o pastorado em determinada comunidade, como no caso da Mariane, que foi uma das primeiras pastoras formadas pela IECLB, foi imposta uma condição: a de que ela deveria realizar seu trabalho primeiramente como mulher. Ou seja, mulher, nesse sentido, significa possuir atributos femininos. Isso denota que a própria IECLB estava preocupada em deixar bastante claro, pelo menos no início do exercício do pastorado pelas mulheres, que as mesmas deveriam deixar “transparecer”, na prática pastoral, a sua condição feminina. Não se igualar ao homem também era uma recomendação importante.

O relato acima permite pensar como, desde o início da entrada das pastoras no campo pastoral, elas foram “incentivadas” a procurar, a construir e elaborar uma prática pastoral mais própria e diferenciada daquela praticada pelo pastor. Por isso, observamos a busca das estudantes de Teologia por uma base para pensar seu trabalho, busca esta que foi influenciada, já na década de 70, pelas discussões teológicas e, em muitos casos, feministas.

²⁶⁵ Affonso Thiel. Entrevista realizada por Josilene da Silva, em 20 de abril de 2004, 10:00 na cidade de Indaial.

²⁶⁶ Idem.

Concluindo, observamos que os membros luteranos entrevistados concordam com as que mulheres sejam pastoras, mas as percebem, antes de tudo, como mulheres que possuem na sua essência atributos próprios ao seu sexo, como a sensibilidade que transparece ou “deve” transparecer no seu pastorado. Percebemos que estes luteranos observam a pastora a partir de um olhar diferencialista de gênero, e também “cobram” ou “esperam” que as mesmas possuam tais atributos femininos no exercício do seu ministério. A visão destes membros, portanto, é baseada no feminismo da diferença, segundo o qual a mulher deve lutar e ter o direito de exercer o pastorado, mas não deve esquecer de sua condição feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *presença* das estudantes de Teologia na Escola Superior de Teologia (EST) gerou uma série de debates sobre as mulheres no campo religioso e na própria sociedade. Observamos que esses debates tornaram-se divergentes em vários momentos. Foram as estudantes de Teologia que iniciaram estas discussões, buscando, desde o início, uma aproximação cada vez maior com as teorias feministas.

Foi através da análise de alguns jornais luteranos e outros materiais bibliográficos que encontramos discursos divergentes sobre a situação das mulheres. Esta divergência nos mostra como as relações de poder permeiam a construção do gênero, pois muitos luteranos defendiam a noção de que as mulheres deveriam continuar responsáveis pelo espaço privado, como o cuidado da casa, sendo esta a sua função natural e divina. De forma diferente, outros luteranos, dentre eles as próprias estudantes de Teologia, introduziram no meio luterano discursos que tentam flexibilizar os papéis ditos femininos e masculinos, mostrando as possibilidades e capacidades das mulheres atuarem em várias áreas profissionais, como também de exercerem várias funções dentro das Igrejas, como o pastorado.

A partir da *presença* das mulheres na EST, também foi possível observar a construção de experiências de mulheres no púlpito. As vivências das pastoras nas Igrejas luteranas, fato percebido desde a década de 70, foram narradas de forma diferente. Observamos que as primeiras pastoras contam suas trajetórias como uma experiência difícil, pois, segundo elas, encontraram inúmeras dificuldades de exercerem o pastorado, especialmente por serem mulheres. Num segundo grupo de pastoras, especialmente as formadas entre a década de 90 a 2000, narram não ter encontrado tantas dificuldades na sua aceitação como pastoras, e quando encontraram, não entraram em confronto com a Igreja, mas buscaram estratégias para solucionar as “eventuais” dificuldades.

A pastora, um sujeito novo na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), foi sendo construída a partir de sua *presença*, e esta em construção, continua até os dias atuais. As próprias pastoras, desde sua entrada na EST, procuraram se pensar como pastoras e também buscaram elaborar uma prática pastoral própria. Por outro lado, os próprios membros também procuraram construir a pastora a partir de seus discursos e percepções. É assim que as identidades são construídas, numa relação com o outro, e o discurso tem uma

participação fundamental nesta construção, pois em seu bojo se constituem as relações de poder que normatizam sujeitos, ditam e refletem práticas sociais.

Pudemos também observar a preocupação das pastoras em elaborar uma prática pastoral diferente daquela exercida pelo pastor. Ser pastora, para muitas delas, significa ser mulher e isto deve ser lembrado na sua prática pastoral. Todos os atributos ditos femininos têm que acompanhar o seu trabalho. Esta idéia chega a ser uma cobrança feita pelos próprios membros, como pudemos perceber no final do terceiro capítulo.

Através da análise das entrevistas realizadas com pastoras luteranas, observamos que estas muitas vezes têm pensado o pastorado de maneira muito própria e independente da formação que receberam na EST. Desde a década de 70 as mulheres têm acesso à Teologia na EST, mas observamos que a sua formação nesta área passou por algumas transformações. Essas transformações se deram, principalmente, em relação ao tipo de teoria feminista utilizada pela faculdade para pensar as mulheres no campo religioso, pois observamos que esta instituição acompanhou as discussões feministas, sendo influenciada por elas. Por exemplo, na década de 70, as primeiras pastoras foram em busca de uma literatura do feminismo corrente na época para dar suporte às suas discussões e, inclusive, para sua presença na EST. Elas acabaram identificando-se com um feminismo que reforça a diferença entre homens e mulheres e passaram a pensar o pastorado a partir desta diferença, tentando elaborar uma prática teológica onde o feminino pudesse ter seu espaço. Em 1980, foi criado o “Grupo de Mulheres”, no interior do qual as estudantes de Teologia adotaram a categoria mulher para fazerem suas reflexões teológicas. Elas buscaram a igualdade das mulheres, que nesta época era o tema central do feminismo. Por sua vez, na década de 90, as estudantes começam a utilizar a categoria de análise de gênero em seus trabalhos, abrindo novas discussões sobre gênero e religião.

A formação das pastoras, apesar de ter sido influenciada pelas discussões feministas, não segue necessariamente uma ordem. Ao analisarmos os discursos das primeiras pastoras e das mais novas percebemos que seus discursos são divergentes quanto a identificação com as teorias feministas. Praticamente todas as pastoras formadas na década de 70 reforçam a diferença entre pastores e pastoras, bem como a necessidade de criar uma prática teológica pautada na sua especificidade feminina. Na década de 80, apesar das pastoras assumirem uma postura de busca da igualdade, elas também se mostram diferencialistas. Às vezes, num mesmo discurso conseguimos identificar falas contraditórias, como no caso da pastora Ruth Muskopff. Na década de 90, apesar do gênero ter sido adotado na cátedra de Teologia

Feminista, percebemos que muitas pastoras formadas nesta época identificam-se tanto com o feminismo que reforça a diferença entre os sexos, quanto com o feminismo que enfatiza mais a luta pela igualdade.

É necessário ponderar também que, para estas mulheres pudessem ser aceitas nas comunidades luteranas onde foram atuar, era forçoso repetir à exaustão o discurso da Tradição, eminentemente masculino. As comunidades, principalmente do interior catarinense, e de origem imigrante, são conservadoras. A ousadia em matéria de interpretação dos textos bíblicos, e dos ritos, podia implicar – como parece que implicou – na perda de autoridade e até mesmo na exclusão da pastora no convívio com os fiéis. Parece mesmo que o casamento com um pastor era o aval de competência das pastoras, se não para a sua aceitação na comunidade, ao menos como garantia para assegurar seu papel principal – o de esposa e mãe. O “diálogo”, ao longo dos depoimentos, entre o que pretendiam ser e o que realmente são, em termos sociais e profissionais, é testemunho da realidade vivida e da força do imaginário e das representações sociais que permeia a história de todas as sociedades humanas.

Por fim, destacamos que esta dissertação não teve o objetivo de ser uma pesquisa fechada e acabada. O seu objetivo foi de instigar outros pesquisadores a mergulharem no campo dos estudos de gênero e religião, uma combinação que tem crescido nos últimos anos. Este trabalho sobre a IECLB mostrou o quanto o campo religioso necessita da análise de gênero, pois, como vimos, esta Igreja tem buscado fazer suas próprias reflexões sobre gênero e religião. Este trabalho foi uma contribuição para pensar a formação das pastoras luteranas na EST, suas experiências como pastoras e de que maneira elas têm pensado a sua prática pastoral.

FONTES

1. Arquivos

Arquivo Histórico da IECLB (São Leopoldo/RS)

Arquivo Municipal de Blumenau/SC

Arquivo do Sínodo do Vale do Itajaí (Blumenau/SC)

2. Jornais pesquisados

Os jornais pesquisados foram A Voz do Evangelho e Jornal Evangélico, os quais circularam, respectivamente, nas décadas de 60, 70 e 80.

3. Entrevistas

Pastoras entrevistadas	Data e local de nascimento	Ano da formação
Mariane Beyer Ehrat	1955 – Blumenau/SC	1978
Marion Freitag	1957 - Presidente Getúlio/SC	1981
Taís Strelow	1956	1983
Wanda Deifelt	Estrela/ RS	1985
Ruth L. W. Musskoff	1974 - Palmitos/SC	1987
Suzani Elisabeth Hepp	1957 - Giruá/RS	1988
Adriane B. Dalferth Sossmeier	1966	1996
Zirlei Horst Pereira	1971- São José/SC	1999
Louvani Kunh Hirt	1968 - Independência/RS	2001
Neuzeli Erert	1977 - Caco Alto/RO	2002

Luteranos entrevistados	Data e local de nascimento	Comunidade que participa
Edson Huebes	1958 – Indaial	Indaial
Chista Wangenh Nenht	1939 – Indaial	Indaial
Alvir Galle	56 anos -Porto União/SC	Pomerode
Marianne S. Herweg		Pomerode
Afonso Thiel	1928 - Ituporanga	indaial

4. Bibliografia

AQUINO, Maria Pilar. A Teologia, a Igreja e a Mulher na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1997.

BLÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, Brasil, 1995.

BRAKEMEIER, Ruthild. Mulheres e Homens unidos na missão. In: Roteiros de Trabalho da OASE. Não negligencieis a prática do bem e a mútua cooperação; pois com tais sacrifícios Deus se compraz. 1981. p. 9.

BECKER, Lauri. Ordem auxiliadora de senhoras evangélicas: OASE: a mulher buscando o espaço que lhe foi negado na sociedade e na igreja. Um caminho para a conscientização e libertação da mulher. Trabalho (Conclusão de Curso) – Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1988.

BERGESCH, Karen. Cristologia Feminista. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1994.

BLASI, Márcia. “Silêncio no paraíso”: Sobre o uso de elementos culturais na opressão da mulher. Trabalho Semestral. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1995.

DALFERTH, Heloisa Gralow. A visão do feminino em Jerônimo: um estudo a partir de quatro necrólogos. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1987.

DEIFELT, Wanda. Teoria feminista y metodologia teológica. Vida y Pensamiento. Vol. 14, n 1, 1994, p. 9 a 14.

_____ A prática da Teologia em uma perspectiva feminista. O caso da violência doméstica. In: Prática cristã: novos rumos. Mulheres pregadoras; uma tradição da Igreja.

_____ THEOPHILOS – Revista de Teologia e Filosofia. Canoas, n. 2, 2º Semestre de 2001.

_____ Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a Bíblia das mulheres. Editada por Elisabeth Cady Stanton. In: Estudos Teológicos. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo, Ano 32, 1992. p. 5-13.

_____ Palavra e outras palavras: a teologia, as mulheres e o poder. In: Estudos Teológicos. Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo. n. 1, ano 36, 1996.

_____ Os tortuosos caminhos de Deus: Igreja e homossexualidade. In: Estudos Teológicos. Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. v. 39, n.1, 1999. pp.36-48.

EGGERT, Edla. Educa-teologiza-ção: fragmentos de um discurso teológico (mulheres em busca de visibilidade através da narrativa transcriada). Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1998.

GROSSMANN, Carla Andréa. O aconselhamento pastoral a partir de uma ótica feminista. TCC. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1995.

GOMES, Carmem Etel Alves. Liturgia e missão na perspectiva feminista. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1999.

GIERUS, Renate. História das mulheres cristãs: uma historiografia feminista do cristianismo na América Latina e no Caribe. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 2000.

_____ Muçulmanas em movimento: caminhando no mundo islâmico. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1996.

KRÜGER, Carla Suzana. As mulheres e o ministério ordenado na igreja: um estudo sobre a ordenação de mulheres na IECLB. Trabalho Semestral. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1996.

KLEN, Vânia Moreira. A mulher e a serpente: Gn 3:1 – 7: perspectiva para leitura. Trabalho Semestral. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 1992.

LUDCKE, Elaine. Gn 2:4b – 3.24. A base para a submissão feminina? Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1997.

MUSSKOPF, Ruth L. Winchler. O falar de Jesus sobre Deus como pai nos evangelhos sinóticos e suas implicações para uma teologia feminista. Trabalho (Conclusão de Curso) Escola superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1988.

OLIVEIRA, Elizabete da Conceição Paiva de. Teologia e corpo: leitura da corporalidade cristã a partir da perspectiva feminista. Projeto Final do Curso de Pós-graduação Lato Sensu de História e Teologia. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 2001.

PLETSCH, Rosane. Diaconia feminista: uma resignificação do conceito de servir. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 2001.

SCHWARZ, Aneli. Buscando por uma ética feminista de libertação sexual. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1994.

SCHREIBER, Eldo. Enchei-vos do Espírito Santo. Florianópolis: Edição do Autor, 2003.

STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004. 318 p.

WEISSHEIMER, Vera Cristina. Brujas nos tempos de Lutero: as mulheres que ajudaram a escrever a história da Reforma Luterana. Trabalho Semestral. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1994.

WENDLAND, Heinz Dietrich. Ética do Novo Testamento: uma introdução. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

ZIRBEL, Ilze; KLEN, Vânia Moreira. As mulheres em direção ao estudo teológico. Trabalho (Conclusão de Curso). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1994.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BEAUVOIR, Simone. A mulher casada. In: O segundo sexo. 2. A experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, pp. 165 – 249, p. 166.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: fatos e mitos. Parte I. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968, p. 10 a 11.

BELOTTI, Elena Gianini. Educar para a submissão: o descondicionalismo da mulher. 6 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo. Ed: Perspectiva, 1988.

BRESCIANI, Maria Stella. O anjo da casa. In: História & Perspectivas. Uberlândia, (7): 191-223, jul./dez. 1992.

CAPELATO, Maria Helena R. Imprensa e História do Brasil: Imprensa oficial e imprensa contestadora. O jornal como documento. O papel do jornal na História. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. Artes de fazer. In: A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. pp-33-57.

CHARTIER, Roger. Comunidade de leitores. In: A ordem dos livros: leitores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2 ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural: 2 ed. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001. pp. 211-238. p. 212.

_____. Introdução. In: A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

COSTA, Suely Gomes da. Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. In: Estudos Feministas. Vol. 10, nº1/2002, p. 301-323.

DAVIS, Natalie Semon. Nas Margens: três mulheres do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

_____. Mulheres urbanas e mudança religiosa. In: Cultura do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, pp.63 – 86.

DUBY, Georges. O cavaleiro, a mulher e o padre. Dom Quixote. Lisboa, 1981.

_____. Idade Média: idade dos homens: do amor e outros ensaios. Tradução Jônata Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 30.

FERREIRA, Isabel Leal. As Teologias da libertação: iniciação a Teologia. São Paulo: Paulinas, 1981.

FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FREIBERG, Maristela Livia. Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS, 1997.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. Tradução Laura Fraga de Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. p. 8-10.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. Práticas de Leituras. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HALL, Catherine. Swet Home. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges. História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia dos Livros, 1991.

JESUS, Fátima Weiss de. “As mulheres sem tranças”: uma etnografia do ministério pastoral feminino na IECLB. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Santa Catarina. 2003. 106 p.

MALUF, Marina. Ruídos da memória. São Paulo: Siciliano. 1995.

MENDONÇA, Antonio G. Evolução Histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio G e FILHO, Prócolo Velasques. Introdução ao protestantismo no Brasil. Edições Loyola.

MARTELLI, Stefano. A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: Estudos Feministas. Florianópolis, n. 2/2000, p. 09-41.

NUNES, Maria José Fontelas Rosado. De mulheres e de deuses. In: Estudos Feministas. CIEC/ECO/EFRJ. n. 5.0/1992, pp. 5-30.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Campinas. São Paulo: Fontes, 1987, p. 221

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. In: Revista Catarinense de História. n. 2, 1994, pp- 35-43

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 15.

PERROT, Michelle. Mulheres públicas; tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998. p. 8-9-10.

RANKE HEINEMANN, Uta. Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Tradução Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

ROHDEN, Fabíola. Feminismo do sagrado: uma reencenação romântica da diferença. In: Estudos Feministas. IFSC/UFRJ.vol. 4. n.1.1996, pp. 96- 117.

SCOTT, Joan W.. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. In: Educação e Realidade. Porto Alegre 16 (2),: 5:22, jul/dez, 1990.

_____. A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

_____. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.) A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo. Ed: UNESP, 1992, pp 63-95.

_____. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite, LAGO, Mara Coelho de Souza, RAMOS, Tânia Regina (org.) Falas de gênero: teorias, análises, leituras. Florianópolis: Mulheres, 1999, p. 24.

SHIVA, Vandana. Abrazar la vida: mujer, ecología y desarrollo. Montevideo: Horas y HORAS. 1995, p. 13.

STUART, Hall; HATHRYN, Woodward. Quem precisa de identidade? In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva. (org.) Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SIRINELI, Jean – François. A Geração. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 133-137.

SOIHET, Rachel. Violência Simbólica: saberes masculinos e representações femininas. In: Estudos Feministas. IFCS/UFRJ. Vol. 5. Ed: Linhares, n 1/97. pp – 7-29.

WERMANN, Günter K. F. A polarização de linhas teológicas na IECLB – I. In: HOCH, Lolhar. Formação teológica em terra brasileira: Faculdade de Teologia da IECLB – 1946-1986. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1986.

ANEXO

ORGANOGRAMA DA IECLB



